

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS CULTURAIS

GUILHERME SILVA PIRES DE FREITAS

As seleções de futebol multiculturais da União Europeia

São Paulo
2017

GUILHERME SILVA PIRES DE FREITAS

As seleções de futebol multiculturais da União Europeia

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais.

Área de Concentração:
Estudos Culturais

Orientador:
Prof. Dr. Luiz Gonzaga Godoi Trigo

São Paulo
2017

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO

(Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Biblioteca)

Freitas, Guilherme Silva Pires de
As seleções de futebol multiculturais da União Europeia /
Guilherme Silva Pires de Freitas ; orientador, Luiz Gonzaga Godoi
Trigo. – São Paulo, 2017
101 f.

Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Programa de Pós-
Graduação em Estudos Culturais, Escola de Artes, Ciências e
Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo.
Versão original

1. Futebol - Europa. 2. Copa do mundo. 3.
Multiculturalismo. 4. Identidade nacional . 5. Globalização. I.
Trigo, Luiz Gonzaga Godoi, orient. II. Título

CDD 22.ed.- 796.334094

Nome: FREITAS Guilherme Silva Pires de

Título: As seleções de futebol multiculturais da União Europeia

Dissertação apresentada à Escola de Artes,
Ciências e Humanidades da Universidade
de São Paulo para obtenção do título de
Mestre em Filosofia pelo Programa de
Pós-Graduação em Estudos Culturais.

Aprovado em: ___ / ___ / _____

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

DEDICATÓRIA

Aos meus pais e minha família, o alicerce da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço à coisa mais importante da minha vida: minha família. Sem eles jamais estaria escrevendo essas páginas e essa dissertação de mestrado. Ao longo desses 31 anos de vida, foram eles que sempre me incentivaram a seguir em frente. Principalmente meus pais, Jefferson e Célia, que são o alicerce da minha vida e os responsáveis por eu ter chegado até aqui. Agradeço ainda meus irmãos Felipe e Laura, pela irmandade e apoio, minha madrasta Golda e meus tios. À memória de meus avós maternos que infelizmente partiram antes de verem a conclusão dessa pesquisa e meus avós paternos que mesmos com a saúde debilitada ao longo da produção desse projeto tenho certeza que estão orgulhosos de onde seu neto chegou.

Agradeço também aos meus professores ao longo desses três anos de pesquisa. Especialmente ao meu orientador Prof. Dr. Luiz Gonzaga Godoi Trigo, pelos conselhos, auxílios, sugestões e comprometimento ao longo do desenrolar dessa dissertação. Sua companhia e as conversas que tivemos no decorrer dessa caminhada foram de grande importância para meu amadurecimento e crescimento.

Aos professores Carlos Gonçalves, Marco Bettine, Valéria Guimarães, Soraia Ansara, Ricardo Santhiago, Flávio de Campos, Veronica Guridi e Madalena Aulicino que de alguma forma me ajudaram no decurso das aulas com sugestões de bibliografia, conselhos e recomendações. Aos professores José Renato Araújo e Edmur Stoppa pelas valiosas observações durante o exame de qualificação. Ao professor José Paulo Florenzano pela ajuda e por ter “me dado uma luz” para seguir em frente quando este projeto ainda estava engatinhando. E à professora Ana Lúcia Padrão, minha monitora ao longo do mestrado, que com sua energia me motivou a prosseguir.

Também não poderia me esquecer dos colegas de mestrado em Estudos Culturais e de outros cursos com quem encontrei e dividi salas de aula durante esta jornada. As conversas, confissões e companhias me ajudaram, ou melhor, ajudaram-nos. Afinal, passamos por essa caminhada juntos e no fim iremos triunfar. Todos foram e são importantes para mim. E também fica aqui meu agradecimento a Juliana Schiavoni pela revisão e correção dessa dissertação e minha gratidão a outros amigos que de certa forma colaboraram com esse mestrado. A todos meu eterno obrigado.

Uma partida de futebol é muito mais que uma disputa esportiva, de técnica, tática, habilidade e criatividade. É também um espetáculo lúdico, de grande emoção, em que estão presentes todos os sentimentos e contradições humanas. É uma metáfora da vida. [...] O futebol é mais do que um jogo.

Tostão (2013)

RESUMO

FREITAS, Guilherme Silva Pires de. **As seleções de futebol multiculturais da União Europeia**. 2017. 101f. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Versão original.

O principal objetivo desta pesquisa será apresentar a evolução histórica das seleções multiculturais da União Europeia (UE) nas disputas da Copa do Mundo, principalmente no período entre 1990 e 2014, e compreender como fatores sociais e imigratórios influenciaram no crescimento destes selecionados, mostrando que a evolução de atletas com essas características não foi algo surpreendente, e sim reflexo das mudanças pelas quais passaram os países europeus e das conquistas sociais alcançadas por minorias nesse período. A utilização de futebolistas de origem estrangeira pelos selecionados europeus acontece desde a primeira edição dos Mundiais, porém, a partir da década de 1990, vem registrando-se um aumento de jogadores deste perfil. Estas equipes já estão difundidas no cenário futebolístico e a tendência é que cresçam cada vez mais, visto que as atuais seleções são um espelho da sociedade multicultural da UE. Os selecionados também ajudam a buscar uma maior compreensão sobre estas novas identidades nacionais vigentes, que são reflexos das transformações étnicas, culturais e migratórias pelas quais a Europa vem passando desde o século XX. Mesmo sendo razoavelmente internacionalizado, o futebol europeu ainda registra casos de intolerância e preconceitos devido ao choque entre as tradicionais e as novas identidades. O futebol, sendo uma das principais atividades da cultura popular, pode contribuir para entender melhor como este multiculturalismo se reflete nas identidades no contexto da União Europeia, bloco que completou 60 anos em 2017.

Palavras-chave: Identidade nacional. Futebol. Multiculturalismo. União Europeia. Imigração.

ABSTRACT

FREITAS, Guilherme Silva Pires de. **The European Union's multicultural football national teams**. 2017. 101f. Dissertation (Master in Cultural Studies) – School of Arts, Sciences and Humanities, University of São Paulo, São Paulo, 2017. Original version.

The main objective of this research will be to present the historical evolution of the European Union's multicultural teams in the World Cup, mainly between 1990 and 2014, and to understand how social and immigrant factors influenced the growth of these teams, showing that the evolution of athletes with these characteristics was not be surprising, but a reflection of the changes that European countries passed and the social achievements of minorities in that period. The use of foreign football players by the European national teams happens since the first edition of the World Cup, however, from the decade of 1990 has been registering an increase of players in this profile. These teams are already widespread on the football scene and the tendency is for them is to grow even more as the current teams are a mirror of the EU's multicultural society. Those national teams also help to try understanding of these new national identities, which are reflective of the ethnic, cultural and migratory transformations that Europe has been experiencing since the 20th century. Although reasonably globalized, European football still has intolerance cases and prejudice due to the clash between traditional and new identities. Football, being one of the main activities in a popular culture, can help to better understand how this multiculturalism is reflected in identities in the context of the European Union, a trade bloc that turned 60 years in 2017.

Keywords: National identity. Football. Multiculturalism. European Union. Immigration.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CBS	Bureau Central de Estatísticas da Holanda
CECA	Comunidade Europeia do Carvão e do Aço
CE	Comunidades Europeias
CEE	Comunidade Económica Europeia
Destatis	Departamento Federal de Estatística da Alemanha
DFB	Federação Alemã de Futebol
Eurostats	Gabinete de Estatísticas da União Europeia
Eurotom	Comunidade Europeia de Energia Atômica
FA	The Football Association
FFF	Federação Francesa de Futebol
FIFA	Federação Internacional de Futebol
FPF	Federação Portuguesa de Futebol
INE	Instituto Nacional de Estatística de Portugal
INED	Instituto Nacional de Estudos Demográficos da França
INF	Instituto Nacional do Futebol da França
INSEE	Instituto Nacional da Estatística e Estudos Económicos da França
KNVB	Real Associação de Futebol da Holanda
ONU	Organização das Nações Unidas
OTAN	Organização do Tratado do Atlântico Norte
UE	União Europeia
UEFA	União das Federações Europeias de Futebol

Sumário

1. INTRODUÇÃO	11
2. OBJETIVOS, REVISÃO DA LITERATURA E METODOLOGIA.....	18
2.1 Objetivos da dissertação e delimitação do problema	18
2.2 Metodologia e pensamento de autores	18
3. PROCESSO DE GLOBALIZAÇÃO NA UNIÃO EUROPEIA.....	34
3.1 Criação e consolidação da União Europeia.....	34
3.2 O impacto da imigração na União Europeia	37
3.3 As novas identidades da União Europeia.....	42
4. AS SELEÇÕES DE FUTEBOL MULTICULTURAIIS.....	46
4.1 Os primórdios das seleções multiculturais	46
4.2 A vitória da França multicultural em 1998	52
4.3 A popularização das seleções multiculturais.....	55
4.4 Multiculturalismo no futebol europeu: realidade cada vez mais presente.....	59
5. INFLUÊNCIAS NO AUMENTO DE JOGADORES MULTICULTURAIIS NAS SELEÇÕES NACIONAIS.....	63
5.1 O aumento dos imigrantes nos países pesquisados	63
5.2 Atual situação social dos imigrantes e seus descendentes.....	67
5.3 Integração por meio da bola: projetos sociais do futebol.....	70
6. OS EFEITOS NEGATIVOS DO MULTICULTURALISMO NO FUTEBOL EUROPEU	76
6.1. Racismo.....	77
6.2 Xenofobia.....	78
6.3 Homofobia.....	78
6.4 Machismo	80
6.5 Intolerância religiosa.....	81
7. CONCLUSÃO	83
REFERÊNCIAS	88
ANEXO.....	99

1. INTRODUÇÃO

Dia 26 de outubro de 1863. Nesta data, nasceu oficialmente aquela que se tornaria a modalidade esportiva mais popular do mundo alguns anos depois: o futebol. Representantes de escolas e clubes da elite inglesa reuniram-se na Freemasons Tavern, no centro de Londres, para uma reunião que visava unificar as diferentes regras do jogo das escolas inglesas, ratificar a definitiva separação da nova prática esportiva com o rúgbi e fundar a The Football Association, entidade que viria a ser responsável pela atividade lúdica na Inglaterra.

Inicialmente, a recém-oficializada modalidade era disputada apenas pela elite inglesa do século XIX e difundida como uma prática importante para a saúde física, promoção do espírito de equipe, formação de caráter e diferenciação social, sendo vista como uma atividade nobre (CONN, 2005, p. 20). Uma visão totalmente diferente da era medieval em que autoridades enxergavam o futebol como uma atividade antissocial e violenta. Registros históricos mostravam que este era um dos passatempos favoritos em determinadas regiões da Inglaterra e que normalmente deixava adeptos gravemente feridos ou terminava em pancadarias generalizadas (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 260).

Por ser um esporte de regras simples e acessível, passou a se expandir rapidamente atraindo a atenção das demais classes sociais inglesas, como operários e membros da classe média baixa que começaram a praticar o jogo como atividade de recreação a partir da década de 1870. Como afirma Conn (2005, p. 20), o futebol tornou-se rapidamente um fenômeno de massa e levava milhares de pessoas para os campos semanalmente. Donos de clubes oriundos das fábricas passaram a incentivar seus atletas por meio de premiações pelas vitórias, o que desagradou os clubes tradicionais da elite e que, posteriormente, culminaria com a profissionalização da modalidade em 1885 (HOBSBAWM; RANGER, 2012, p. 365).

O futebol acabou expandindo-se para outros países. Primeiramente para Escócia, Irlanda e País de Gales, membros do Reino Unido e que passaram a praticar a novidade. O primeiro jogo amistoso oficial envolvendo seleções nacionais aconteceu em 1872, na cidade de Partick, reunindo a anfitriã Escócia e a Inglaterra que empataram sem gols na partida disputada no Parque Hamilton Crescent.

Foram os cidadãos ingleses que trabalhavam ou estudavam no exterior que apresentaram e levaram a novidade para outros países. Entre o fim do século XIX e começo do século XX, diversos Estados europeus fundaram suas associações nacionais de futebol

devido à influência inglesa. Holanda, Dinamarca, Suíça, Bélgica, Itália, Alemanha, Hungria, Noruega, Suécia, Áustria e Espanha foram os pioneiros. O futebol também atravessou os mares para chegar a lugares distantes, como a Nova Zelândia, o continente americano, a Argentina, Chile, Uruguai, Brasil, Canadá e Estados Unidos, e as colônias africanas onde apenas os colonizadores podiam praticá-lo. Em 21 de maio de 1904 foi fundada em Paris a Federação Internacional de Futebol, a nova responsável pelas regras do futebol mundial (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 41-42).

A criação de todas essas associações nacionais e internacionais é exemplo de como o futebol não seria apenas uma moda passageira ou uma novidade que em pouco tempo cairia no ostracismo. Foi algo muito mais forte, afinal, cada país fazia questão de ter sua federação, inclusive os novos Estados que foram conquistando suas independências no decorrer do século XX e meses depois já tinham suas confederações e seleções nacionais, casos de Argélia, Gana e Bósnia e Herzegovina apenas para citar alguns exemplos. Segundo Pascal Boniface (1998, p. 17), a equipe nacional não era apenas resultado da criação de um Estado, até porque em algumas ocasiões ela ajudou a forjar uma nação. Por meio de sua simplicidade, o futebol fincou bandeiras e conquistou todos esses territórios superando as barreiras esportivas.

Um fator importante para a modalidade conseguir se expandir dessa forma foi integrar-se às diferentes culturas e tradições nesses Estados onde aportou. De uma forma ou de outra, essa prática esportiva conseguiu conquistar a aceitação das sociedades locais para se estabelecer. Afinal, representa algo muito mais poderoso que um mero jogo esportivo. Trata-se de uma questão social, política, cultural, econômica e diplomática (BONIFACE, 1998, p. 11).

No entanto, em alguns locais o futebol não se tornou este fenômeno de popularidade, principalmente nas antigas colônias do Império Britânico. Países como Estados Unidos, Índia, Canadá, Austrália e Paquistão são exemplos onde o futebol não se estabeleceu como protagonista, embora venha conquistando novos adeptos e praticantes, principalmente nos Estados Unidos, Austrália e Índia que nos últimos anos investiram muito dinheiro em seus campeonatos locais contratando atletas famosos mundialmente. É difícil apontar um motivo para o porquê desta não popularização, embora existam algumas teorias para tal.

De acordo com Machado (2009), os esportes modernos que surgiram na Inglaterra sofreram oposição local por serem vistos como mais um instrumento de imposição da dominação colonial. Nos Estados Unidos, principalmente, foram inventadas outras

modalidades, que viriam a ser populares mundialmente como o basquete, o vôlei e o futebol americano, talvez como forma de fazer frente a esta influência britânica e reforçar um orgulho nacional. Afinal, a ascensão do esporte proporcionou também novas formas de expressão do nacionalismo (HOBSBAWM; RANGER, 2012, p. 378). Mas por que em algumas ex-colônias os esportes ingleses fizeram sucesso e o futebol não?

Talvez devido ao processo de profissionalização do futebol na Inglaterra, que permitiu aos times de origem popular participar de competições nacionais dando maior visibilidade aos operários que ascenderam socialmente por meio do esporte. Influenciar a prática de uma modalidade que iria valorizar as camadas mais baixas seria um risco à hegemonia dos governos coloniais que poderiam ver seus dominados reivindicarem por maiores direitos. Outro fato que reforça este argumento é que modalidades como críquete e rúgbi, muito populares na Índia e na Nova Zelândia, por exemplo, sempre estiveram associados à aristocracia britânica e aderiram ao profissionalismo apenas em 1962 e 1995, respectivamente, quando o Império já havia sucumbido. E na Austrália e no País de Gales, foram criadas versões adaptadas do futebol, com uma forte influência do rúgbi, revelando um nacionalismo local.

É difícil chegar a uma resposta definitiva sobre o porquê de o futebol ter tido menos sucesso nas colônias britânicas, mas esse raciocínio de impedir que colonos e minorias pudessem usar a modalidade como instrumento para ameaçar a ordem local faz sentido pensando no poderio imperial britânico durante o fim do século XIX, mesmo período de expansão mundial do futebol.

Com mais de 150 anos de história, a modalidade hoje é completamente diferente daquela proposta em 1863, deixando de ser uma atividade elitista e se transformando em um esporte de massas. Também não é mais amador, e sim amplamente profissional. Atualmente, a Federação Internacional de Futebol (FIFA) conta com 211 membros associados, número superior ao da Organização das Nações Unidas com seus 193 Estados membros. A Copa do Mundo, evento que no século XIX era inimaginável, tornou-se um dos maiores eventos esportivos e é cada vez mais um troféu cobiçado pelas seleções. A modalidade tornou-se um lucrativo negócio econômico, que movimenta incalculáveis cifras de dinheiro diariamente. Um mercado globalizado que consome, respira e vive este esporte.

Como nada acontece por acaso, o futebol também foi afetado pelos rumos da história ao longo desse século e meio. A globalização, o avanço da tecnologia e os fluxos migratórios também impactaram diretamente na modalidade, que devido a sua presença mundial é

considerada um universo sem fronteiras. Essas mudanças globais acabaram mexendo com as identidades nacionais em todo o mundo, principalmente nos estados da União Europeia, bloco econômico e político, que tem atualmente 28 países membros e viu um multiculturalismo crescente dentro de suas fronteiras alterar sua conjuntura étnica e social com o passar dos anos.

Logicamente, a questão do multiculturalismo não se refletiria apenas na política, economia, sociedade e mercado de trabalho. O futebol também sentiu os efeitos desse impacto e as seleções nacionais do continente passaram a ser cada vez mais multiculturais, reunindo atletas de diversas origens étnicas nas edições da Copa do Mundo. Jogadores dentro destas características sempre estiveram presentes nas equipes, porém, a partir da década de 1990, eles se tornaram cada vez mais frequentes. Neste período, o futebol europeu conheceu os efeitos da globalização e assistiu a selecionados nacionais cada vez mais diversificados etnicamente, além de os clubes passarem por uma revolução e se tornarem cada vez mais internacionalizados devido à Lei Bosman, que será mais detalhada posteriormente.

No entanto, a FIFA proíbe que um jogador possa defender duas seleções ao longo da carreira. Segundo a legislação da entidade sobre elegibilidade em partidas internacionais, qualquer atleta que adquirir uma nova nacionalidade pode requisitar a mudança de seleção desde que:

He has not played a match (either in full or in part) in an Official Competition at “A” international level for his current Association, and at the time of his first full or partial appearance in an international match in an Official Competition for his current Association, he already had the nationality of the representative team for which he wishes to play (FIFA, 2014, p. 65).¹

Dessa forma, hoje em dia, um jogador não poderá repetir o que Ferenc Puskas fez no passado quando disputou duas Copas do Mundo por Hungria e Espanha após se naturalizar. Mas a lei é válida para o caso de um atleta que dispute um amistoso por uma seleção e depois defenda outra após se naturalizar, já que amistosos não são computados como jogos oficiais. Um exemplo disso é Diego Costa, que após disputar dois amistosos pelo Brasil, optou pela cidadania espanhola e jogou o Mundial de 2014 pelo selecionado europeu. Esta regra da FIFA visa evitar que jogadores troquem de país por conveniência, algo que costuma acontecer em outras modalidades olímpicas. Porém, a lei não é aplicada para situações envolvendo atletas com dupla cidadania desde a juventude. Eles podem atuar por uma seleção na base e por outra no âmbito profissional, algo bastante comum atualmente.

¹ Competições oficiais nível A, segundo a FIFA, são os grandes eventos internacionais organizadas por ela, incluindo Mundiais de categoria de base, e também de suas Confederações filiadas.

Por meio de cinco capítulos, será apresentado nesta dissertação um estudo metodológico sobre o tema da pesquisa, a saber, a evolução histórica das seleções multiculturais da União Europeia (UE) nas disputas da Copa do Mundo, apoiado nas teorias dos Estudos Culturais e das Ciências Sociais e Humanas. Busca-se compreender o processo de globalização na União Europeia que foi modificando e impactando o futebol do continente ao longo dos anos, a evolução e crescimento das seleções nacionais multiculturais nas disputas de Copas do Mundo e descobrir se fatores sociais impactaram nestas mudanças nas seleções nacionais, além de analisar os efeitos positivos e negativos que o futebol poder provocar no debate sobre a questão das identidades nacionais, da globalização e do multiculturalismo.

No capítulo 1, apresentam-se os objetivos dessa pesquisa, sua metodologia e a revisão bibliográfica, procurando compreender como as ideias e pensamentos de alguns autores clássicos dos Estudos Culturais, de outras áreas das Ciências Humanas e Sociais e da Educação Física podem ser aplicados para entender melhor a atual situação do futebol europeu no campo das identidades nacionais, da imigração e das ações do multiculturalismo no continente.

O processo de globalização da União Europeia é o tema do capítulo 2. Será traçado um panorama da criação até a consolidação do bloco mostrando quais foram as grandes mudanças pelas quais os países do bloco passaram no decorrer desse período. Serão apresentados ainda os efeitos que a imigração, desde o fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) até os últimos anos, com a crise dos refugiados, causou no continente e como as novas identidades nacionais, que surgiram devido ao fluxo migratório, impactaram no futebol e no campo esportivo.

No capítulo 3, será exposta a evolução das seleções multiculturais da União Europeia. A pesquisa focará em quatro seleções devido à tradição futebolística e maior sucesso de equipes com este perfil. São elas: Alemanha, França, Holanda e Portugal. Inicialmente, a pesquisa incluiria também a seleção da Inglaterra, porém, em virtude do processo de saída do Reino Unido da UE foi decidido não incluir este país. Espanha e Itália, outras duas campeãs mundiais de futebol, não foram incluídas na dissertação pelo fato de não terem tido equipes multiculturais numerosas nas Copas, embora seleções da América Latina contem com muitos descendentes destes países em seus elencos. As demais equipes serão citadas em alguns pontos da pesquisa, mas não de forma aprofundada. Haverá uma breve introdução apresentando o passado destas equipes que remontam à primeira metade do século XX até o

início dos anos 1990, o crescimento dos atletas com esse perfil ao longo da década de 1990 que ganhou grande destaque mundial com a vitória da seleção francesa na Copa do Mundo de 1998, a popularização das seleções multiétnicas no século XXI e a conquista alemã do Mundial em 2014 com uma equipe que representou também o sucesso da unificação do país.

Já no capítulo 4, procura-se entender e apresentar motivos que influenciaram esse aumento de jogadores multiculturais nas seleções nacionais, além de mostrar problemas que o futebol internacionalizado enfrenta. Como esta modalidade reflete a sociedade e também sofre suas mudanças, tenta-se descobrir se os impactos da imigração na UE e as políticas de cunho social por meio do esporte ajudaram os atletas de outras etnias a chegar aos times nacionais. Conquistas sociais, educacionais e econômicas da população de origem imigrante ao longo das décadas e programas sociais de apoio ao esporte serão investigados para uma melhor compreensão dessa tentativa de integração pela prática esportiva.

Por fim, o capítulo 5 abordará de forma um pouco mais breve os efeitos negativos causados pelo multiculturalismo que em muitas ocasiões descambam para atos de intolerância nos estádios, como racismo, xenofobia, homofobia, machismo e discriminação religiosa. Estas cenas ocorrem dentro e fora do campo na Europa, que assiste a uma onda crescente de políticos com viés nacionalista e anti-imigratório.

O método de produção desta pesquisa será majoritariamente qualitativo. O levantamento bibliográfico será feita por meio de diversas fontes e autores de trabalhos acadêmicos sobre identidade cultural, sociedade, cultura, história, Estado-nação, globalização, internacionalização, esporte e multiculturalismo na Europa. Serão consultados livros, projetos e pesquisas sobre futebol, esporte e história das Copas do Mundo, além da coleta de material oriundo de veículos de mídia nacional e internacional e entidades esportivas como a FIFA, a União das Federações Europeias de Futebol (UEFA) e as Confederações nacionais de futebol. Também será feito um levantamento de dados com estatísticas, gráficos e números referentes a índices sociais, educacionais e de imigração dos países estudados e da UE.

Pretende-se por meio desta dissertação abordar assuntos bastante atuais na União Europeia, temas que geram pesquisas e trabalhos acadêmicos mediante questões do multiculturalismo, globalização, imigração e identidade nacional. Neste trabalho, busca-se compreender essas problemáticas, porém, através do esporte, principalmente do futebol. A opção pela escolha deste objeto se deve ao fato de o autor ser um apaixonado pelo esporte em geral, além de ter atuado no campo esportivo como jornalista há mais de uma década e ter

participado como repórter na edição dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro em 2016 ao longo da produção desta pesquisa.

Reforça-se ainda a ideia de que o campo do esporte pode ser mais bem utilizado para este tipo de análise que visa buscar maior compreensão de fatores sociais na atual sociedade em que vivemos.

2. OBJETIVOS, REVISÃO DA LITERATURA E METODOLOGIA

2.1 Objetivos da dissertação e delimitação do problema

O principal objetivo desta dissertação de mestrado é apresentar a evolução histórica das seleções multiculturais da União Europeia nas disputas da Copa do Mundo e buscar compreender quais fatores motivaram o aumento da presença de atletas descendentes ou imigrantes nas equipes principalmente entre os Mundiais de 1990 e 2014, criando uma nova identidade nestas equipes que antes em sua maioria davam pouco ou quase nenhum espaço para jogadores com este perfil e hoje são cada vez mais multiculturais, refletindo em campo a diversidade étnica da atual sociedade da UE e revelando o impacto que essas novas identidades nacionais, por meio dos selecionados, causam na sociedade europeia.

Buscando mostrar que o futebol é um reflexo da sociedade, esta dissertação comparou a presença de atletas descendentes ou imigrantes nas seleções nacionais de futebol dos quatro países já citados na introdução com o espaço que descendentes e imigrantes ocupam em outros setores nas áreas de educação e trabalho dos mesmos Estados. Constatou-se pelas estatísticas de institutos nacionais que cidadãos com este perfil encontram mais dificuldades para prosperar devido a diversos fatores enquanto no futebol há maiores incentivos e oportunidades para progredirem.

A pesquisa também aborda em menor escala efeitos que a modalidade gera na sociedade, como o fator positivo de união nacional por meio do futebol e causas negativas que podem ser vistas pelas manifestações de intolerância. Essa dissertação também tem como objetivo buscar uma melhor compreensão das novas identidades nacionais utilizando o esporte como objeto de pesquisa.

2.2 Metodologia e pensamento de autores

O futebol é uma das grandes instituições culturais, como a educação e os meios de comunicação de massa, que formam e consolidam identidades nacionais no mundo inteiro (GIULIANOTTI, 2010, p. 42).

Neste primeiro capítulo, será feito um estudo metodológico com o pensamento de autores dos Estudos Culturais e das Ciências Humanas e Sociais e da Educação Física sobre os assuntos trabalhados nesta pesquisa, como identidade, multiculturalismo, globalização, internacionalização e imigração, buscando entender o ponto de vista desses autores e também uma melhor compreensão sobre a atual situação do futebol e da sociedade europeia. A questão da identidade será o primeiro tópico a ser abordado.

Nascido na Jamaica e radicado durante boa parte da vida na Inglaterra, Stuart Hall é um exemplo de como a identidade está em constante mudança. Imigrante, negro e diaspórico, ele afirmava que conhecia intimamente esses dois lugares que marcaram sua vida, mas não sentia pertencer completamente a nenhum deles (2003, p. 415). Considerado como um dos principais teóricos dos Estudos Culturais, Hall afirma que a identidade era própria e constituída na hibridização, nunca sendo algo completo, sempre provisória, em constante mudança e causando choques culturais:

Acho que a identidade cultural não é fixa, é sempre híbrida. Mas é justamente por resultar de formações históricas específicas, de histórias e repertórios culturais de enunciação muito específicos, que ela pode constituir um ‘posicionamento’, ao qual podemos chamar provisoriamente de identidade (HALL, 2003, p. 432-433).

Utilizando esse argumento de que a identidade é algo próprio podem ser citados dois exemplos do mundo futebolístico. O primeiro deles é o de Claudemir Jerônimo Barreto. Mais conhecido como Cacau, ele nasceu em Santo André e aos 18 anos mudou-se para atuar na Alemanha. Após oito anos jogando no novo país, naturalizou-se e defendeu a seleção europeia na Copa do Mundo de 2010. Questionado em uma entrevista se ele se identificava mais alemão do que brasileiro respondeu que se sentia “100% alemão e 100% brasileiro”, afirmando que a Alemanha era o país que tinha lhe dado a oportunidade no futebol, mas que jamais viraria as costas para o Brasil, local onde nasceu e cresceu².

Outro exemplo é do jogador Thiago Motta. Neto de italianos e nascido em São Bernardo do Campo, ele começou sua carreira no Clube Atlético Juventus, pequena agremiação fundada pela colônia operária italiana no bairro paulistano da Mooca. Aos 17 anos, mudou-se para a Europa para jogar nas categorias de base do Barcelona e aos 26 chegou ao futebol da Itália. Em 2014, voltou ao Brasil para defender a seleção italiana na Copa do Mundo. Questionado por jornalistas se havia sonhado em vestir a camisa da seleção brasileira algum dia, ele afirmou que nunca cogitou essa possibilidade por já se sentir um cidadão

² “Sou 100% brasileiro e 100% alemão”, diz Cacau. Entrevista concedida à revista Época no dia 14/06/2010. Disponível em: <http://colunas.revistaepoca.globo.com/epocadecopa/2010/06/14/sou-100-brasileiro-e-100-alemao-diz-cacau/>.

européu: “Sinto que sou um italiano que nasceu no Brasil. Tive a sorte de ter uma família italiana e o privilégio de poder jogar pela Itália”, respondeu, mesmo tendo representado o Brasil em seleções de base³.

O não pertencimento de Hall a nenhuma de suas duas pátrias, o pertencimento completo de Cacau as suas duas ou o sentimento de pertencimento em sentir-se parte de apenas uma nacionalidade mesmo tendo nascido em outro país como no caso de Thiago Motta confirmam que a identidade é algo pessoal e híbrido, podendo variar de acordo com o indivíduo. Ou como afirma o sociólogo Zygmunt Bauman (2005, p. 19), as identidades flutuam no ar, algumas por escolha própria, outras infladas e lançadas por outros.

Bauman tem uma trajetória similar a de Hall. Nascido na Polônia, teve sua cidadania retirada pelo governo, tendo imigrado para lecionar na Inglaterra no fim da década de 1960. Assim como o teórico jamaicano, muitas vezes sentia-se um estrangeiro no novo país mesmo tendo se naturalizado, algo que Hall nunca chegou a fazer. Para o sociólogo, a ideia de identidade, e particularmente identidade nacional, não foi algo que surgiu naturalmente. Ela se solidificou em um fato e foi forçada a fazer parte daquilo que ele classifica como *Lebenswelt* (o mundo da vida) dos indivíduos:

A ideia de “identidade” nasceu da crise do pertencimento e do esforço que esta desencadeou no sentido de transpor a brecha entre o “deve” e o “é” e erguer a realidade ao nível dos padrões estabelecidos pela ideia – recriar a realidade à semelhança da ideia (BAUMAN, 2005, p. 26, grifo do autor).

Segundo Hall, as pessoas não são apenas cidadãs legais de uma nação, já que participam do ideal de nação como uma comunidade simbólica que tem o poder de gerar um sentimento de identidade e lealdade (2014, p. 30). Ele ainda afirma que não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos pertencendo à mesma e grande família nacional (2014, p. 35). É justamente esse sentimento de fraternidade, de se identificar e pertencer a algum lugar que levou o cientista político Benedict Anderson a criar o termo “comunidades imaginadas”:

Ela é imaginada por que mesmo os membros das mais minúsculas das nações jamais conhecerão, encontrarão ou nem sequer ouvirão falar de todos os seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles (ANDERSON, 2008, p. 32).

Relacionando esta teoria ao tema de pesquisa, pode-se dizer que é algo semelhante a um estádio lotado com torcedores que não se conhecem, mas apoiam juntos um selecionado

³ *Thiago Motta afirma que nunca pensou em jogar pela Seleção Brasileira.* Reportagem publicada no jornal Extra no dia 18/06/2014. Disponível em: <http://extra.globo.com/esporte/thiago-motta-afirma-que-nunca-pensou-em-jogar-pela-selecao-brasileira-12919970.html>.

multiétnico europeu ou quando torcedores vão às ruas para celebrar uma vitória em uma Copa do Mundo, cantando e comemorando com estranhos, mas que naquele momento tornam-se amigos íntimos, independentemente de suas ideologias políticas, pontos de vista ou gostos pessoais. Foi o que aconteceu quando a França venceu a Copa do Mundo em 1998⁴ e quando a Bélgica fez uma ótima campanha no Mundial de 2014 unindo flamengos e valões em prol da equipe e deixando ideias separatistas de lado por algum tempo⁵. Todos se identificavam com uma bandeira e estavam celebrando o triunfo de sua seleção nacional, que passa a ser um exemplo de comunidade imaginada. Como cita o historiador Eric Hobsbawm (2013, p. 197), a imaginária comunidade de milhões parece mais real na forma de um time de onze pessoas com nome. O indivíduo, mesmo aquele que apenas torce, torna-se o próprio símbolo de sua nação.

Para Bauman (2005, p. 36), identificar-se com alguma coisa significa dar abrigo a um destino desconhecido que não se pode influenciar ou controlar. E a internacionalização e mercantilização do futebol europeu passaram a ser cada vez mais constantes na década de 1990, aumentando o intercâmbio entre jogadores e de certa forma abrindo espaço para atletas descendentes de imigrantes atuarem nas seleções europeias. Muitos desses jogadores nasceram no continente e se reconhecem como europeus, mas poderiam optar por defender o país de seus antepassados, afinal, eles têm o direito de se identificar com o que bem entenderem seja com o país onde nasceram e cresceram mesmo sendo filho de imigrantes, caso do sueco Zlatan Ibrahimovic⁶, seja com a pátria dos pais em outro continente, como os jogadores da Argélia na Copa do Mundo de 2014⁷, ou com um país que lhes abriu as portas para que esses atletas pudessem trabalhar e conseqüentemente criar vínculos de identificação, como aconteceu com o luso-brasileiro Pepe⁸. Hoje, o atleta tem o direito de se reconhecer como bem entender.

⁴ *Fête sur les Champs-Élysées après la victoire de la France en Coupe du monde de football*. Reportagem do canal de TV News no dia 13/07/1998. Disponível em: <http://fresques.ina.fr/jalons/fiche-media/InaEdu01144/fete-sur-les-champs-elysees-apres-la-victoire-de-la-france-en-coupe-du-monde-de-football.html>.

⁵ *Sucesso da seleção amplia identidade nacional belga*. Reportagem publicada na Folha de S. Paulo no dia 05/07/2014. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/folhanacopa/2014/07/1481539-sucesso-da-selecao-amplia-identidade-nacional-belga.shtml>.

⁶ Zlatan Ibrahimovic nasceu em Malmö, Suécia. É filho de pai bósnio muçulmano e mãe croata católica.

⁷ Dos 23 jogadores argelinos convocados para o Mundial em 2014, 16 deles nasceram na França.

⁸ Nascido em Maceió, Brasil, Pepe começou a jogar profissionalmente em Portugal e rapidamente identificou-se com o novo país, inclusive recusando uma convocação para a seleção brasileira em 2006. *Português de coração, Pepe é caso raro entre naturalizados*. Entrevista concedida ao Portal Terra no dia 26/06/2014. Disponível em: <http://esportes.terra.com.br/portugal/portugues-de-coracao-pepe-e-caso-raro-entre-naturalizados,21b7d98c7f7d6410VgnVCM4000009bcceb0aRCRD.html>.

O filósofo canadense Charles Taylor (1998, p. 46) afirma que uma política de reconhecimento sobre a identidade é algo necessário visando à sobrevivência das minorias e pequenas comunidades culturais que estão presentes em sociedades multiculturais. Na opinião dele, um reconhecimento incorreto da identidade não implica apenas numa falta de respeito para com uma pessoa, mas também em marcá-la de uma forma cruel, pejorativa e gera um sentimento de ódio e recusa contra elas mesmas.

Hall (2014, p. 29-30) pontua que as identidades não estão impressas em nossos genes e que não nascemos com as identidades nacionais, pois elas são formadas ou transformadas no interior de uma *representação cultural*. Essa teoria aplica-se perfeitamente ao caso das atuais seleções europeias de futebol, que foram modificando suas formações étnicas com o passar dos anos, como veremos posteriormente. Dessa forma, os selecionados formados apenas por “cidadãos puros” foram sendo deixados de lado e se abriu cada vez mais espaço para atletas descendentes de imigrantes nas equipes nacionais, refletindo dentro de campo o status global e miscigenado de suas cidades.

No entanto, esse foi um processo lento e que levou tempo. Enquanto as sociedades europeias mudavam sua característica étnica com a chegada de imigrantes, algumas seleções ainda continuavam com pouca, ou quase nenhuma, presença de jogadores de origens estrangeiras em grandes eventos. Enquanto um lado mais cosmopolita era a favor de dar mais espaço aos atletas multiculturais, o lado conservador sempre foi contra e defendia uma suposta pureza étnica, baseando-se na ideia de que só os verdadeiros cidadãos locais pudessem representar a pátria e a bandeira do país, caso de políticos nacionalistas, como Jean Marie Le Pen que criticou duramente a quantidade de jogadores negros e de origem magrebina na seleção francesa. Como afirma Bauman (1999), este é um dos efeitos da globalização: dividir e unir ao mesmo tempo.

Um exemplo sobre esse lento processo de convocar atletas de origem estrangeira foi a Alemanha, que mesmo tendo há décadas grandes comunidades imigrantes em seu território só passou a dar espaço para esses jogadores quando sofreu com o baixo nível técnico de seu selecionado no início do século XXI. Para voltar a reviver os bons tempos, a Federação Alemã decidiu investir nesta parcela da sociedade criando centros de treinamento em todo o país e dando chances a muitos jovens alemães de diferentes origens étnicas. Dessa forma, esses atletas chegaram com mais frequência às convocações da seleção principal. O resultado se mostrou certo quando em 2014 o time multicultural alemão, que tinha sete atletas com origens estrangeiras, conquistou o título da Copa do Mundo.

O sociólogo Anthony Giddens (1991, p. 76), um dos principais teóricos que estuda a globalização, afirma que este fenômeno pode ser definido como a intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa. O futebol europeu, principalmente o de clubes, encaixa-se perfeitamente nesta situação, arrebatando fãs e audiência em praticamente todo o mundo, enquanto a modalidade nos outros continentes limita-se apenas a seus próprios territórios e tem um alcance limitado no exterior. Giddens ainda sustenta que a globalização ao mesmo tempo em que aproxima comunidades distantes fisicamente também gera uma ascensão de nacionalismos como estamos assistindo nos dias de hoje:

O desenvolvimento de relações sociais globalizadas serve provavelmente para diminuir alguns aspectos de sentimento nacionalista ligado aos Estados-nação (ou alguns Estados), mas pode estar causalmente envolvido com a intensificação de sentimentos nacionalistas mais localizados [...] Ao mesmo tempo em que as relações sociais se tornam lateralmente esticadas e como parte do mesmo processo, vemos o fortalecimento de pressões para autonomia local e identidade cultural regional (GIDDENS, 1991, p. 77).

Esse raciocínio também pode ser aplicado à questão dos casos de intolerância e discriminação que ainda ocorrem nos campos de futebol na Europa, como será detalhado posteriormente. A globalização também mexeu com a questão das identidades. Kathryn Woodward afirma que um dos efeitos causados por este fenômeno foi a criação de uma identidade global, que exportou ao mundo um tipo de cultura, no caso a ocidental:

A globalização, entretanto, produz diferentes resultados em termos de identidade. A homogeneidade cultural promovida pelo mercado global pode levar ao distanciamento da identidade relativamente à comunidade e à cultura local. De forma alternativa, pode levar a uma resistência que pode fortalecer e reafirmar algumas identidades nacionais e locais ou levar ao surgimento de novas posições de identidade (WOODWARD, 2014, p. 21).

Essas novas identidades que surgem graças à globalização encurtam as distâncias e criam um vínculo mais intenso entre o centro e a periferia (HALL, 2014, p. 47). Nestor Canclini (2008, p. XXIII) pontua que quando se define uma identidade mediante um processo de abstração de traços, como língua e tradições, por exemplo, frequentemente se tende a desvincular essas práticas da história de misturas que se formaram. Resumindo, as identidades estão sempre em constante mudança.

E isso se reflete em vários campos como na música, nas artes, no cinema e nos esportes. O futebol é o melhor exemplo para compreender essas mudanças de identidade dentro do campo esportivo. A modalidade se tornou com o passar dos anos um personagem global e da cultura popular, sendo praticada e admirada em todo mundo. Como afirmou

Woodward (2014), a cultura ocidental imperou. Hoje, o futebol europeu conquista novos adeptos ao redor do planeta. É comum avistarmos jovens pobres na África ou Ásia vestindo camisas dos ricos clubes europeus com o nome de seus ídolos nas costas mesmo sabendo que dificilmente poderão assistir a esses craques em um estádio algum dia. Ou torcedores mais abastados economicamente que acompanham as equipes pelas transmissões da TV e internet, isso quando não viajam à Europa, para acompanhar *in loco* seus times favoritos.

Essa distância física foi ficando cada vez menor devido aos avanços da tecnologia e também do marketing. Atualmente, é possível acompanhar em tempo real uma partida do outro lado do mundo, seja por imagens, áudio ou aplicativos. Participar de promoções ou sorteios de brindes e viagens, por exemplo, também é algo viável e que aproxima o clube do fã em outro continente. Até mesmo realizar um *tour* virtual pelo estádio, disponibilizado nos sites oficiais das agremiações ou patrocinadores, corrobora para o que Carvalho (2013) denomina de “torcedor pós-moderno”. Como cita Giulianotti (2010, p. 43), graças à tecnologia as informações sobre o futebol hoje são mais globais do que nacionais. E é esse reflexo da globalização que aproxima torcedores, cria laços e molda novas identidades:

[...] a globalização traz consigo uma dissolução dos vínculos sociais e políticos locais entre o clube e a comunidade. O movimento internacional de jogadores também ocasiona a maior circulação de ressentimentos políticos e de perspectivas cosmopolitas. Hoje, é muito mais provável que o envolvimento político dos jogadores de futebol toque em questões de internacionais do que locais (GIULIANOTTI, 2010, p. 55).

Hobsbawm (2007, p. 92) afirma que a dialética das relações entre globalização, identidade nacional e xenofobia é demonstrada enfaticamente por uma atividade esportiva que combina esses três elementos: o futebol. Ele ainda pontua que a modalidade tornou-se um lucrativo negócio financeiro e instrumento capitalista de grande escala, graças às cotas e aos direitos de transmissão pagos pela televisão às federações nacionais e clubes, aos milionários contratos publicitários e à visibilidade que gera aos patrocinadores. Porém, ao mesmo tempo em que o futebol moderno rende muito dinheiro aos envolvidos, ele cria incompatibilidades entre os interesses empresariais, políticos e econômicos, nacionais e globalizados e o sentimento popular (HOBSBAWM, 2007, p. 92-93). Pierre Brochand expressa muito bem este conflito entre o antigo, representado pelo “nacional”, e o novo, pelo “transnacional”:

De cette dichotomie, entre d’une part le “national”, dernier refuge des passions du monde ancien, et d’autre part le “transnational”, tremplin pour l’ultralibéralisme du monde nouveau, il résulte, pour l’amateur de football tout autant que pour les milieux qui gravitent autour de ce sport, une véritable schizophrénie, extrêmement complexe, pas toujours ressentie, mais qui illustre finalement à la perfection Le monde ambivalent dans lequel nous vivons tous (BROCHAND, 1998, p. 78).

Não foram apenas os efeitos capitalistas dos negócios ligados ao futebol que mudaram e transformaram a modalidade. Novas medidas de entidades esportivas e mudanças na legislação, como a famosa Lei Bosman, ajudaram a moldar este novo futebol global, cada vez mais internacionalizado.

Esta modalidade passou por uma transformação e revolução desde que surgiu em sua versão moderna em 1863. Nascido no berço da elite inglesa em meados do século XIX, o futebol rompeu barreiras de classe, chegou aos quatro cantos do mundo e hoje vê clubes europeus contarem com atletas de dezenas de nacionalidades e seleções cada vez mais multiculturais, tornando-se em pouco tempo o esporte preferido das classes mais pobres e das multidões, transformando-se em uma cultura de massas.

Giulianotti (2010, p. 8) afirma que o futebol tem uma importância política e simbólica profunda devido a sua centralidade cultural em diferentes sociedades, porque o jogo pode contribuir fundamentalmente para ações sociais, filosofias práticas e identidades culturais de muitos povos. Para Bourdieu (1983, p. 145-146), o esporte, que nasceu dos jogos realmente populares sendo produzidos pelo povo, retorna ao povo sob a forma de espetáculos que são produzidos para o povo, tornando-se assim além de um negócio lucrativo uma ideia de cultura popular.

É possível relacionar o pensamento sobre cultura dos principais autores dos Estudos Culturais com o tema de pesquisa deste trabalho. Considerado como um dos “pais dos Estudos Culturais”, Raymond Williams foi um teórico cultural marxista que discutiu e estudou cultura em diversos trabalhos. No famoso artigo “Base e superestrutura na teoria cultural marxista”, Williams (2011, p. 56) definiu a cultura residual como algumas experiências, significados e valores que não podem ser verificados ou não podem ser expressos nos termos da cultura dominante e que são vividos e praticados como resíduos, tanto culturais quanto sociais, de formações sociais anteriores. Williams afirmava também que:

Uma cultura residual está geralmente a certa distância da cultura dominante efetiva, mas é preciso reconhecer que, em atividades culturais reais, a cultura residual pode ser incorporada à dominante. Isso porque alguma parte dela, alguma versão dela – sobretudo se o resíduo é proveniente de alguma área importante do passado – terá de ser, em muitos casos, incorporada se a cultura dominante quiser fazer sentido nessas áreas. Também porque, em certos aspectos, uma cultura dominante não pode permitir que muitas dessas práticas e experiências fiquem fora de seu domínio sem correr certo risco (WILLIAMS, 2011, p. 56-57).

Adaptando esse raciocínio de Williams ao tema de pesquisa desta dissertação, pode-se considerar que a cultura residual e seus resíduos são os imigrantes, os atletas multiculturais de

várias gerações e um estilo (cultura) diferente de jogo e a cultura dominante são as antigas seleções do futebol europeu com seu estilo (cultura) clássico. Como existe uma ligação de longa data entre as partes, o colonizado e o colonizador, o resíduo deve ser incorporado à dominante para que as seleções nacionais possam triunfar, além de gerar certa identificação dessa população com o time nacional. Foi o que aconteceu neste caso, com uma maior abertura aos atletas de origens estrangeira nas equipes, dando mais oportunidades aos filhos de imigrantes, visando conseguir melhores resultados em grandes competições e também, de certa forma, mudando parte de seu estilo tradicional de jogo.

O historiador Edward Palmer Thompson, outro ícone dos Estudos Culturais, escreveu diversos trabalhos relacionados a costumes, luta de classes e cultura popular. Ele também publicou reflexões sobre a cultura popular tradicional, que definia como heterogênea e um conjunto de saberes, práticas, costumes, usos e hábitos que constituem um modo de vida, além de afirmar que a cultura também era:

[...] um conjunto de diferentes recursos, em que há sempre uma troca entre o escrito e o oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole; é uma aldeia de elementos conflitivos, que somente sob uma pressão imperiosa – por exemplo, o nacionalismo, a consciência de classe ou a ortodoxia religiosa predominante – assume a forma de um “sistema” (THOMPSON, 1998, p. 17).

Com isso, Thompson afirma que sempre se deveria desconfiar de uma noção homogênea de cultura porque nela sempre há mais do que uma vertente e diferentes formas de interpretação. Pode-se entender que nesta pesquisa sobre os jogadores multiculturais das seleções europeias, o futebol se encaixa como uma prática e expressão cultural. A modalidade, ao mesmo tempo em que busca uma união nacional em torno de um selecionado, não impede o conflito de identidades entre os habitantes deste mesmo país. Este sentimento antagônico é um dos fatores que geram situações de intolerância nos gramados, como o racismo, a homofobia e a xenofobia.

Esse poder que o futebol tem de unir e ao mesmo tempo desunir é reflexo também dos efeitos da globalização. Hall (2014, p. 40) afirma que a globalização é a compressão das distâncias e do espaço-tempo onde se sente que o mundo é um lugar menor. Ao mesmo tempo em que o futebol na Europa se tornou global, integrando comunidades marginalizadas pela sociedade e podendo ser acompanhado em todo o mundo, surgiram manifestações de torcedores mais conservadores com cunho patriótico e nacionalista, que ficam divididos entre o orgulho pelos seus clubes e seleções nacionais e o sucesso que atletas oriundos de nações mais pobres ou ex-colônias alcançam através do esporte (HOBSBAWM, 2007, p. 95).

Jogadores de origem imigrante são hostilizados e provocados de forma pejorativa por torcedores mais conservadores em seus próprios países, caso dos turcos na Alemanha e dos argelinos na França. Além da questão étnica, acontecem, em todo o continente, casos de racismo contra atletas negros. Imitações de macaco ou bananas sendo atiradas em campo infelizmente ainda são presenciadas nos estádios europeus, mesmo com maior fiscalização e punições aplicadas pela UEFA e FIFA. Não há dúvidas de que um dos maiores problemas do esporte atual é o racismo.

Nascido na ilha da Martinica em 1925, então colônia francesa, o psiquiatra e filósofo Frantz Fanon foi um militante aguerrido no combate contra o racismo e a discriminação durante toda sua vida, tendo inclusive participado da luta pela independência argelina na década de 1960 juntamente com as forças da Frente de Libertação Nacional da Argélia. Fanon argumentava que a inferiorização é o correlato nativo da superiorização europeia e que era preciso ter coragem de dizer que “*é o racista que cria o inferiorizado*” (2008, p. 90, grifo do autor). Na visão de um racista, ele é superior e o seu ato de intolerância tem como objetivo justamente inferiorizar e rebaixar outra pessoa pela cor de sua pele. No atual futebol europeu, jogadores que sofreram e sofrem com atos racistas não se deixam intimidar. É comum vê-los denunciando as agressões à mídia, cobrando um maior empenho de autoridades para coibir as práticas e criando campanhas contra os atos de preconceito racial.

O teórico palestino Edward Said buscava mostrar através do orientalismo, a visão ocidental acerca do Oriente, na qual emanava uma posição de superioridade da cultura europeia e criava uma opinião distorcida do Oriente como sendo o “outro”, que servia aos interesses do colonialismo durante os séculos XIX e XX. Para Said, o Oriente ajudou a definir a imagem e personalidade da Europa além de ele ser:

[...] uma parte integrante da civilização e da cultura material europeia. O Orientalismo expressa e representa essa parte em termos culturais e mesmo ideológicos, num modo de discurso baseado em instituições, vocabulário, erudição, imagens, doutrinas, burocracias e estilos coloniais (SAID, 2007, p. 27-28).

No futebol, a ideia do orientalismo pode ser aplicada à visão eurocêntrica de que o futebol praticado na Europa é o mais importante do mundo e que um atleta só será reconhecido internacionalmente ou eleito melhor jogador do planeta se atuar nos gramados do velho continente, um mantra comum que é repetido quando surge algum talento no Brasil ou Argentina, por exemplo. Ou no estereótipo do senso comum de que as seleções africanas e asiáticas jamais serão vitoriosas porque jogam respectivamente de maneira irresponsável e na base da correria desenfreada, algo que vem mudando com o maior intercâmbio da modalidade.

Nas últimas décadas, aconteceram muitos casos de racismo no futebol europeu. A maioria deles em partidas envolvendo clubes em que torcedores, atletas, técnicos, e dirigentes já foram acusados de condutas racistas. Mesmo com campanhas contra o racismo e sanções dos principais órgãos do futebol internacional como FIFA e UEFA, esses atos lamentáveis continuam acontecendo.

Em partidas de seleções, atos racistas ocorrem em menor escala, mas nem mesmo os grandes eventos internacionais ficam imunes a essas ações. A edição de 2012 da Eurocopa, o Campeonato Europeu de seleções, foi disputada simultaneamente na Polônia e na Ucrânia, países que têm um histórico de intolerância contra atletas negros ou de origens não europeias em suas ligas nacionais. O atacante italiano Mario Balotelli, que é negro, foi ofendido durante todo o evento e chegou a mandar os torcedores se calarem após marcar um gol⁹. Filho de um médico etíope, o lateral da República Tcheca, Theodor Gebre Selassie também foi alvo de ofensas racistas no evento¹⁰. E os atletas negros da Holanda foram chamados de macacos por torcedores poloneses durante um treinamento o que revoltou a delegação da equipe. Ironicamente, na véspera, os holandeses haviam feito uma visita ao antigo campo de concentração nazista de Auschwitz¹¹. Visando combater esse preconceito, FIFA, UEFA e confederações nacionais promovem campanhas institucionais contra a intolerância racial em seus eventos. Porém, além do racismo, outra forma de preconceito também cresce no futebol da Europa: a xenofobia.

Assim como os incidentes racistas, os atos de xenofobia acontecem com mais frequência em partidas de clubes do que nas de seleções nacionais. Em campeonatos europeus, as equipes do leste do continente costumam ser mais radicais e preconceituosas. A recente onda de imigração de refugiados, oriunda do Oriente Médio e norte da África para a Europa, gerou campanhas de apoio a essas pessoas promovidas por torcedores de clubes na Alemanha e Inglaterra, mas no leste europeu alguns torcedores poloneses boicotaram um jogo ao saber que a renda de público seria destinada em prol da causa dos refugiados¹².

⁹ *Euro 2012: Leonardo Bonucci was protecting Mario Balotelli from potential censure by silencing his post-goal rant.* Reportagem publicada no The Telegraph no dia 19/06/2012. Disponível em: <http://www.telegraph.co.uk/sport/football/teams/italy/9341680/Euro-2012-Leonardo-Bonucci-was-protecting-Mario-Balotelli-from-potential-censure-by-silencing-his-post-goal-rant.html>.

¹⁰ *Euro 2012: Racist chants at Theodor Gebre Selassie reported.* Reportagem publicada no The Guardian no dia 09/06/2012. Disponível em: <https://www.theguardian.com/football/2012/jun/09/euro-2012-racist-chants-reported>.

¹¹ *Dutch Euro 2012 squad face 'monkey chants' in Poland.* Reportagem publicada pela CNN no dia 08/06/2012. Disponível em: <http://edition.cnn.com/2012/06/08/sport/football/poland-racism-football-netherlands/>.

¹² *Torcida do Lech Poznan boicota jogo na Liga Europa para não ajudar refugiados.* Reportagem publicada na Trivela no dia 17/09/2015. Disponível em: <http://trivela.uol.com.br/torcida-do-lech-poznan-boicota-jogo-na-liga-europa-para-nao-ajudar-refugiados/>.

Nos selecionados nacionais, casos de xenofobia são menores. Um dos casos mais conhecidos envolvendo xenofobia em seleções é o da França no fim da década de 1990, quando o líder da extrema-direita Le Pen e seus partidários criticavam a equipe pelo fato de ela ter muitos jogadores de origens imigrantes e por alguns deles, como Zinedine Zidane, que é filho de argelinos, não cantarem o hino nacional. Esse fato sempre se repete quando a equipe vai mal em alguma competição importante. Se os resultados são negativos, surgem questionamentos sobre problemas disciplinares e de ambiente envolvendo os jogadores de origem imigrante ou que pelo fato de não negarem suas raízes étnicas são tachados de serem menos franceses. Fato que levou o atacante Karim Benzema, também filho de argelinos e que não canta *La Marseillaise*, a desabafar em uma entrevista dizendo que “*Quand je marque, je suis français, quand je ne marque pas, je suis arabe*” (Quando eu marco gols, sou francês, mas quando não marco, sou árabe)¹³.

Nascido na Argélia, o sociólogo Abdelmalek Sayad imigrou para a França nos anos 1960, inicialmente como um trabalhador comum e posteriormente tornou-se um respeitado acadêmico. Entre seus trabalhos estão diversos estudos sobre questões relacionadas à imigração, especialmente sua experiência própria. Os antepassados de Zidane e Benzema trilham o mesmo caminho de Sayad e seus filhos tornaram-se por meio do futebol ídolos nacionais e espelhos para futuras gerações. O fato de um filho de imigrante ser tão bem sucedido causa irritação em pessoas mais extremistas e conservadoras. Como afirma Sayad, esses cidadãos enxergam um imigrante como:

[...] essencialmente uma força de trabalho provisória, temporária em trânsito. [...] Afinal, um imigrante só tem razão de ser no modo do provisório e com a condição de que se conforme ao que se espera dele; ele só está aqui e só tem sua razão de ser pelo trabalho e no trabalho; porque se precisa dele (SAYAD, 1998, p. 54-55).

Para esses radicais, personagens como Zidane e Benzema não deveriam ser vistos como exemplos para os franceses, afinal na visão deles não são franceses legítimos por não negarem suas raízes e também por se negarem a cantar o hino. Porém, eles são sim franceses. Nasceram na França e defendem sua seleção nacional, mas também têm suas raízes fora da Europa e fazem questão de se orgulhar dela. Eles têm identidades múltiplas porque se identificam com diferentes culturas. Esse tipo de comportamento é o que Hans Vermeulen define como identidade étnica que é quando:

Os indivíduos incluem-se em diferentes comunidades, grupos ou categorias (de pessoas) e têm, assim, diversas identidades sociais. Estas podem basear-se, entre

¹³ Tradução nossa. *Benzema et La Marseillaise, le fantasme du mauvais français*. Entrevista concedida a revista So Foot no dia 19/03/2013. Disponível em: <http://www.sofoot.com/benzema-et-la-marseillaise-le-fantasme-du-mauvais-francais-167868.html>.

outros atributos, no sexo, na classe, na idade e na profissão. Uma identidade étnica diferencia-se destas identidades sociais pela convicção de que se possui uma ascendência, uma história e uma herança cultural comuns, por exemplo, a língua e a religião: o que conta é sobretudo a convicção, a crença (VERMEULEN, 2001, p. 24).

Esse sentimento de pertencimento em ter duas identidades ou culturas distintas também dialoga com a teoria da identidade bifurcada do antropólogo catalão Claudio Esteva Fabregat, que é quando imigrantes de primeira geração (e em alguns casos de segunda) adotam uma identidade indefinida. Eles absorvem a cultura da nova casa, mas ainda concentram laços culturais com seus países de origem. Fabregat¹⁴ (1984, apud CARDOSO DE OLIVEIRA, 2006, p. 130) alega que essa identidade desaparece apenas na terceira geração quando o indivíduo já está mais bem adaptado à cultura local e experimenta pouca influência de seus ancestrais. E isso será visto posteriormente nesta dissertação quando forem abordadas estatísticas atuais referentes aos imigrantes e seus descendentes nos quatro países da União Europeia estudados.

Além do racismo e da xenofobia, outras formas de discriminação acontecem no futebol europeu. No senso comum, há quem concorde com o ditado popular que “futebol é esporte para homem”. Esse comentário machista acaba excluindo as mulheres do jogo, além de ser algo que não faz sentido já que elas praticam esta modalidade há muito tempo. Existem registros que datam o início do século XX, em que mulheres já jogavam futebol, inicialmente de forma amadora e posteriormente profissional (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 45). Com o passar dos anos e o desenvolvimento da modalidade, as entidades internacionais deram mais apoio e visibilidade ao futebol feminino, além de incluir mulheres em cargos administrativos, porém, ainda há um abismo entre os gêneros. No entanto, é curioso que já existam seleções e clubes femininos europeus multiculturais. Na última Copa do Mundo, disputada em 2015 no Canadá, cinco das seis equipes da União Europeia que disputaram o evento tinham atletas em seu plantel com alguma descendência imigrante.

A homofobia é outra forma de preconceito presente nas arquibancadas e nos gramados. A frase “futebol é esporte para homem” também se faz presente aqui, pois homofóbicos não consideram os gays como homens. Fora de campo, os torcedores entoam cânticos agressivos para provocar os adversários e dentro de campo jogadores utilizam certas expressões ofensivas e as justificam como forma para desestabilizar o rival, porém, podem ser humilhantes e depreciativas para os homossexuais que estão no estádio assistindo à partida. Diferentemente de outras modalidades nas quais não há milhões de fãs e em que atletas gays

¹⁴ FABREGAT, C. E. *Estado, etnicidad y biculturalismo*, Barcelona, Ediciones Peninsula, 1984. p. 158.

são mais aceitos, muitos jogadores profissionais optam por não revelar sua opção sexual durante a carreira, evitando exposições e humilhações públicas. Recentemente, houve revelações públicas de jogadores homossexuais, todavia, em sua maioria eram todos ex-atletas. Buscando coibir essa intolerância, a FIFA chegou a multar algumas confederações que tiveram torcedores promovendo cânticos e manifestações homofóbicas nos estádios, mas mesmo com essas advertências elas continuam ocorrendo.

Esses atos de preconceito geram ódio, intolerância e violência que muitas vezes podem contribuir para desfechos trágicos. Não é raro assistir todos os anos a cenas de torcedores brigando, seja dentro ou fora do estádio, em partidas envolvendo clubes rivais. Em jogos de seleções nacionais, confrontos deste tipo ocorrem em menor escala bem como situações de rivalidades regionais, como entre Grécia e Turquia (que travaram uma guerra entre 1919 e 1922, por exemplo), ou históricas, como entre Argentina e Inglaterra (que se acirrou com a Guerra das Malvinas na década de 1980), ou qualquer partida envolvendo países que compunham a antiga Iugoslávia devido aos conflitos étnicos. Porém, existem grandes rivalidades regionais que raramente terminam em violência e ficam mais no clima amistoso, como entre Brasil e Argentina, por exemplo. Segundo Giulianotti, cada nação demonstra ter certas características únicas no desenvolvimento de formas militantes de torcida (2010, p. 90). Para os sociólogos Nobert Elias e Eric Dunning, comportamentos violentos de torcedores estão, talvez, num contexto mais alargado e como um sintoma de algum defeito na sociedade em geral, em que as frustrações são descontadas de forma violenta e acabam sendo refletidas no futebol (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 89).

Bourdieu considera que a história do esporte é relativamente autônoma que, mesmo estando articulada com os grandes acontecimentos da história econômica e política, tem seu próprio tempo, próprias leis de evolução, próprias crises e cronologia específica (1983, p. 137). O esporte tem suas particularidades, mas é preciso lembrar que, assim como outras áreas, ele também experimentou mudanças em sua estrutura graças às mudanças que aconteceram no mundo no decorrer dos tempos e que não são totalmente autônomas.

Uma dessas mudanças foi a *afirmação* do multiculturalismo no campo esportivo. Por *afirmação* entende-se que as novas identidades oriundas desse processo de internacionalização conseguiram superar a tese de que o futebol deveria ser um jogo apenas para a elite e para aqueles cidadãos considerados “civilizados” do fim do século XIX. Contudo, uma vez tornado global, o futebol pode ver várias etnias, culturas e identidades sendo representadas por ele e, ao mesmo tempo, ser representado por elas.

O futebol no senso comum é considerado como o ópio do povo e um instrumento para desvio de atenção e alienação social. O escritor uruguaio Eduardo Galeano (2013, p. 41) afirma que essa opinião é habitualmente ouvida tanto por intelectuais conservadores, que creem que a adoração ao futebol é quando o instinto animal se sobrepõe à razão humana, quanto por intelectuais de esquerda que argumentam que o futebol é um instrumento do capital e de desvio da atenção das massas para a revolução. De acordo com o antropólogo brasileiro Roberto Da Matta (1982, p. 22), o termo ópio do povo passa a ideia de uma projeção da perspectiva da sociedade e do lugar que nela é reservado à atividade esportiva, que na maioria das vezes é considerada algo secundário e sem valor social.

Essa opinião também é compartilhada dentro do universo acadêmico. Para Elias e Dunning, parte da academia vê o esporte em geral como um tema de menor relevância social e cultural:

Isto é, no quadro da tendência que orienta o pensamento reducionista e dualista ocidental, o desporto é entendido como uma coisa vulgar, uma actividade de lazer orientada para o prazer, que envolve o corpo mais do que a mente, e sem valor económico. Em consequência disso, o desporto não é considerado como um fenómeno que levante problemas sociológicos de significado equivalente aos que habitualmente estão associados com os negócios “sérios” da vida económica e política. No entanto, apesar do desprezo verificado quando se comparam estas áreas, o desporto demonstra com toda a clareza que constitui um campo de considerável significado social, o que — de acordo com o grau de pretensão, que os sociólogos levam tão a sério, segundo o qual a sua disciplina é uma ciência de compreensão da sociedade, que estuda as sociedades em todos os seus aspectos — reclama teorização e investigação sociológica (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 17-18).

No entanto, esse pensamento arcaico vem mudando com o passar do tempo e há um crescimento de pesquisas sobre o assunto em diversos campos de estudos que englobam o esporte além da Educação Física, inclusive nas Ciências Sociais e Humanas. O futebol não é apenas uma atividade lúdica de lazer ou oportunidade de “ganha pão” para atletas de alto rendimento. É uma importante e poderosa representação cultural que carrega consigo responsabilidades sociais e históricas:

O esporte desempenha um importante papel na formação do homem e da vida em sociedade, matriz de socialização e transmissão de valores, forma de sociabilidade moderna, instrumento de educação e fonte de saúde, estes são alguns dos atributos do fenómeno esportivo (ALMEIDA; GUTIERREZ, 2009, p. 1).

Hoje, o esporte, principalmente o futebol, tem um papel importante na sociedade moderna, sendo considerado um fenómeno universal, além de um aspecto da globalização atual (STASI, 1998, p. 129) e um elemento essencial da cultura de massas (SUPPO, 2012, p. 420). O esporte também é em muitas oportunidades uma válvula de escape e ferramenta para divulgação cultural como foi no caso das populações catalãs e bascas que, durante a Guerra

Civil Espanhola (1936-1939), foram perseguidas pelo regime do general Francisco Franco e se apoiaram na realização de eventos de modalidades esportivas que, mesmo com a repressão do regime, continuavam ocorrendo como forma de resistência às imposições franquistas (FREITAS; TRIGO, 2016a, p. 1).

Como foi visto nas páginas anteriores, essa modalidade sofreu os efeitos da globalização, além disso, buscou-se mostrar como esse fenômeno também tem o poder de aproximar e distanciar. O futebol não vai resolver e responder todas as questões sobre este assunto, mas sendo uma modalidade extremamente popular e que mobiliza multidões ao redor do mundo trata-se de um excelente campo de estudo que pode ajudar a compreender melhor o impacto que essas novas identidades causam na sociedade da União Europeia.

3. PROCESSO DE GLOBALIZAÇÃO NA UNIÃO EUROPEIA

3.1 Criação e consolidação da União Europeia

Até atingir o status de bloco econômico mais importante do mundo, a União Europeia, que em 2017 completa 60 anos, passou por uma longa trajetória, realizando muitas negociações e assinando diversos tratados no decorrer das décadas. O processo de unificação continental teve início logo após o fim da Segunda Guerra Mundial, quando a grande maioria dos países europeus estava totalmente arrasada econômica e estruturalmente. Precisando de ajuda para se recuperar, a Europa Ocidental aceitou uma oferta de auxílio dos Estados Unidos.

Foi criado então em 1947 o Programa de Recuperação Europeia, que ficou conhecido popularmente como Plano Marshall, em homenagem ao Secretário de Estado americano George Marshall. Esse projeto visava ajudar na reconstrução e auxiliar economicamente os países europeus no pós-guerra, além de ser uma estratégia do governo dos Estados Unidos para impedir a expansão e influência do bloco comunista no continente. O Plano Marshall teve uma duração de quatro anos e neste período injetou US\$ 13 bilhões na economia de 16 países que tiveram um alto índice de crescimento econômico e social¹⁵. Como a Europa estava quebrada devido aos efeitos da guerra e correndo riscos de entrar em uma grave crise de fome, foram realizadas transferências de materiais, alimentos e maquinaria oriundos dos Estados Unidos para os países do continente logo no início da aplicação do programa. Isso contribuiu para o processo de recuperação e a rápida evolução econômica ajudou a acelerar o processo de união continental e outros tratados.

Um dos primeiros acordos a nível continental se iniciou em 1944, com o estabelecimento da união aduaneira entre Bélgica, Holanda e Luxemburgo, o chamado Benelux que buscava facilitar e aumentar o comércio de mercadorias e reduzir impostos e taxas de comércio exterior entre os três países. Em 1958, o Tratado Benelux foi assinado e dois anos depois o bloco econômico entrou em operação. Outro importante acordo envolvendo países da Europa neste período foi a criação da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), uma aliança militar que integrava militarmente diversos Estados europeus financiados pelo Plano Marshall, além dos Estados Unidos, e buscava proteger seus membros de inimigos externos.

¹⁵ *History of the Marshall Plan*. Publicado no site The George C. Marshall Foundation. Disponível em: <http://marshallfoundation.org/marshall/the-marshall-plan/history-marshall-plan/>.

No entanto, foi o Plano Schuman que assumiu o papel de catalisador da integração europeia em um momento definidor ao agregar a retórica positiva utópica da união com um conteúdo programático concreto (PECEQUILO, 2014, p. 9). No dia 9 de maio de 1950, Robert Schuman, então ministro francês dos Negócios Estrangeiros, proferiu uma declaração que acabou levando seu nome e imortalizou a data como o “Dia da Europa”. O texto visava criar uma integração entre os países europeus e instituir um mercado comum nos setores energéticos e industriais entre os Estados. O plano funcionou como um embrião para aquela que seria a primeira grande tentativa de associação econômica continental: a Comunidade Europeia do Carvão e do Aço (CECA). Este tratado, firmado em 1951, buscava uma negociação pacífica dessas matérias-primas e reunia seis países: Alemanha, Bélgica, França, Itália, Holanda e Luxemburgo. Em 1957, foi assinado o Tratado de Roma em que esses seis membros decidiram ampliar sua cooperação econômica, social e política. Por meio do Tratado nasceu a Comunidade Econômica Europeia (CEE) que implantou a livre circulação de pessoas, bens e capitais, e que era:

[...] uma forma de organização sem precedentes, ou seja, um arranjo permanente (ou pelo menos duradouro) para integrar as economias, e em certa medida os sistemas legais, de vários Estados-nação independentes [...] e em teoria ela se comprometia com uma integração política ainda mais estreita, além de econômica. Isso devia levar a uma união federada ou confederada permanente da “Europa” (HOBSBAWM, 1995, p. 236-237).

Além da CEE, o Tratado de Roma também contribuiu para a formação da Comunidade Europeia de Energia Atômica (Euratom), responsável pelos acordos energéticos e nucleares dos membros. Essas duas organizações – CEE e Euratom – juntamente com a CECA passaram a ser conhecidas como Comunidades Europeias (CE) após a assinatura do Tratado de Bruxelas, em 1965, criando um único poder executivo entre elas.

Com o passar dos anos, outros Estados europeus mostraram interesse em aderir ao bloco, que exigia em troca a prática da democracia de todos seus Estados membros. A CE tinha um Parlamento, uma Comissão, um Conselho e um Tribunal de Justiça continental, que visavam aprimorar a cooperação entre todos seus membros e melhorar a condição de vida e de trabalho para seus cidadãos. Com a assinatura do Ato Único Europeu, em 1986, foi criado o “Mercado Único”, que passou a validar o livre comércio entre os países. Essa organização permaneceu ativa até a assinatura do Tratado de Maastricht, em 1992, que ratificou o projeto da União Europeia que conhecemos atualmente, além de iniciar os processos da criação de uma moeda única ao bloco: o euro, que passou a vigorar em 1999 e hoje é a moeda oficial de 19 dos 28 atuais integrantes.

Os seis membros fundadores de 1951 passaram para 28 em 2014 ao longo do processo de crescimento do bloco continental durante as últimas décadas. Em 1973, aconteceu a primeira adesão com a inclusão de Dinamarca, Irlanda e Reino Unido. Nas décadas de 1980 e 1990, mais seis países aderiram ao bloco: Grécia, Espanha, Portugal, Finlândia, Áustria e Suécia. Por fim, nas décadas de 2000 e 2010, outros 13 países em sua maioria da Europa Central e Oriental passaram a fazer parte da UE: Bulgária, Chipre, Croácia, Estônia, Eslováquia, Eslovênia, Hungria, Letônia, Lituânia, Malta, Polônia, República Tcheca e Romênia. O bloco ainda pode ganhar novos membros já que pelo menos outros sete pedidos de adesão estão em análise ou negociações: Albânia, Bósnia e Herzegovina, Kosovo, Macedônia, Montenegro, Sérvia e Turquia¹⁶.

Apesar disso, ao mesmo tempo em que alguns Estados vislumbram entrar na União Europeia, também há quem queira deixar o bloco. Os cidadãos do Reino Unido votaram, no dia 23 de junho de 2016, em um plebiscito no qual precisariam escolher se o país deveria permanecer ou sair do bloco continental. Com 52,5% do total dos votos, a opção pela saída venceu. O Brexit, que é abreviação das palavras *Britain* e *exit* (saída do Reino Unido), ainda está em processo de implementação e deverá culminar na retirada definitiva dos britânicos em 2018, segundo a própria União Europeia¹⁷. A opção dos britânicos por deixar a UE também é um sinal do avanço de siglas e políticos conservadores, nacionalistas e antiglobalistas por toda a Europa. Alguns países como França, Alemanha, Holanda, Hungria e Áustria assistem ao crescimento desses quadros que atraem novos adeptos utilizando a retórica do medo e do populismo.

Atualmente, a UE concentra uma população de aproximadamente 510 milhões de habitantes¹⁸ e 24 línguas oficiais¹⁹. Soma-se a isso outras diversidades como etnias, religiões, costumes e tradições. E caso as propostas de futuras adesões de Estados membros sejam aceitas, esses números e pluralidades aumentarão. Com a assinatura do Acordo de Schengen, em 1995, todos os cidadãos dos Estados que assinaram o documento podem se deslocar sem a necessidade de visto pelo território em que o acordo é válido. De 1995 para cá, outros países

¹⁶ *Países*. Publicado no site da União Europeia. Disponível em: https://europa.eu/european-union/about-eu/countries_pt.

¹⁷ *Brexit deal could be reached by October 2018, says lead EU negotiator Michel Barnier*. Reportagem publicada no The Telegraph no dia 06/12/2016. Disponível em: <http://www.telegraph.co.uk/news/2016/12/06/eu-brexit-negotiator-michel-barnier-reiterate-no-cherry-picking/>.

¹⁸ *Population on 1 January*. Publicado no site do Eurostats. Disponível em: <http://ec.europa.eu/eurostat/tgm/table.do?tab=table&plugin=1&language=en&pcode=tps00001>.

¹⁹ *Multilinguismo*. Publicado no site da União Europeia. Disponível em: https://europa.eu/european-union/topics/multilingualism_pt.

passaram a aderir ao acordo que também engloba áreas de Estados que não fazem parte da UE.

O principal objetivo do bloco é promover uma unidade política e econômica entre seus membros e ao mesmo tempo unir o continente em torno de suas diversidades. Esse multiculturalismo na Europa é uma realidade que traz consigo a necessidade de desenvolver instrumentos capazes de garantir uma convivência pacífica e igualitária entre pessoas de nacionalidades e culturas tão díspares (LIMA, 2010 p. 3564). Como aponta Giddens (2007, p. 89-90), a UE é pioneira pelo fato de propor um tipo de governo transnacional, já que seus membros tiveram que abdicar de parte de suas soberanias nacionais, além de contribuírem para o fortalecimento da democracia interna e entre eles.

Um dos efeitos que produziram essa altíssima diversidade multicultural foi a imigração de pessoas de outros continentes para a Europa no decorrer das últimas décadas. Esses processos migratórios oriundos de ex-colônias ou de países mais pobres produziram novas identidades, implementaram novas políticas sociais e formaram enclaves étnicos minoritários em todos os Estados membros do bloco que pluralizaram culturas e identidades nacionais (HALL, 2014, p. 49) e continuam transformando a sociedade europeia. Tema que será mais bem discutido no tópico a seguir.

3.2 O impacto da imigração na União Europeia

Como já citado anteriormente, a Segunda Guerra Mundial deixou um rastro de destruição no continente europeu. Milhões de pessoas perderam a vida no conflito, cidades foram destroçadas pelos bombardeios e a economia de vários países ficou em frangalhos. O dinheiro oriundo do Plano Marshall e o processo de formação da CE nas décadas de 1940 e 1950 impulsionaram novamente a economia da Europa. Porém, faltava mão de obra para auxiliar no processo de reconstrução do pós-guerra. Alguns cidadãos europeus haviam deixado seus países durante o conflito militar atravessando o Oceano Atlântico para começar uma nova vida na América e não estavam interessados em retornar. Era preciso buscar esse trabalhador no exterior.

Os primeiros fluxos migratórios do pós-guerra ocorreram entre cidadãos da própria Europa. Trabalhadores de países mais pobres do continente se mudaram para os centros mais desenvolvidos, principalmente para Alemanha e França, visando obter emprego. A grande maioria era contratada para atuar no setor industrial no qual havia baixa remuneração salarial

e raríssimos direitos trabalhistas. Entre o fim da década de 1960 e meados dos anos 1980, o perfil desses trabalhadores imigrantes mudou. Ao invés de indivíduos do próprio continente, são os cidadãos de ex-colônias europeias na África, América e Ásia e de países pobres da periferia mundial que passam a imigrar para o continente em busca de trabalho e melhor qualidade de vida.

Na França, destaca-se a grande sociedade argelina vivendo no país. Segundo uma pesquisa científica feita em 2012, pelo Instituto Nacional da Estatística e Estudos Econômicos (INSEE), órgão oficial do governo francês responsável por coletar, analisar e publicar dados econômicos e sociais, os indivíduos oriundos do país do norte da África representam a maior parcela de imigrantes, sendo que 13,1% do total vivem em solo francês²⁰. Em outro estudo, o INSEE calculou que os descendentes de argelinos, estes nascidos na França, também são a maior parcela deste grupo com 617 mil membros²¹. Este é um processo migratório bastante antigo que teve início ainda no fim do século XIX²². De acordo com Sayad (1998), esta foi uma das primeiras comunidades não europeias que cresceu de forma mais progressiva com o passar dos anos, tendo início como uma imigração exclusiva de trabalho e passando posteriormente para uma imigração de povoamento, com muitas famílias inteiras imigrando para a Europa, algo que segundo o sociólogo sempre acontecerá:

Mas, a despeito de todas as resistências (culturais) que a sociedade argelina podia opor à extensão (geográfica e social) do fenômeno, essa imigração iria evoluir e tender para uma imigração de povoamento, confirmando assim a regra quase geral de todos os movimentos migratórios: toda a imigração de trabalho contém em germe a imigração de povoamento que a prolongará; inversamente, pode-se dizer que não há imigração reconhecida como de povoamento (com exceção talvez dos deslocamentos de populações que a colonização requer ou ainda dos movimentos de populações consecutivos ao estado de guerra ou aos remanejamentos de fronteiras) que não tenha começado com uma imigração de trabalho (SAYAD, 1998, p. 67).

Uma imigração de trabalho que se torna uma imigração de povoamento também se encaixa na situação da comunidade turca na Alemanha. Uma grande leva de trabalhadores turcos chegou ao país europeu entre as décadas de 1960 e 1970 após acordos entre os governos dos dois Estados. Sem laços coloniais entre os países, esses operários eram conhecidos como *Gastarbeiters* e imigravam apenas para efetuar trabalhos de mão de obra barata. Eles não tinham permissão para viajar com a família, não receberam nacionalidade

²⁰ *Étrangers – Immigrés*. Publicado no site do Instituto Nacional da Estatística e Estudos Econômicos. Disponível em: <https://www.insee.fr/fr/statistiques/1906669?sommaire=1906743>.

²¹ *Être né en France d'un parent immigré*. Publicado no site do Instituto Nacional da Estatística e Estudos Econômicos. Disponível em: <https://www.insee.fr/fr/statistiques/1283065>.

²² *L'immigration algérienne en France*. Artigo publicado no site do Musée National de L'histoire de L'immigration. Disponível em: <http://www.histoire-immigration.fr/dossiers-thematiques/caracteristiques-migratoires-selon-les-pays-d-origine/l-immigration-algerienne>.

alemã e seus vistos eram temporários. Inicialmente, muitos planejavam retornar à terra natal após os serviços prestados, mas acabaram ficando no país e a Alemanha teve que acolhê-los, adaptando suas leis para esta nova população.

Em 2000, foi aprovada uma lei que permitia a dupla nacionalidade a crianças nascidas a partir de 1990 e, em 2014, o parlamento alemão afrouxou as regras para dupla cidadania, permitindo que os cidadãos descendentes de imigrantes nascidos no país após a reunificação possam manter dois passaportes caso comprovem terem passado boa parte da vida na Alemanha²³. Parte dessa situação se explica pelo fato de a Alemanha adotar o *jus sanguinis* como forma de classificação de nacionalidade. Por este sistema, que significa direito de sangue, a nacionalidade de um indivíduo só pode ser reconhecida após sua ascendência ser comprovada. Esse processo é bastante comum na Europa e o oposto ao *jus solis* (direito de solo), que concede a nacionalidade a uma pessoa de acordo com seu local de nascimento independentemente de sua ancestralidade, como acontece no Brasil e nos Estados Unidos.

Os argelinos na França e os turcos na Alemanha são apenas dois exemplos de grandes comunidades estrangeiras formadas pelos imigrantes e descendentes de segunda e terceira geração presentes atualmente na UE e em sua maioria nas periferias das grandes cidades. Pode-se destacar outros grupos como indianos e paquistaneses na Inglaterra, angolanos e brasileiros em Portugal, congolese na Bélgica e marroquinos na Holanda. Somam-se a eles os imigrantes da Europa Oriental, mas que por serem brancos e em sua maioria cristãos sofrem menos preconceito e rejeição do que os imigrantes de outros continentes.

Estudos recentes do Gabinete de Estatísticas da União Europeia (Eurostats) mostram que 52,8 milhões de imigrantes vivem na UE, sendo que 34,3 milhões são oriundos de Estados fora do bloco e os demais 18,5 milhões de outro país membro²⁴. Outros números do Eurostats e outros órgãos de centros de pesquisas europeus serão mais bem apresentados e detalhados no capítulo 5. Com a crise migratória provocada pela Guerra Civil Síria e outros conflitos em países mais pobres, a fuga em massa de refugiados para países europeus tende a aumentar esse número de imigrantes nos próximos anos. E também ainda não foram calculados os impactos que a saída do Reino Unido do bloco poderá causar.

Devido a todo este contingente de imigrantes que cresceu no decorrer das décadas, as legislações imigratórias da maioria dos países membros da UE, que variam de país para país,

²³ *Bundestag afrouxa regras para dupla cidadania na Alemanha*. Reportagem publicada no Deutsche Welle no dia 04/06/2014. Disponível em: <http://www.dw.com/pt-br/bundestag-afrouxa-regras-para-dupla-cidadania-na-alemanha/a-17757592>.

²⁴ *Migration and migrant population statistics*. Estudo publicado no site do Eurostats. Disponível em: http://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php/Migration_and_migrant_population_statistics.

sofreram mudanças e ficaram mais rigorosas. Para orientar e informar melhor seus cidadãos e interessados em imigrar para a Europa, o bloco lançou em seu site oficial um espaço chamado *Portal do Imigrante*, no qual existe um guia de como o indivíduo, seja ele oriundo de um Estado membro ou não da UE, deve se comportar dentro do território da União para evitar maiores problemas²⁵. Ainda neste portal, qualquer um pode fazer uma busca para encontrar organizações de apoio que tratam de assuntos relacionados à imigração em cada um dos países membros, algo que facilita pesquisas para quem busca imigrar legalmente ao continente. Outra iniciativa foi a criação do programa *Fronteiras Inteligentes*, que tem como objetivo acelerar, facilitar e melhorar os procedimentos de controle de estrangeiros que viajam para a UE²⁶.

No entanto, em muitas ocasiões, os imigrantes e seus descendentes não são considerados como semelhantes pelos demais cidadãos europeus. Embora a Constituição da França proíba diferenciar seus cidadãos segundo raça, origem ou religião (POUTIGNAT; STREIFF-FERNART, 2011, p. 16), uma pesquisa do Instituto Nacional de Estudos Demográficos (INED) em parceria com o INSEE ouviu 22 mil pessoas entre 2008 e 2009 e chegou à conclusão de que há dificuldades de integração dos imigrantes e seus descendentes na sociedade francesa devido a preconceitos e estereótipos. Membros desta segunda geração sentem-se cidadãos do país, mas os franceses não os veem dessa forma, acarretando uma crise de identidade²⁷.

Alguns pontos como diferenças de culturas, religião e ameaças de terrorismo são usados como justificativa para que não haja uma maior integração dessas comunidades. Um exemplo é a situação da possível entrada da Turquia na UE, que desde 1987 tenta sem sucesso tornar-se um membro pleno. Justificativas como o fato de a maior parte do território ser na Ásia ou ações que desrespeitem os direitos humanos levaram o ex-presidente do país Turgut Özal a dizer que o principal motivo era o fato de a Turquia ser um país muçulmano:

Os países europeus não queriam encarar a possibilidade de abrir suas fronteiras à imigração de um país de 60 milhões de muçulmanos e muito desemprego. Ainda mais significativo foi o fato de que eles achavam que, do ponto de vista cultural, os turcos não pertencem à Europa. Como disse o presidente Özal em 1992, o desempenho da Turquia em relação aos direitos humanos “é uma razão artificial para que a Turquia não possa ingressar na UE. A verdadeira razão é que nós somos muçulmanos e eles são cristãos”,

²⁵ *Portal da imigração da UE*. Publicado no site da União Europeia. Disponível em: <http://ec.europa.eu/immigration/showContent.do?id=17065>.

²⁶ *Fronteiras inteligentes para reforçar a mobilidade e a segurança*. Publicado no site da União Europeia. Disponível em: http://europa.eu/rapid/press-release_IP-13-162_pt.htm

²⁷ *Le racisme en France étudié à la loupe: se sentir Français mais ne pas l'être pour les autres*. Reportagem publicada no Le Huffington Post no dia 08/01/2016. Disponível em: http://www.huffingtonpost.fr/2016/01/08/se-sentir-francais-racisme-france_n_8928736.html.

porém, acrescentou, “eles não dizem isso” (HUNTINGTON, 2010, p. 240-241).

Atualmente, a situação do processo de entrada da Turquia na União Europeia continua indefinida e longe de uma solução. O país faz parte há décadas de importantes organizações internacionais como a OTAN e o Conselho da Europa, porém, segue distante de conseguir apoios para tornar-se um membro pleno da UE. Um dos entraves seria a livre circulação de cidadãos turcos, que poderia gerar uma imigração massiva pela Europa causando impactos em vários países do bloco (PECEQUILO, 2014, p. 44). Além disso, as recentes atitudes do presidente turco Recep Tayyip Erdogan que foi acusado de cercear a imprensa, cogitou restaurar a pena de morte no país, entrou em conflito com o exército após uma tentativa de golpe e abriu uma crise diplomática com Holanda e Alemanha por razões políticas só dificultam ainda mais esse processo de associação que parece cada vez mais impossível de se concretizar.

Os recentes atentados terroristas que aconteceram nos últimos três anos na França, Bélgica, Turquia e Alemanha, aliados à imigração em massa de refugiados ao continente colaboram para a pouca integração social e para a marginalização dos imigrantes, embora na maioria desses atos, os terroristas não fossem estrangeiros, e sim descendentes nascidos em solo europeu. Na Alemanha, um dos países que foi mais receptivo aos imigrantes do Oriente Médio, houve uma adoção de medidas mais duras aos refugiados aplicadas pelo governo de Angela Merkel que, pressionada pela oposição e população, perdeu parte de sua popularidade após atos violentos cometidos por imigrantes²⁸.

Segundo o sociólogo alemão Jurgen Habermas (1998, p. 158), a Europa se beneficiou durante muito tempo dos constantes fluxos migratórios da história. O autor destaca que, entre 1800 e 1960, os europeus melhoraram suas condições de vida, além de haver uma melhoria da situação econômica dos países para os quais outros europeus imigravam. De acordo com o autor, é necessário fazer uma reivindicação moral aos imigrantes e refugiados por que eles deixam suas casas apenas em graves situações e o simples ato de fugir da terra natal já mostra evidências suficientes da necessidade em ajudá-los.

Bauman afirma que quando se escuta o nome Europa não fica claro saber se esta se refere a um território geográfico em solo com suas fronteiras fixas, tratados políticos e documentos jurídicos ou uma essência flutuante que não conhece divisões e limites espaciais, já que a Europa geográfica nunca teve fronteiras fixas e é improvável que venha a adquiri-las

²⁸ *Alemanha vive uma crise de identidade pela chegada dos refugiados*. Reportagem publicada no El País no dia 06/03/2016. Disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2016/03/04/internacional/1457094397_531041.html.

enquanto a “essência” continuar existindo, visto que agora com tratados e acordos ela tem “flutuado livremente”:

Quando os Estados europeus tentam estabelecer suas fronteiras continentais comuns e, para mantê-las, contratam guardas fortemente armados, ao lado de agentes alfandegários e de imigração, percebem que é impossível lacrá-las, torná-las estanques e impermeáveis. Qualquer linha que circunscreva a Europa será um desafio para o restante do planeta e um convite permanente a transgressão (BAUMAN, 2006, p. 12).

Ao mesmo tempo em que a UE busca resolver esta complicada questão da imigração, ela sofre com o desafio de lidar com mudanças de identidade de seus cidadãos, assunto que será analisado no próximo tópico.

3.3 As novas identidades da União Europeia

Durante séculos de história, a Europa sempre teve dificuldades para definir uma identidade e cultura únicas que a representassem devido sua vasta diversidade. Na grande maioria dos casos, os cidadãos europeus buscam primeiramente exaltar suas tradições e culturas nacionais em relação a uma identidade continental. Resumindo, enfatizam mais as diversidades do que as proximidades que têm em comum. Como afirma Bauman, os europeus não sabem o que realmente são:

Mas o resultado é que nós, os europeus, talvez sejamos (como sujeitos e atores históricos da cultura) o único povo *sem identidade* – identidade fixa, ou o que se imagina e se acredita ser fixa: “nós não sabemos quem somos” e muito menos sabemos o que ainda podemos nos tornar e o que ainda podemos aprender que somos (BAUMAN, 2006, p. 17).

Além destas diversidades de um enorme continente, o constante fluxo migratório também colaborou para chegar a este dilema identitário, embora a União Europeia venha se empenhando nos últimos anos na promoção de uma maior migração interna, entre os países membros do bloco, buscando justamente criar uma identidade europeia (GIDDENS, 2014, p. 148). Com a entrada de novos personagens no bloco, a identidade e o “ser europeu” também passaram por mudanças. Giddens (2014, p. 166) argumenta que muitas pessoas não se sentem dotadas de uma identidade única e que seus padrões de comportamento não coincidem completamente com opções a serem tidas em formulários do censo.

Um exemplo é o caso da situação dos turcos na Alemanha. Esta comunidade que chegou ao país em meados da década de 1960 sofre até os dias de hoje com preconceitos e estigmas de “cidadãos de segunda classe”. Isso motivou o jornalista alemão Günter Wallraff a se disfarçar de trabalhador turco na década de 1980 para sentir na pele a sensação pelas quais

os *Gastarbeiters* passavam. A experiência, que durou meses, rendeu um livro e ajudou a conscientizar a população sobre o duro cotidiano dos imigrantes. Segundo Wallraff (1989, p. 20), ele jamais seria um turco de verdade, mas seria necessário inventar uma história, mentir e fingir para descobrir e mostrar a verdade à sociedade alemã.

A experiência de Wallraff revela como era difícil para os trabalhadores turcos se sentirem acolhidos e integrados pelos locais ou mesmo se sentirem como parte da sociedade alemã. Esse estigma também passou para seus descendentes e hoje em dia muitos jovens de segunda ou terceira geração sentem-se divididos entre estes dois mundos. A própria pesquisa do INED em parceria com o INSEE, citada no tópico anterior, é um claro exemplo deste dilema pelo qual alguns jovens passam, de apontar que ao mesmo tempo sentem-se como parte e não parte de uma comunidade europeia evidenciando o choque de identidade.

Essa não integração acaba colaborando para criação de guetos. É comum que imigrantes e seus descendentes vivam nas periferias das metrópoles e muitas vezes evitem contato com outras comunidades. A pouca iniciativa de políticas de integração, que durante décadas foi ignorada pelas autoridades, também colaborou para o afastamento. Giddens cita o caso holandês que durante muito tempo praticou uma política de minoria que incentivava os imigrantes a não se integrarem resultando em consequências problemáticas e precisando ser revista, dando espaço para outro modelo:

A nova “política de integração”, introduzida no final da década de 1990, embora amplamente vista como uma reação ao multiculturalismo, estava, na verdade, bem mais alinhada com a política multicultural tal como esta deve ser entendida (GIDDENS, 2014, p. 158).

Neste caso, o governo passou a dar aulas de holandês e de cidadania às comunidades imigrantes, mas teve pouco resultado prático no combate à pobreza, ao racismo e à xenofobia. O isolamento desse grupo em bairros mais afastados ainda permanece nas grandes metrópoles e parece ser uma questão que irá demorar a ser resolvida. Um dos principais exemplos deste tipo de guetos é o bairro Molenbeek, na periferia de Bruxelas, capital da Bélgica. O subúrbio tem alta taxa de desemprego e a maioria dos moradores é de origem imigrante ou descendente. O bairro, que é a região mais pobre da cidade, é hoje um dos locais mais vigiados pela segurança internacional. Muitas células de grupos terroristas islâmicos atuam por lá e alguns dos responsáveis pelos atentados em Paris e Bruxelas em 2015 e 2016 eram moradores de Molenbeek²⁹.

²⁹ *Como bairro em Bruxelas virou 'celeiro de terrorismo' na Europa*. Reportagem publicada na BBC Brasil no dia 16/11/2015. Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/11/151116_belgica_atentado_lab.

Para Vermeulen (2001), ser considerado como membro de um grupo étnico específico pode ser um fardo para membros de uma minoria de classe social baixa que podem reagir tanto buscando distanciar-se de suas raízes para tentar fazer parte do grupo dominante como simplesmente assumir essa origem estrangeira. O autor traz para o debate a reflexão do antropólogo James L. Watson³⁰ (1980, apud VERMEULEN, 2001, p. 138-139) que afirma que os jovens ingleses de minorias étnicas redescobrem o legado cultural dos pais e o adaptam para sua realidade visando construir novas identidades que os distanciam da sociedade dominante. Uma situação que também pode ser aplicada a outras minorias, como na França, Alemanha ou Bélgica, por exemplo.

Outro caso apontado por Giddens (2014, p. 151) é o fato e muitos europeus afirmarem que se sentem estrangeiros em seu próprio país devido ao fluxo imigratório. É verdade que a expressão é um tanto exagerada já que o número de cidadãos estrangeiros nos principais países da UE dificilmente chega a 20% da população total³¹, mas revela como a falta de integração social pode causar situações como esta, gerando consequências temerárias como racismo, xenofobia e intolerância religiosa.

Os sociólogos Elias e Scotson (2000, p. 45) afirmam que é comum alguns grupos nacionais lamentarem a perda do status de grandeza do passado devido à chegada de outsiders ao seu território. Por isso, uma saída encontrada por eles é partir para o contra-ataque estigmatizando e rejeitando todo aquele que pertence a uma origem, etnia ou cultura diferente. Estes atos de preconceito são os efeitos negativos do multiculturalismo, que ao mesmo tempo em que pode ser utilizado para aumentar a tolerância às diferenças, também pode acentuá-las (VERMEULEN, 2001, p. 36). Habermas (2012, p. 85) pontua que o populismo jurídico influencia aqueles sujeitos que buscam se isolar do diferente e citando o sociólogo alemão Klaus Eder completa dizendo que após 50 anos de imigração de trabalhadores, os povos dos Estados europeus não podem mais se imaginar como culturas homogêneas, graças as suas vastas diversidades étnicas, linguísticas e religiosas.

Trazendo esta discussão para o atual futebol, hoje em dia é comum assistir a times europeus em que os estrangeiros, sendo eles de Estados membros da UE ou não, são maioria em relação aos locais. E essa situação transforma os clubes em verdadeiros selecionados

³⁰ WATSON, J. L. Arbeitsimmigranten in Grossbritannien: Neuere Entwicklungen. In: BLASCHKE, J; GREUSSING, K. "Dritte Welt" in Europa. Probleme der Arbeitsimmigration. Frankfurt am Main, Syndikat, p. 38-52, 1980.

³¹ *Migration and migrant population statistics*. Estudo publicado no site do Eurostats. Disponível em: http://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php/Migration_and_migrant_population_statistics.

internacionais. O que revela o impacto que a globalização, a internacionalização e a imigração ao longo das décadas causaram na formação das seleções nacionais do bloco.

Ao mesmo tempo em que unem seus compatriotas de diferentes origens étnicas sob uma mesma bandeira durante a disputa de Copa do Mundo, elas podem ser capazes de gerar questionamentos de cidadãos mais conservadores que indagam se esses atletas de origens imigrantes são realmente dignos de representarem seu país. Assunto que será detalhado no capítulo a seguir que trata da evolução dessas equipes multiculturais.

4. AS SELEÇÕES DE FUTEBOL MULTICULTURAIS

4.1 Os primórdios das seleções multiculturais

A convocação de atletas de origem estrangeira para integrar as seleções europeias de futebol é algo que sempre aconteceu. Ao longo do século XX, passando pela época do colonialismo e posteriormente da descolonização, já havia jogadores oriundos das ex-colônias integrando as equipes nas disputas da Copa do Mundo. Até a década de 1950, boa parte desses jogadores, com algumas exceções, tinha como característica possuir fortes ligações com o país europeu em questão. Por exemplo: ser filho de europeus e ter nascido em alguma colônia ou ter pais ou avós que imigraram da Europa para outro continente. Esse era o perfil majoritário, diferentemente dos dias atuais em que raças, etnias e religiões diversas se misturam no vestiário de uma seleção nacional. Nos primórdios, tentava-se manter certa pureza étnica.

Na primeira Copa do Mundo, disputada no Uruguai em 1930, a França tinha em seu plantel dois jogadores que nasceram na Argélia, então sua colônia: Ernest Liberati e Alexandre Villaplane, este último foi capitão do time, primeiro atleta argelino a defender a França e condenado a morte por envolvimento com os nazistas na década de 1940³². A Romênia tinha em sua equipe atletas nascidos no país e outros que nasceram antes de 1918 nas áreas do antigo Império Austro-Húngaro, dissolvido logo após o fim da Primeira Guerra Mundial e que ocupava territórios que hoje pertencem ao Estado romeno. Isso sem falar na Argentina que foi vice-campeã mundial com alguns jogadores descendentes de italianos que imigraram no fim do século XIX para a América do Sul.

Isso se repetiu nos dois Mundiais seguintes em 1934 e 1938. Os selecionados que disputaram estes eventos utilizaram alguns atletas de origem estrangeira em seus elencos, com a grande maioria tendo alguma descendência europeia. A Itália sagrou-se bicampeã mundial com alguns *oriundis*, sendo a maioria de argentinos e um brasileiro: Anfilogino Guarisi, o Filó. A exceção foi a França, que sediou o Mundial de 1938, e teve seu primeiro elenco multicultural, com atletas nascidos fora do país, mas descendentes de franceses, jogadores que imigraram para jogar na liga francesa e se naturalizaram, pioneiros como Raoul Diagne e

³² *The forgotten story of...the France football captain who murdered for Hitler*. Reportagem publicada no The Guardian no dia 16/11/2009: Disponível em: <https://www.theguardian.com/sport/blog/2009/nov/16/france>.

Abdelkader Ben Bouali, que se tornaram os primeiros negro e árabe, respectivamente, a vestirem a camisa da França³³.

Com o desenrolar da Segunda Guerra Mundial, a Copa do Mundo só voltaria a ser realizada em 1950, no Brasil. O conflito bélico deixou graves sequelas à Europa, que para se recuperar dos estragos incentivou a imigração de trabalhadores ao continente, como já detalhado no capítulo anterior. É durante esse período no pós-guerra que fluxos migratórios para a Europa Ocidental se intensificam e terão reflexos nos plantéis europeus dos Mundiais das décadas seguintes com os descendentes destes imigrantes de primeira geração.

No entanto, já na década de 1950, a França apresentou ao mundo uma talentosa geração de jogadores, muitos deles com origens estrangeiras. Raymond Kopa e Just Fontaine lideraram a seleção que chegou à semifinal da Copa de 1958. Filho de imigrantes poloneses, Kopa foi considerado um dos melhores atletas da época e integrou o esquadrão do Real Madrid que dominava a Europa. De origem pobre, começou a trabalhar ainda criança em uma mina e passou a jogar com o pai na equipe de mineiros (GALEANO, 2013, p. 109). Após um acidente de trabalho, dedicou-se exclusivamente ao futebol. Já Fontaine, filho de um francês com uma espanhola e nascido no Marrocos, foi o artilheiro daquele Mundial e detém até hoje o recorde de número de gols marcados em uma só edição: 13 ao todo. Fontaine inclusive foi um dedicado militante pelos direitos dos jogadores e idealizou a criação da *Union nationale des footballeurs professionnels*, o sindicato dos jogadores franceses³⁴.

Atletas magrebins, oriundos das antigas colônias do norte da África, também tiveram destaque no futebol francês neste período. Segundo Pfeil (2010), ao fim da década 1950, havia 62 jogadores imigrantes ou de origem africana atuando na liga francesa. Alguns deles como Rachid Mekhloufi e Mustapha Zitouni, ambos argelinos, chegaram a ser convocados para defender a França, mas recusaram a convocação para representar a seleção da Frente de Libertação Nacional, um partido socialista que lutava pela independência da Argélia e utilizava como instrumento na luta de libertação um time de futebol com jogadores magrebins conhecidos internacionalmente³⁵.

³³ *Immigration and French football: A bittersweet relationship*. Reportagem publicada no Sciopero Sport no dia 25/07/2016. Disponível em: <http://scioperosport.com/immigration-french-football-relationship/>.

³⁴ *Aos 80, maior artilheiro de uma Copa revela: 'Quase joguei no Botafogo'*. Reportagem publicada no Sportv no dia 17/08/2013. Disponível em: <http://sportv.globo.com/site/programas/sportv-news/noticia/2013/08/aos-80-maior-artilheiro-de-uma-copa-revela-quase-joguei-no-botafogo.html>.

³⁵ *Lado B da Copa: O soldado do futebol que libertou a Argélia e fez um general se render a ele*. Reportagem publicada na ESPN Brasil no dia 03/06/2014. Disponível em: http://espn.uol.com.br/noticia/415144_lado-b-da-copa-o-soldado-do-futebol-que-libertou-a-argelia-e-fez-um-general-se-render-a-ele.

Nos anos 1960, outra geração multicultural despontou para o mundo: a seleção de Portugal, país que entraria na União Europeia apenas 20 anos depois. Disputando sua primeira Copa, o time terminou o Mundial de 1966 na terceira colocação geral e com o artilheiro do certame: Eusébio, um negro nascido em Lourenço Marques, hoje Maputo, capital de Moçambique, até então colônia portuguesa. Eusébio foi um dos melhores jogadores de todos os tempos e considerado um patrimônio nacional. Sua morte em janeiro de 2014 causou comoção e luto no país onde é tido como um mito. Inclusive, seus restos mortais foram transferidos para o Panteão Nacional da Igreja de Santa Engrácia, em Lisboa, onde repousam juntamente com membros da família real portuguesa e outros ícones de Portugal (FREIXO, 2014, p. 35).

Além de Eusébio, o time português semifinalista tinha outros três atletas negros e nascidos em Moçambique: Vicente, Hilário e Mário Coluna, este capitão da equipe e eleito como um dos craques do evento. Antes outro negro havia despontado na seleção, o atacante Matateu que defendeu o selecionado nacional nos anos 1950. O sucesso desta geração foi utilizado como instrumento político pelo regime ditatorial de António Salazar que buscava mostrar ao mundo uma “harmonia multirracial” no país:

Essa brilhante geração dos anos 1960 – que teve em Eusébio seu grande ícone – se encaixava perfeitamente nos objetivos da máquina de propaganda do regime salazarista, que desde o início daquela década enfrentava movimentos de libertação nos seus domínios africanos, em sangrentas guerras coloniais. A imagem multirracial dos clubes e da Seleção, com os jogadores oriundos da colônia, era usada para reforçar a ideia da grande nação lusitana que se estendia por três continentes e que se caracterizava pela civilização luso-tropical. Isso também possibilitava que a ditadura associasse os grupos que lutavam pela independência das colônias a *interesses externos*, tradicionalmente relacionados à subversão e ao comunismo internacional. (FREIXO, 2014, p. 33)

Eusébio foi o símbolo máximo dessa política e também da valorização do negro oriundo da colônia. Como afirma Domingos, nenhum dos atletas negros provenientes da África portuguesa alcançou tal projeção:

Esta dependeu do seu inequívoco talento, mas também do modo como foi abraçado pela cultura popular mediática em expansão, que levou a sua fama bem para lá dos contornos da metrópole e das extensões coloniais. [...] A universalização de Eusébio acrescentou valor ao seu papel enquanto representante de uma pertença social, vertida e pertença desportiva (DOMINGOS, 2014, p. 162).

Neste período, outras seleções tradicionais como Itália e Espanha contaram com atletas estrangeiros naturalizados, caso do brasileiro José Altafini Mazola e do argentino Alfredo Di Stéfano. Nos anos 1970, as seleções da Inglaterra e Alemanha quebrariam tabus étnicos. Os ingleses viviam tempos de hooliganismo e manifestações racistas por parte de seus violentos torcedores, porém, em 1978, Viv Anderson se tornou o primeiro negro a atuar

pela seleção. Descendente de jamaicanos firmou-se na seleção, disputou duas Copas e abriu espaço para outros atletas negros no *English Team*³⁶. Em 1974, Erwin Kostedde, filho de pai americano e mãe alemã, fez história ao ser o primeiro negro a jogar pela seleção da Alemanha³⁷.

A partir da década de 1980, passou a ser mais comum ver a presença de atletas de origem estrangeira nas seleções. Até os anos 1970, a grande maioria deles era toda estrangeira, fossem filhos de europeus nascidos em antigas colônias ou naturalizados. A partir dos anos 1980, o perfil desses jogadores mudou e começaram a ser convocados para a equipe aqueles que faziam parte da segunda geração de imigrantes e nascidos no próprio continente. Caso de dois dos maiores jogadores do futebol holandês: Ruud Gullit e Frank Rijkaard. Ao lado de Marco van Basten, eles foram os pilares do time que em 1988 conquistou o inédito título da Eurocopa e depois fizeram sucesso juntos defendendo a equipe do Milan na Itália.

Gullit e Rijkaard nasceram no mesmo mês, em setembro de 1962 na capital Amsterdã. Seus pais eram imigrantes do Suriname, casaram-se com holandesas brancas e haviam sido jogadores profissionais na Holanda. Os futuros colegas de seleção passaram a infância juntos em um bairro de classe média, realidade oposta a outros descendentes surinameses que viviam em guetos e regiões mais pobres. Gullit inclusive disse certa vez que só se descobriu negro aos dez anos de idade³⁸. Mesmo tendo alguns privilégios em relação a outros semelhantes, ele sempre militou de forma ostensiva contra o racismo, participando inclusive de atos contra o apartheid na África do Sul e dedicando sua Bola de Ouro de 1987 a Nelson Mandela (GALEANO, 2013, p. 181).

Antes deles, apenas Humphrey Mijns, negro e que era nascido no Suriname, havia jogado na seleção, no início da década de 1960. De acordo com Winner (2010, p. 224-225), Mijns reclamou para a imprensa sobre o então técnico da seleção Elek Schwartz pelo fato de ter poucas chances na equipe e nunca mais jogou pelo selecionado nacional. Passaram-se mais de 20 anos até que, em 1981, Rijkaard foi convocado pela primeira vez para a seleção, tornando-se o segundo negro a vestir a camisa laranja. Gullit foi convocado no ano seguinte.

Nos anos 1980, a França foi outro país que viu sua seleção nacional ser coroada com a ajuda de jogadores de origem estrangeira ao conquistar a Eurocopa em 1984 e chegar às

³⁶ *England's first black international footballer*. Reportagem publicada na BBC no dia 11/05/2010. Disponível em: http://news.bbc.co.uk/local/nottingham/hi/people_and_places/history/newsid_8649000/8649243.stm.

³⁷ *Erwin Kostedde: the first black player for Germany*. Reportagem publicada no site da Federação Alemã de Futebol no dia 22/12/2014. Disponível em: <http://www.dfb.de/news/detail/erwin-kostedde-the-first-black-player-for-germany-113645/>.

³⁸ *Rijkaard finally gets Frank*. Reportagem publicada no The Guardian no dia 25/06/2000. Disponível em: <https://www.theguardian.com/football/2000/jun/25/euro2000.sport5>.

semifinais dos Mundiais de 1982 e 1986. O grande expoente dessa geração foi Michael Platini, neto de italianos e que viria a se tornar presidente da UEFA anos depois. Além dele, outros jogadores como o guadalupense Marius Trésor, o martinicano Gérard Janvion, o malinês Jean Tigana e o espanhol Luis Fernandez atuaram mais de 40 vezes pela seleção e fizeram parte daquela equipe.

A Copa do Mundo de 1990 ficou marcada pelo baixo nível técnico e também pela última conquista da seleção alemã ocidental antes da reunificação com o lado oriental. Oito meses antes de a bola começar a rolar caía o muro de Berlim e tinha início o processo de união das duas Alemanhas. O tratado de unificação só seria assinado depois do Mundial, em agosto de 1990, e quem jogou o evento foi o time ocidental. A conquista do tricampeonato deu mais esperança para todos os alemães e para os imigrantes que aguardavam há muito tempo pela união nacional.

Nesta Copa do Mundo, a seleção que mais teve atletas com essas características foi a da Holanda, que manteve a base campeã da Eurocopa dois anos antes. Os holandeses, porém, não venceram nenhum jogo e acabaram eliminados nas oitavas de final. Um dos motivos para a fraca campanha foram os problemas internos entre jogadores e comissão técnica que rachou o ambiente. Outro fato curioso foi que Chris Hughton, filho de um ganês, tornou-se o primeiro mestiço a defender a seleção irlandesa em um Mundial.

Sem a participação de França e Inglaterra, seleções que sempre tiveram muitos atletas de origem estrangeira, a Copa do Mundo de 1994 teve um número menor de jogadores com estas características em relação ao Mundial passado. Das 24 equipes que disputaram o torneio, apenas sete eram de países membros da União Europeia. A equipe mais multicultural era novamente a Holanda, que preservou alguns veteranos da Copa anterior. Na finalista Itália, um dos destaques foi Paolo Maldini, filho do ex-jogador Cesare, e que viria a se tornar capitão e ídolo da *Azzurra*. Os avôs de Paolo eram eslovenos que imigraram para a Itália e devido ao regime fascista de Mussolini tiveram que mudar seu nome familiar de Mladic para Maldini³⁹.

A década de 1990 ficaria marcada por uma nova lei que revolucionou o futebol mundial e europeu. Tudo começou quando em 1990, o jogador Marc Jean Bosman resolveu não renovar seu contrato com o RFC Liège, da Bélgica, e optou por se transferir para o USL Dunquerque, da França. O clube belga não aceitou a negociação, pois queria receber uma compensação financeira e bloqueou a transação, suspendendo o contrato do atleta. Bosman

³⁹ *Paolo Maldini - The greatest defender of all time*. Reportagem publicada no Sportskeeda no dia 26/06/2015. Disponível em: <http://www.sportskeeda.com/football/paolo-maldini-ac-milan-greatest-defender-all-time>.

então procurou a Justiça com base no artigo 48 do Tratado de Roma⁴⁰ alegando que por ser um cidadão e trabalhador de um país membro da UE não poderia ser impedido de atuar em outro país do bloco.

O caso se arrastou por anos entre tribunais até chegar ao Tribunal de Justiça Europeu, em Luxemburgo, e ser julgado no dia 15 de dezembro de 1995. A Justiça deu ganho de causa para Bosman alegando que:

Article 48 of the EEC Treaty precludes the application of rules laid down by sporting associations under which, in matches in competitions which they organize, football clubs may field only a limited number of professional players who are nationals of other Member States (EUROPEAN COURT JUDGMENT, 1995, p. 42).

Com essa decisão, os jogadores ficavam livres após o vencimento de seus contratos e os clubes impedidos de receber dinheiro por atletas que assinassem contratos com outras equipes durante os seis meses finais do vínculo. A nova lei também aboliu a regra “3+2” da UEFA, que limitava a contratação de estrangeiros e permitia que três jogadores de outros países e mais dois “assimilados”, que eram estrangeiros com cinco anos ou mais de serviço no país em questão, atuassem pelos clubes europeus (GARCIA, 2007, p. 208) e passou a permitir que os atletas com passaporte de países membros da União Europeia pudessem circular livremente pelo continente e não contariam mais como estrangeiros nos plantéis dos clubes. A decisão afetou o mercado de transferências do futebol, beneficiando os clubes mais ricos que passaram a montar verdadeiras seleções internacionais e a lucrar cifras bilionárias. Os atletas também se valorizaram e passaram a ganhar muito mais dinheiro (GIULIANOTTI, 2010, p. 159).

A Eurocopa de 1996 foi o primeiro grande evento internacional de seleções após a aplicação da Lei Bosman e curiosamente foi nesse torneio que alguns selecionados europeus passaram a convocar mais atletas de origens estrangeiras. A competição, sediada na Inglaterra, reuniu 16 equipes, sendo nove de países da UE. Times com histórico de atletas multiculturais como França, Holanda, Portugal e Inglaterra apresentaram jovens que no futuro iriam se tornar estrelas como Zinedine Zidane e Edgard Davids. A Alemanha convocava pela primeira vez um atleta de origem *Gastarbeiter*, o meio-campista Mehmet Scholl, o primeiro de origem turca a vestir a camisa da *Mannschaft*. A Espanha contava com dois jogadores naturalizados, o brasileiro Donato e o argentino Pizzi, enquanto a Itália contava com os serviços de Roberto Di Matteo, filho de italianos que imigraram para a Suíça país onde

⁴⁰ *Traité Instituant la Communauté Economique Européenne*. Publicado no site da União Europeia. Disponível em: <http://eur-lex.europa.eu/legal-content/FR/TXT/PDF/?uri=CELEX:11957E/TXT&from=PT>.

nasceu. Porém, seria na Copa do Mundo seguinte, em 1998, que o caso das seleções multiculturais ganharia maiores proporções e destaque em toda a Europa e no mundo.

4.2 A vitória da França multicultural em 1998

Pela segunda vez na história, a França seria a sede de uma Copa do Mundo. Ausente dos Mundiais de 1990 e 1994, o selecionado passou por uma grande revolução e buscou se renovar. A boa campanha na Euro de 1996, quando chegou às semifinais, animou parte da torcida e da população. No torneio continental, foi apresentada ao mundo uma nova geração de jogadores que tinha além do bom futebol outra coisa em comum: diferentes origens étnicas representando uma só bandeira. Faziam parte daquele time atletas que formariam a espinha dorsal da equipe que conquistaria o título mundial dois anos depois no Stade de France.

O vestiário da seleção era um reflexo da sociedade do país devido às diversas origens de seus jogadores. Dos 22 atletas convocados para aquela Euro, 15 tinham descendência de fora da França (GASTAUT, 2008, p. 24). Filhos de imigrantes de antigas colônias do império francês ou imigrantes nascidos nestas ex-colônias se juntavam aos franceses tradicionais. Graças a esta diversidade, a equipe ganhou o apelido de BBB: *blanc, black et beur* (branco, negro e árabe), refletindo o multiculturalismo no país, e como define Gastaut: “L’équipe nationale incarne la ‘France multiraciale’: les enfant de la colonisation et des vagues d’immigration successives ont toujours trouvé leur place dans le creuset français” (GAUSTAT, 2008, p. 23).

O sucesso dentro de campo de uma seleção recheada de bons jogadores de origens imigrantes incomodou a extrema-direita no país. Principal porta-voz desse espectro político no país e líder do partido Frente Nacional, Jean Marie Le Pen foi quem partiu para o ataque contra o time BBB. Durante esta mesma Eurocopa, Le Pen classificou a equipe como artificial, reclamou do número de atletas negros, disse que não reconhecia aquela seleção como francesa e criticou o fato de alguns atletas não cantarem o hino nacional (GASTAUT, 2008, p. 22). Porém, suas críticas acabaram ofuscadas pelas boas atuações de Zidane e companhia. A cada triunfo dos *Bleus*, a população ficava ansiosa para a Copa de 1998 e deixava a questão do multiculturalismo e outros assuntos de lado.

Assim como aconteceu às vésperas do Mundial do Brasil em 2014, a França passava por momentos turbulentos no ano de 1998, a poucos dias do pontapé inicial. O país enfrentava greves sindicais de várias categorias, principalmente de pilotos da companhia aérea Air

France, que chegaram a ameaçar cruzar os braços e comprometer a realização da competição. Pressionado, o presidente Jacques Chirac teve de ir a público pedir compreensão e ceder nas negociações para evitar maiores transtornos⁴¹.

No dia 10 de junho, a Copa do Mundo teve início com uma vitória do então atual campeão Brasil contra a Escócia. A França estrearia dois dias depois e não teve problemas na fase de grupo vencendo todos os seus compromissos. Os franceses tiveram partidas eletrizantes nos mata-mata e as vitórias suadas ajudaram a aproximar a seleção da população. Nas oitavas de final, passaram pelo valente Paraguai com um gol de ouro na prorrogação e nas quartas de final superaram a Itália nos pênaltis. O momento mais dramático, porém, aconteceu na semifinal contra a surpreendente Croácia. Estreando em Mundiais, os croatas venciam a partida até aparecer um herói improvável para salvar os *Bleus*.

Nascido em Guadalupe, território ultramarino francês, Lilian Thuram imigrou ainda criança para a França com seus pais. Na semifinal contra a Croácia, foi o grande responsável por classificar sua seleção para a final da Copa do Mundo ao marcar os dois gols da virada, curiosamente os únicos de sua carreira com a camisa da seleção em 142 jogos. Ao fim da partida, teve seu nome gritado por todo Stade de France, tornando-se um herói nacional. Justo ele, um dos maiores símbolos desta nova identidade e sociedade multicultural francesa. Sobre a conquista do título mundial, Thuram disse que a vitória era um exemplo do sucesso da diversidade cultural francesa (GASTAUT, 2008, p. 6). Negro, Thuram sempre foi um ativista engajado no combate ao racismo, além de um dos atletas mais vibrantes durante a execução da *La Marseillaise*. Chegou inclusive a contestar publicamente as declarações racistas de Le Pen em vários momentos, inclusive durante uma coletiva de imprensa na Copa do Mundo de 2006, dizendo que o time multicultural representava a verdadeira França e não o país que o líder nacionalista desejava, sendo aplaudido por jornalistas de vários países (BETING, 2010, p. 214).

Se Thuram foi o herói na semifinal, Zinedine Zidane ocupou este papel na final. Nascido em Marselha, o filho de imigrantes argelinos entrou de vez para a história do futebol no dia 12 de julho de 1998. Quis o destino que sua consagração viesse na final dos sonhos para os torcedores franceses: contra a seleção brasileira. No Stade de France, o camisa 10 dos *Bleus* brilhou intensamente. Duas cabeçadas certas que pararam no fundo das redes brasileiras e um festival de dribles e jogadas de efeito ao longo de 90 minutos. A acachapante

⁴¹ *Trabalhadores em greve ameaçaram parar a França a dias da Copa de 1998*. Reportagem publicada no O Estado de S. Paulo no dia 30/05/1998. Disponível em: <http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,trabalhadores-em-greve-ameacaram-parar-a-franca-a-dias-da-copa-de-1998,1174035>.

vitória por 3 a 0 levou os franceses ao delírio e alçou Zidane ao patamar de lenda do futebol, inclusive com cartazes nas ruas pedindo que um filho de imigrantes fosse eleito o próximo presidente da República (GALEANO, 2013, p. 213).

No entanto, não eram apenas os dois heróis das partidas decisivas que tinham em suas veias sangue imigrante. Dos 22 convocados, 14 tinham origens que vinham de fora da França. Alguns deles eram nascidos em antigas colônias, caso do zagueiro e grande líder do time Marcel Desailly, nascido em Gana, e dos volantes Christian Karembeu, oriundo da Nova Caledônia, e Patrick Vieira, nascido no Senegal, que imigraram jovens e se naturalizaram. Havia também jogadores da segunda geração de imigrantes como Thierry Henry, descendente de caribenhos, e Youri Djorkaeff, com origens armênicas, mongóis e polonesas, além de filho do ex-jogador da seleção francesa Jean Djorkaeff, que disputou o Mundial de 1966. Alguns atletas tinham descendências de outros países europeus, caso de Bixente Lizarazu, de família espanhola, e Robert Pires, com raízes portuguesas e espanholas.

O futebol é a modalidade mais popular na grande maioria dos países ao redor do planeta. É comum que o torcedor se identifique com algum clube por causa de sua história, origem, por preferência familiar e outros inúmeros motivos. Com uma seleção esta identificação se dá pelo fator da nacionalidade, pois o selecionado nacional representa seu país. E a seleção francesa em 1998 foi quem melhor representou uma nação tão diversificada como a França. Afinal, o time era um reflexo da sociedade multicultural do país. Cidadãos negros como Thuram, árabes como Zidane e imigrantes europeus como Pires se sentiram representados e se reconheciam naqueles jogadores. Os torcedores se sentiam de alguma forma pertencentes àquele momento.

Nos sete jogos da França, no Mundial, a média de público presente aos estádios durante os jogos dos anfitriões foi de mais de 60 mil torcedores e houve a estimativa que mais de 20 milhões de franceses assistiram a final do Mundial pela TV⁴². O país se uniu pelo time e demonstrou como o futebol naquele momento se transformava num sinônimo de nação como o conceito de comunidade imaginada de Anderson (2008). Isso pôde ser visto nas ruas de Paris nos dias seguintes ao triunfo no Mundial. A população deixou de lado por alguns momentos os problemas que quase prejudicaram a realização da Copa do Mundo. No dia 12 de julho, logo após o apito final, a famosa avenida Champs Elysées foi tomada por cerca de 1 milhão de torcedores. Dois dias depois, durante as comemorações do feriado nacional da

⁴² *Coupe du monde : Les 30 meilleures audiences du football à la télévision française*. Reportagem publicada no site Ozap no dia 25/06/2014. Disponível em: <http://www.ozap.com/actu/les-30-meilleures-audiences-du-football-a-la-television-francaise/453815>.

queda da Bastilha, 150 mil pessoas foram à avenida ainda sob efeito do frenesi da conquista da Copa. Pode até ser um número baixo comparado com a festa do futebol, mas ainda assim foi o dobro do público da comemoração no ano anterior (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 178).

A festa futebolística contagiou boa parte dos cidadãos franceses. Durante as celebrações nas ruas, era comum avistar alguns imigrantes e seus descendentes festejando o inédito título mundial com duas bandeiras empunhadas: uma da França e a outra de seus países de origem. Um exemplo de como houve uma identificação com a seleção e passando a mensagem de que o triunfo não deveria ser comemorado pelos franceses “legítimos” como queria Le Pen e sim por todos os cidadãos franceses. Uma expressão de pluralidade cultural como afirma Giulianotti:

Todavia, as identidades nacionais nunca são estáticas nem mononucleares. Há uma multiplicidade de identidades nacionais em qualquer nação, distinguíveis ao longo de linhas estruturais específicas ou de linhas ideológicas, tais como aquelas relacionadas à religião, à classe, à etnia e à identificação com um soberano específico. Em sociedades multiculturais, a heterogeneidade das vozes nacionalistas é particularmente conspícua (GIULIANOTTI, 2010, p. 53).

Além da França, outras seleções escalaram atletas com raízes multiculturais ao longo desta Copa do Mundo. A Holanda, que por muito pouco não fez uma final multiétnica com os franceses, mostrou um futebol envolvente e ofensivo contando com nove descendentes de imigrantes, em sua maioria do Suriname, casos de Michael Reiziger, Winston Bogarde, Patrick Kluivert, Clarence Seedorf e Edgard Davids, estes dois últimos nascidos em Panamaribo. A Inglaterra mais uma vez tinha um time diversificado e a Bélgica convocava seus primeiros atletas negros para uma Copa do Mundo, os irmãos Émile e Mbo Mpenza que eram descendentes de congoleses e o brasileiro naturalizado Luis Oliveira. Situação que passou a ser cada vez mais frequente nas Copas do novo século.

4.3 A popularização das seleções multiculturais

Em 2002, a Copa do Mundo foi disputada pela primeira vez fora da Europa e da América. O extremo oriente asiático foi escolhido para ser o palco do Mundial inaugural do século XXI. O ineditismo também foi marcado pelo fato de Japão e Coreia do Sul sediarem os jogos de forma conjunta. Assim como em 1998, este torneio novamente contou com seleções da União Europeia multiculturais. Ao todo, as dez equipes do bloco que estiveram em ação contaram com 39 atletas de origens estrangeiras. Um número similar ao da Copa passada e que poderia ter sido maior caso a Holanda tivesse conseguido passar pelas eliminatórias.

Dois anos antes deste Mundial, aconteceu a Eurocopa que também foi disputada simultaneamente em dois países: Holanda e Bélgica. Neste campeonato, a França mais uma vez conquistou a taça com um selecionado multicultural, mantendo a base da Copa de 1998. Novamente os atletas descendentes de imigrantes foram os heróis e no fim daquele ano Zidane foi eleito mais uma vez o melhor do jogador do mundo. A boa fase francesa continuou com os *Bleus* faturando o título da Copa das Confederações em 2001 com uma seleção mesclando ídolos consagrados e jovens revelações. Parecia estar surgindo uma nova hegemonia no futebol internacional, mas o trágico desempenho na Copa de 2002 colocou em xeque o futuro do time BBB.

Nos gramados asiáticos, o selecionado francês não conseguiu vencer nenhum dos três jogos inaugurais e terminou eliminado na primeira fase. Perdeu logo na estreia para a ex-colônia Senegal, empatou com o Uruguai e foi derrotado novamente desta vez pela Dinamarca. E o pior: não marcou um gol sequer nos três jogos. A péssima campanha revoltou a imprensa e os torcedores que chegaram a considerar os jogadores como mercenários e individualistas (GASTAUT, 2008, p. 162-163).

Para piorar a situação, meses antes da Copa de 2002, aconteceu um tenso amistoso entre franceses e argelinos em Paris no dia 6 de outubro de 2001. Era o primeiro jogo entre colonizador e colônia desde a independência do país africano em 1962. E curiosamente esta é a única partida entre as duas seleções até os dias de hoje. A expectativa para um ambiente de animosidades já existia desde o anúncio do amistoso, o que deixou os argelinos radicados na França e os descendentes com um dilema:

L'annonce du match provoque chez les Algériens de France, et plus encore chez la deuxième, voire la troisième, génération issue de l'immigration, un "réveil identitaire" plutôt douloureux. Entre deux cultures, entre deux pays, entre deux équipes nationales, qui choisir, qui supporter? La rencontre est l'occasion d'une mise au point sur le sentiment identitaire franco-algérien au vécu très varié en fonction des parcours personnels. D'une certaine façon, il s'agit du choix ultime: qui placer d'abord dans son cœur? Le pays qui est le vôtre aujourd'hui ou celui de vos ancêtres? Grâce à ce match, tout le monde est persuadé qu'on en saura davantage sur l'intégration des populations issues de l'immigration (GASTAUT, 2008, p. 126).

No dia do jogo, o sentimento conflitante foi confirmado com o que se passou no estádio Saint-Dennis. Antes de a bola rolar, parte dos torcedores argelinos e seus descendentes vaiaram o hino francês e ainda gritaram "viva Bin Laden", o que causou mal-estar com o restante do público devido aos atentados terroristas ao World Trade Center em Nova York, no mês anterior. A França vencia a partida tranquilamente por 4 a 1 quando centenas de torcedores com bandeiras argelinas invadiram o campo e obrigaram o árbitro a encerrar a partida aos 30 minutos do segundo tempo. O mesmo país que foi capaz de unir as diferenças

de sua população pelo êxtase da vitória futebolística, também pôde passar ao mundo que o radicalismo e xenofobia ainda estavam presentes em sua sociedade (GASTAUT, 2008, p. 126-128).

A harmonia étnica do título em 1998 parecia ter se desmanchado graças ao desempenho do time em 2002 após um tropeço, além do lamentável episódio do amistoso contra Argélia que foi bastante criticado pela imprensa do país. O sucesso da integração e do multiculturalismo pelo futebol era colocado em dúvida, fato que se repetiria no futuro quando a seleção francesa voltou a fracassar em uma Copa.

Mesmo com o desastre de 2002, os atletas com origem estrangeira continuaram em alta no futebol francês. No Mundial seguinte, a equipe era ainda mais multiétnica. Dos 23 convocados pelo técnico Raymond Domenech, que tem descendência espanhola e catalã, 17 tinham origens imigrantes. A equipe tinha pele ainda mais negra do que o time campeão em 1998 e novamente causou repulsa em Le Pen que afirmou que Domenech havia “exagerado na proporção de atletas de cor” (BETING, 2010, p. 211). Liderados por um experiente Zidane e um letal Henry, a equipe chegou à decisão e só deixou o título escapar nas cobranças de pênaltis contra a Itália. Mesmo com o vice, os jogadores receberam apoio da população e aplausos ao retornar para casa.

Quem também recebeu muitos aplausos foi a anfitriã Alemanha que sediou seu primeiro grande evento internacional após a reunificação nacional, que se deu em 1990, e fez uma campanha histórica dentro e fora das quatro linhas. Antes de o Mundial ter início, a organização do evento temia que houvesse pouco envolvimento dos torcedores por conta do traumático passado não tão distante do país e tinha dúvidas de como seria a recepção dos cidadãos alemães aos torcedores estrangeiros. Toda esta preocupação se dava pelo fato de ainda estarem presentes na sociedade resquícios e lembranças do período nazista e da Guerra Fria.

Qualquer ato ou manifestação patriótica normalmente era evitado por parte dos alemães já que poderia ser visto com desconfiança. Um ato totalmente inocente, como o de colocar a bandeira da Alemanha na janela de casa ou na sacada do apartamento durante os jogos da seleção, era evitado, pois poderia ser interpretado como simpático a movimentos nacionalistas e de extrema-direita, adeptos à xenofobia. O passado não tão distante dos pesadelos do regime nazista sempre foi um tabu para os alemães, que muitas vezes evitam falar sobre o que aconteceu uma vez que qualquer lembrança do período da doutrina nacional-

socialista resulta num problema de “caráter nacional” que passa a ser envolvido num manto de silêncio (ELIAS, 1997, p. 16).

Essa preocupação se refletiu também na seleção alemã que chegava à Copa com cinco jogadores de origem estrangeira em seu elenco, entre eles Gerald Asamoah. Nascido em Gana, Asamoah imigrou com seus pais para a Alemanha ainda criança. Já adaptado à cultura local e realizando boas atuações optou por naturalizar-se. Em 2001, recebeu a primeira chance no *Mannschaft* e esteve na Copa de 2002. No entanto, nem o bom futebol com a camisa da seleção o poupou de manifestações racistas e xenófobas, algo com que ele conviveu durante toda a carreira. Partidos de extrema-direita chegaram a acusá-lo de não ser alemão de verdade e torcedores mais radicais jogavam bananas nos gramados onde ele atuava⁴³. Mas além dele, havia outros jogadores de origem estrangeira no elenco como Miroslav Klose e Lukas Podolski, ambos poloneses de nascimento e que terminaram a Copa como ídolos e ajudaram de certa forma a população alemã a se ver como uma nação multicultural.

Assim como ocorreu com a França em 1998, a boa campanha da seleção anfitriã entusiasmou torcedores que deixaram o receio de demonstrar seu patriotismo de lado e saíram às ruas para celebrar as vitórias empunhando a bandeira nacional com orgulho. Nem mesmo a derrota na semifinal para a Itália na prorrogação desanimou os alemães que celebraram seus atletas ao fim do torneio e se sentiram novamente parte de uma só nação como argumenta José Eduardo de Carvalho:

O que os alemães conseguiram de fato naquela Copa de 2006 foi utilizar, com transparência exemplar, o futebol como legítimo canal de expressão política. Era preciso mostrar que a nova Alemanha era realmente nova e a Copa se transformou em uma celebração internacional como o país não via fazia tempo, em uma mensagem que tinha como alvo principal o próprio povo alemão (CARVALHO, 2012a, p. 78-79).

Esse sentimento de unidade nacional utilizando o futebol como instrumento ajudou a difundir no subconsciente dos alemães, franceses e europeus de modo geral, uma ideia de nação multicultural. Há quem veja esse conceito com bons olhos, sendo favorável a maior integração, e quem veja pelo outro lado defendendo medidas nacionalistas. Todavia, é inegável que o futebol mostrou que minorias étnicas podem prestar bons serviços à sociedade quando integrados e com oportunidades. E esta inclusão por meio do esporte passou a ser algo cada vez mais frequente inclusive em países que receberam novos imigrantes oriundos de diversas partes do mundo.

⁴³ *Seleção redefine o conceito de "ser alemão"*. Reportagem publicada no Deutsche Welle no dia 24/06/2006. Disponível em: <http://www.dw.com/pt-br/sele%C3%A7%C3%A3o-redefine-o-conceito-de-ser-alem%C3%A3o/a-2062312>

4.4 Multiculturalismo no futebol europeu: realidade cada vez mais presente

A Copa do Mundo de 2010 ficou marcada por ter sido o primeiro Mundial de futebol a ser disputado no continente africano. O país escolhido para ser sede foi a África do Sul. Nesta edição, 11 equipes da União Europeia estiveram em ação e apenas a Eslovênia não tinha atletas de origem estrangeira em seu plantel. Assim como em 2006, a Alemanha foi um dos destaques. O selecionado aplicou goleadas históricas nos rivais ingleses e argentinos, mas foi superado na semifinal pela Espanha que viria a vencer a Copa do Mundo pela primeira vez. O time alemão era ainda mais multicultural, tendo 11 dos 23 jogadores com origens fora da Alemanha. Jovens revelações como Mesut Özil e Sami Khedira acabaram ganhando fama mundial e o *Mannschaft* mais uma vez foi considerado como exemplo de sucesso de integração através do futebol.

Se a Alemanha com quase metade do elenco multiétnico foi muito bem, o mesmo não se pode dizer da seleção francesa. Depois de um vice-campeonato, a equipe entrou em crise. A má campanha na Eurocopa de 2008 já evidenciava problemas de relacionamento entre comissão técnica e jogadores. Brigas entre jogadores no vestiário, ameaças de greve em plena Copa e conflitos com o técnico Domenech resumiram a participação dos *Bleus* no Mundial da África do Sul. A eliminação na primeira fase e o mau futebol tornaram-se um prato cheio para a imprensa sensacionalista e partidários nacionalistas que viam nesse fiasco um exemplo para o fracasso do multiculturalismo no país. Pouco antes de a bola começar a rolar nos gramados sul-africanos, Gastaut lembrou do pouco espaço para jogadores de origem magrebina na convocação da seleção francesa, afirmando que uma eliminação na primeira fase seria uma tragédia nacional (POINSOT, 2010, p. 8).

Este dilema de receber elogios durante as vitórias e duras críticas nas derrotas é algo que a Holanda conhece muito bem. Se um clima de união e harmonia no vestiário foi o responsável pelas boas campanhas em 1998 e 2010, histórias de problemas internos durante grandes eventos são famosas envolvendo as seleções holandesas. Supostas desavenças étnicas e de relacionamento entre o elenco e a comissão técnica foram os motivos para o fracasso da promissora geração laranja na Eurocopa de 1996 (WINNER, 2010, p. 195-196). Já na Euro de 2012, novamente um racha entre atletas descontentes e a comissão técnica foi o estopim para a eliminação na fase de grupos e uma chuva de críticas por parte da torcida e mídia do país.

A seleção alemã, porém, parece ter passado imune por estas questões polêmicas envolvendo os atletas de origem imigrante. Cada vez mais se assumindo como uma equipe multicultural, os alemães conquistaram no Brasil, em 2014, seu tetracampeonato com muitos atletas dentro destas características. E parte do sucesso da conquista se deve não apenas aos bons atletas revelados pelo país ou ao trabalho de desenvolvimento nas categorias de base visando agregar minorias étnicas por meio do futebol, caso abordado mais detalhadamente no próximo capítulo, mas também as mudanças legislativas feitas pelo governo para lidar com esses grupos de imigrantes. Como mostrado no capítulo 2, a partir dos anos 2000 as leis de dupla cidadania na Alemanha foram sendo afrouxadas visando integrar esses descendentes de imigrantes, buscando realçar as identidades e evitar segregações raciais e sociais no futuro. Coincidência ou não, após a primeira mudança sobre critérios de nacionalidade, o selecionado passou a ser mais multirracial. Talvez seja por causa dessas burocráticas leis que a Alemanha permaneceu por muitos anos com uma seleção muito mais branca do que sua própria sociedade⁴⁴.

Esses casos de equipes cada vez mais multiculturais também se repetiram em outras seleções tradicionais da UE e com tradição na história do futebol. A equipe de Portugal, por exemplo, sempre contou com os serviços de atletas de origens de suas antigas colônias. No Mundial de 2014, os portugueses não foram bem, sendo eliminados na primeira fase. No entanto, no mesmo ano disputaram a final do Campeonato Europeu sub-19 e em 2016 conquistaram finalmente seu primeiro grande título internacional. O triunfo na Eurocopa contra a anfitriã França, na dramática decisão, só veio na prorrogação através de um chute potente de um atleta que representa muito bem essa diversidade: Éder, nascido em Guiné-Bissau e que passou por orfanatos ao longo da juventude até se firmar como jogador profissional. Outro caso é a Inglaterra, que recentemente vem revelando muitos jovens de origens migratórias graças aos programas de inclusão social por meio do esporte.

Na Copa de 2014, aconteceu um fato inédito. Pela primeira vez, todos os times de países membros da União Europeia tiveram pelo menos um jogador convocado de origem imigrante. Equipes como a França e Holanda mantiveram a tradição de contar com muitos desses atletas, mas outras equipes também apostaram em suas novas realidades sociais como as tradicionais Itália, que contava com o filho de ganeses Mario Balotelli, e a Espanha, com o brasileiro naturalizado Diego Costa. Após um hiato de 12 anos sem disputar um Mundial, a

⁴⁴ *Why it took so long for Germany's team to become multi-cultural*. Reportagem publicada na FourFourTwo no dia 16/11/2012. Disponível em: <http://www.fourfourtwo.com/features/why-it-took-so-long-germanys-team-become-multi-cultural>.

Bélgica apresentou uma jovem e talentosa geração multiétnica em seu retorno. Dos 23 convocados, 12 atletas tinham raízes oriundas do exterior e refletiam como um espelho a atual situação país: cada vez mais diversificado racial e etnicamente. Além dessas diferenças, havia ainda as divisões culturais da Bélgica entre os jogadores flamengos e valões. Na época da Copa, alguns políticos extremistas faziam campanha por um referendo em que pediam a separação das duas regiões do país. O clima de fragmentação poderia contaminar o vestiário, mas nada disso aconteceu e o time apresentou uma de suas melhores performances mostrando que desta vez o futebol novamente funcionou como ferramenta de união nacional.

Se na Copa do Mundo de 2014, o número de jogadores multiculturais nas seleções da União Europeia bateu recordes, a Copa do Mundo de futebol feminino no Canadá em 2015 e a Eurocopa na França em 2016 confirmaram esta nova realidade.

No Mundial feminino, seis seleções da UE entraram em campo: Alemanha, Espanha, França, Holanda, Inglaterra e Suécia. De todas elas, apenas a equipe espanhola não contava com alguma atleta de origem estrangeira. Havia bem menos jogadoras com origem estrangeira disputando a Copa em relação aos homens, mas alguns fatos não deixam de ser interessantes. Por exemplo, a artilheira do evento foi a alemã Célia Sasic, filha de um camaronês e uma francesa, casada com um jogador de futebol croata e recentemente mãe de uma menina alemã. Vale destacar também a seleção francesa que assim como a masculina teve uma equipe multicultural, inclusive com jogadoras de origem magrebina e descendência islâmica.

De acordo com uma reportagem da TV Globo, exibida no dia 18 de junho de 2016, durante a Eurocopa, 23 das 24 equipes participantes (contando membros e não membros da UE) tiveram em seus elencos atletas com origem imigrante⁴⁵. De todos os 552 inscritos, 142 tinham origem estrangeira, com exceção da Romênia. E a grande maioria de jogadores com este perfil era de jovens com menos de 25 anos de idade e quase todos nascidos dentro das fronteiras da Europa, o que os tornam legítimos cidadãos europeus, porém, com uma nova história, muitas culturas e um novo tipo de identidade.

E isso acontece também na mão inversa. Na edição de 2017 da Copa Africana de Nações, disputada no Gabão, 13 das 16 seleções participantes tinham atletas que nasceram na Europa, principalmente nos antigos países colonizadores, ou em outro Estado africano por conta dos movimentos migratórios provocados pelos constantes conflitos no continente⁴⁶.

⁴⁵ *Jogadores da Eurocopa representam países diferentes dos quais nasceram*. Reportagem exibida pela TV Globo no dia 18/06/2016. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5103474/>.

⁴⁶ *Como a Copa Africana de Nações nos oferece uma aula sobre globalização e fluxos migratórios*. Reportagem publicada pela Trivela no dia 13/01/2017. Disponível em: <http://trivela.uol.com.br/a-copa-africana-de-nacoes-tambem-pode-ensinar-muito-sobre-globalizacao-e-fluxos-migratorios/>.

Revela-se, portanto, que esse jogo de identidade é global e não se resume apenas à Europa. Baseado em números e estatísticas que serão apresentadas no próximo capítulo e também levando em consideração a constante evolução do número de atletas multiculturais nas últimas Copas do Mundo e a presença cada vez maior deles nas recentes convocações para as eliminatórias do Mundial de 2018, pode-se afirmar que esse perfil de jogador tende a ser o futuro das seleções da UE nos grandes eventos internacionais.

5. INFLUÊNCIAS NO AUMENTO DE JOGADORES MULTICULTURAIS NAS SELEÇÕES NACIONAIS

Para poder compreender melhor as novas identidades e a formação das seleções nacionais com grande presença de atletas de origem estrangeira é preciso buscar dados históricos e estatísticos para fundamentar a pesquisa. Neste capítulo, serão investigados possíveis motivos que levaram à consolidação da presença desses atletas nos selecionados nacionais. Primeiro, será feito um levantamento sobre o crescimento da população de imigrantes nos quatro países estudados da pesquisa (Alemanha, França, Holanda e Portugal), utilizando como base censos populacionais desses países e pesquisas mais recentes de cada Estado. A seguir, será analisado, recorrendo aos dados oficiais do Eurostats e dos governos nacionais, a atual situação social desses grupos de imigrantes e seus descendentes. Também serão analisados programas de integração social por meio do esporte, servindo-se do material das Federações nacionais de futebol e do Ministério dos esportes de cada país. E por fim serão discutidos os efeitos negativos que o multiculturalismo pode acarretar e que se transformam em intolerâncias sociais que são reproduzidas nos campos de futebol.

5.1 O aumento dos imigrantes nos países pesquisados

Em 2008, a União Europeia publicou uma portaria solicitando que todos os seus membros realizassem um censo demográfico até o final do ano de 2011. O principal objetivo da UE era uniformizar todos os dados nacionais para compreender melhor a característica dos cidadãos europeus. Os quatro países abordados nesta pesquisa realizaram esse levantamento, que foram atualizados em alguns casos nos anos seguintes. Este censo dos Estados membros da União Europeia de 2011 registrou uma população de 498,6 milhões⁴⁷. De todos os cidadãos e residentes no continente, mais de 50 milhões eram de estrangeiros oriundos de países fora do bloco ou cidadãos europeus que viviam em outro Estado membro⁴⁸. Como alguns países não pesquisam sua população por etnia, caso de Portugal, por exemplo, é difícil estimar um número preciso de descendentes de segunda ou terceira geração vivendo

⁴⁷ *Population on 1 January*. Publicado no site do Eurostats. Disponível em: <http://ec.europa.eu/eurostat/tgm/table.do?tab=table&plugin=1&language=en&pcode=tps00001>.

⁴⁸ *People in the EU – statistics on origin of residents*. Publicado no site do Eurostats. Disponível em: http://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php/People_in_the_EU_%E2%80%93_statistics_on_origin_of_residents.

atualmente na UE. Por isso, inicialmente será analisado o número de imigrantes estrangeiros e posteriormente os dados de populações descendentes separadamente por país.

A Alemanha é o país mais populoso da União Europeia. Ao final de 2015, sua população era estimada em 82,1 milhões de habitantes, baseada no censo de 2011⁴⁹. Desse total, 8,6 milhões eram imigrantes registrando um aumento em relação a 2011 quando a população era de 80,2 milhões no total e 6,2 milhões de imigrantes⁵⁰. A principal justificativa para o crescimento populacional recente de imigrantes, segundo o Departamento Federal de Estatística da Alemanha, deve-se à política de asilo do governo alemão para refugiados, que abriu suas fronteiras para acolher milhões de pessoas oriundas de países em conflito ou caos social, principalmente da Síria que responde por quase 300 mil pedidos de entrada, neste que é o maior fluxo migratório do país desde a Segunda Guerra Mundial e da reunificação do país no início da década de 1990⁵¹.

Outro dado importante é que aproximadamente 9,3 milhões da população nascida em território alemão até 2015 têm alguma descendência estrangeira⁵². A maior parte é de origem turca, maioria dos chamados *Gastarbeiters*, imigrantes trabalhadores que começaram a chegar ao país após o fim da Segunda Guerra Mundial, como já citado no capítulo 2. Na década 1980, o perfil majoritário de imigrantes foi de alemães do lado oriental e dos *Aussiedler*, os alemães étnicos que viviam radicados em outro Estado e que se mudaram para o país de seus ancestrais.

Com o passar dos anos, houve um grande crescimento da comunidade turca dando origem aos *Deutsch-Türken*, os turco-alemães de segunda geração. Hoje, de acordo o Departamento Federal de Estatística da Alemanha (Destatis), a população turca ou de descendentes tem cerca de 1,5 milhões de pessoas⁵³. Além deles, existem outras comunidades no país com números expressivos de descendentes de segunda ou terceira geração, com

⁴⁹ *Population based on the 2011 Census*. Publicado no site do Destatis. Disponível em: https://www.destatis.de/EN/FactsFigures/SocietyState/Population/CurrentPopulation/Tables/Census_SexAndCitizenship.html.

⁵⁰ *Zensus 2011: 80,2 Millionen Einwohner lebten am 9. Mai 2011 in Deutschland*. Publicado no site do Destatis. Disponível em: https://www.destatis.de/DE/PresseService/Presse/Pressemitteilungen/2013/05/PD13_188_121.html.

⁵¹ *2015: Höchststände bei Zuwanderung und Wanderungsüberschuss in Deutschland*. Publicado no site do Destatis. Disponível em: https://www.destatis.de/DE/PresseService/Presse/Pressemitteilungen/2016/07/PD16_246_12421.html.

⁵² *Population by migrant background and sex 2005-2015*. Publicado no site do Destatis. Disponível em: https://www.destatis.de/EN/FactsFigures/SocietyState/Population/MigrationIntegration/Tables_PersonsMigrationBackground/TablesMigrationStatusSex.html.

⁵³ *Ausländische Bevölkerung*. Publicado no site do Destatis. Disponível em: <https://www.destatis.de/DE/ZahlenFakten/GesellschaftStaat/Bevoelkerung/MigrationIntegration/AuslaendischeBevoelkerung/Tabellen/Geschlecht.html>.

destaque para italianos, gregos e croatas. No total, pouco mais de 11% da população alemã nasceu no país e tem origem imigrante. Apenas para efeito de comparação, a seleção alemã campeã mundial em 2014 tinha 21% do time com essas características⁵⁴, 10% a mais do que a sociedade, o que reforça o argumento de que o *Mannschaft* é um dos maiores exemplos de sucesso de integração no país.

Segundo país mais populoso da União Europeia, a França tem um histórico muito antigo quando o assunto é imigração. As primeiras grandes ondas migratórias ao país datam de meados do século XIX, durante o Segundo Império de Napoleão III, e se intensificaram na Terceira República entre 1871 e 1940. Este processo teve um crescimento bem rápido em menos de um século. Em 1851, cerca de 1% da população total francesa, 380 mil pessoas, era composta de estrangeiros. Em 1891, este número atinge 3%, 1,1 milhão de habitantes, e quatro décadas depois, em 1931, salta para 6,4%, ou aproximadamente 2,7 milhões de imigrantes. O perfil dos trabalhadores era bem similar: majoritariamente brancos, cristãos, imigravam para trabalhar e eram cidadãos europeus principalmente da Bélgica, Itália e Polônia (COELHO, 2010, p. 38-40). Um perfil totalmente diferente da imigração pós-II Guerra onde cidadãos das ex-colônias francesas passaram a ser maioria.

Depois que o conflito mundial terminou, o perfil dos imigrantes mudou. Durante o período conhecido como “Trinta Gloriosos”, quando a economia francesa cresceu vertiginosamente entre 1945 e 1974, houve um grande aumento na entrada de estrangeiros oriundos do Magreb e da África Subsaariana no país. Segundo o INSEE, até o dia 1º de janeiro de 2014, a população francesa tinha cerca de 11,6%, ou 7,6 milhões de habitantes estrangeiros⁵⁵. Já os descendentes de segunda e terceira geração nascidos na França eram 12% da população até 2008 de acordo com o mesmo instituto⁵⁶. Outro dado interessante apresentado por Breuil-Genier, Borrel e Lhommeau (2011), e que mostra essa transformação da sociedade, é que 15% da população total francesa têm pelo menos um de seus pais nascidos fora do território francês. E como será visto nos tópicos seguintes, o protagonismo dos imigrantes e seus descendentes na seleção francesa de futebol não se repete em outros setores da sociedade. Se dentro de campo magrebinos e negros são ídolos e essenciais para o

⁵⁴ Dos sete atletas com origens imigrantes da equipe apenas dois deles nasceram fora da Alemanha: Miroslav Klose e Lukas Podolski, ambos poloneses.

⁵⁵ *Étrangers - Immigrés*. Publicado no site do INSEE. Disponível em: <http://www.insee.fr/fr/statistiques/1906669?sommaire=1906743>.

⁵⁶ *Être né en France d'un parent immigré*. Publicado no site do INSEE. Disponível em: <http://www.insee.fr/fr/statistiques/1283065>.

sucesso, fora dele ainda enfrentam muitos problemas sociais e são vítimas de intolerância de parte da população.

Ao contrário da França, os fluxos de imigração na Holanda são mais recentes e datam um crescimento maior a partir de meados do século XX. Os vizinhos alemães e belgas foram ao longo do século os maiores imigrantes que a Holanda acolheu, mas a partir da década de 1960, passaram a receber companhia de outros perfis de imigrados. Nesta época, começaram a chegar ao país indivíduos que imigravam apenas para trabalhar. Inicialmente, vinham do sul da Europa, principalmente de Portugal, Espanha e Itália, mas nos anos 1970, passaram a vir de fora da Europa, oriundos da Turquia, Marrocos e também das ex-colônias Suriname e Antilhas Holandesas. Os surinameses, que se tornaram populosos na Holanda, eram tidos nesta época como sujeitos ruins e inúteis, além de encontrarem maiores dificuldades para conseguir trabalho no novo país (WINNER, 2010, p. 225). Assim como os *Gastarbeiders* na Alemanha, imaginava-se que eles retornariam aos países de origem após cumprirem seus vínculos trabalhistas, mas ficaram e estabeleceram raízes no país (NICOLAAS; OOIJEVAAR, 2014, p. 53-54).

Essa mudança de perfil étnico dos holandeses deixou o país como sendo um dos mais multiculturais da União Europeia. Um levantamento de 2016, do Bureau Central de Estatísticas (CBS), órgão oficial do governo que calcula estatísticas na Holanda, mostra que 15% da população total é formada por indivíduos de origem não europeia. Turcos, marroquinos, indonésios, surinameses e caribenhos estão entre os maiores grupos de imigrantes somando 9,4% do percentual total da população⁵⁷. O mesmo CBS, em outro estudo⁵⁸, afirma que existia em 2000 pouco mais de 302 mil cidadãos com descendência surinamesa e 107 mil antilhana, números que provavelmente devem ser bem maiores nos dias atuais. E essa mistura étnica também se reflete na seleção holandesa de futebol. Na equipe que disputou a última Copa do Mundo, em 2014, havia dez atletas com descendência estrangeira, de sete países diferentes e não mais apenas do Suriname, Indonésia ou Antilhas, como era comum nas décadas de 1980 e 1990.

Em Portugal, há algumas similaridades com os demais países estudados acima. Assim como a França, o país recebeu ao longo do século XX muitos imigrantes oriundos de suas ex-

⁵⁷ *Bevolking; generatie, geslacht, leeftijd en herkomstgroepering, 1 januari*. Publicado no site do CBS. Disponível em: <http://statline.cbs.nl/StatWeb/publication/?DM=SLNL&PA=37325&D1=0&D2=a&D3=0&D4=0&D5=a&D6=1&HDR=G2,G3&STB=G1,G5,T,G4&VW=T>.

⁵⁸ *Population, households and population dynamics; from 1899*. Publicado no site do CBS. Disponível em: <http://statline.cbs.nl/StatWeb/publication/?DM=SLEN&PA=37556ENG&D1=0-44,53-60&D2=1,11,21,31,41,51,61,71,81,91,101&LA=EN&VW=T>.

colônias e como aconteceu com a Holanda, o crescimento da imigração se deu principalmente a partir da década de 1970. Durante muitos anos, aconteceram mais emigrações do que imigrações, já que muitos portugueses iam para os países mais ricos da Europa em busca de melhores condições de trabalho. Com o fim das colônias na África, nos anos 1970, e a entrada de Portugal na UE, alguns portugueses retornaram à terra natal. E nesta onda também chegaram muitos africanos ao país.

Em 2011, foi divulgado pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) o último censo nacional, que mostrava um aumento de 70% da população estrangeira vivendo no país em relação ao censo anterior de 2001. Cerca de 3,7% dos habitantes de Portugal eram imigrantes, em sua maioria de ex-colônias como Brasil, Cabo Verde e Angola, algo natural tendo em vista o passado colonial de Portugal. No entanto, nos últimos anos aumentou o número de europeus do leste como ucranianos, romenos e poloneses entre a população de imigrantes (INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA, 2011).

Esta dissertação não irá apresentar dados sobre os descendentes de estrangeiros e imigrantes da população, como foi feito nos parágrafos anteriores com os outros países porque não existem números oficiais do INE sobre a quantidade de cidadãos portugueses com estas características. O instituto não incluiu em suas pesquisas distinções de raça e etnia porque considera que existe apenas a nacionalidade, na qual todos são portugueses sem nenhuma diferença racial e étnica. Um claro resquício da política ideológica difundida na época do Estado Novo (1926-1974), em que era fundamental mostrar que o africano das colônias pertencia à grande cultura e às instituições portuguesas (DOMINGOS, 2014, p. 158). Por outro lado, números não oficiais estimam que cerca de 10% da população é formada por negros. Curiosamente, a seleção de Portugal teve muitos grandes jogadores negros, oriundos de antigas colônias e que também foram utilizados como instrumento político para a promoção do colonialismo português na África (CARDÃO, 2014, p. 172).

A seguir, será visto como é a situação atual das populações imigrantes e seus descendentes nos aspectos sociais.

5.2 Atual situação social dos imigrantes e seus descendentes

Como apresentado nas páginas anteriores, a população de imigrantes cresceu bastante ao longo do século XX, produzindo novas gerações de descendentes, estas já nascidas dentro das fronteiras europeias. Mesmo sendo cidadãos europeus, fazem parte das minorias étnicas

destes Estados e continuam enfrentando obstáculos neste longo processo de integração. Embora tenha havido progresso social nos últimos anos, atualmente a realidade destas comunidades ainda é bastante difícil e distante do ideal. Neste tópico, será analisada a presente situação social destes grupos étnicos.

Em 2011, o Eurostats divulgou um estudo sobre a situação dos imigrantes e seus descendentes em todos seus Estados membros abordando diversas questões de cunho social, econômico, educacional e trabalhista. A pesquisa concluiu que imigrantes de primeira geração e seus descendentes de segunda e terceira geração apresentam maior risco de exclusão social, evasão escolar e desemprego em comparação com os cidadãos nativos. O estudo também mostrou que existem diferenças consideráveis entre os próprios imigrantes, com aqueles oriundos dos países de fora da União Europeia tendo mais chance de engordar estas estatísticas negativas (EUROSTATS, 2011, p. 21).

O relatório do Eurostats apontou que os imigrantes, principalmente oriundos de Estados de fora da UE, correm muito mais risco de viverem à margem da sociedade em condições de exclusão social do que os cidadãos nativos dos Estados membros do bloco. Em alguns países, entre eles a França, a proporção desse grupo de imigrantes sofrer com problemas de exclusão pode ser até 30% maior do que a população nativa (EUROSTATS, 2011, p. 112). O estudo ainda afirma que os imigrantes estabelecidos há mais de oito anos no país de acolhimento e com boa posição no mercado de trabalho sofrem mais com falta de oportunidade do que os indivíduos nascidos no país (EUROSTATS, 2011, p. 41) e que seus descendentes têm menos dificuldades pelo fato de terem nascido no país, estarem mais adaptados à cultura local e enfrentarem menos problemas com o idioma local (EUROSTATS, 2011, p. 136).

No campo da educação, os jovens com origem estrangeira de segunda ou terceira geração apresentam mais risco de abandonar os estudos e não adentrar no ensino superior. Números colhidos pela UE em 2008 mostram que a porcentagem de estudantes com descendência que abandonam a escola é de 4% a mais quando comparado com seus colegas sem nenhuma origem estrangeira, sejam meninos ou meninas (EUROSTATS, 2011, p. 125). Grandes diferenças também surgem quando o assunto é o ensino superior. Em muitos países europeus, como na Alemanha, por exemplo, a quantidade de descendentes com ensino superior completo ainda é cerca de 10% menor quando comparado aos cidadãos nativos (EUROSTATS, 2011, p. 128).

Uma estatística mais recente do Eurostats, realizada em 2014, mostra que razões familiares (indo ao encontro de parentes) e a busca por trabalho (tendo algo já certo ou não) são os principais motivos que levam imigrantes de primeira geração a se mudar para a região da União Europeia. Nos últimos anos, cresceu o número de imigrantes que vai à UE em busca de asilo político, reflexo da atual crise migratória⁵⁹. O instituto de pesquisa também afirma que os descendentes de segunda geração, mesmo tendo nascido no continente, encontram mais dificuldades que os pais para conseguir emprego e apontam questões como a falta de reconhecimento, o fato de ter mais de uma cidadania e motivos religiosos como empecilhos para adentrar no mercado de trabalho e concorrer com os cidadãos nativos⁶⁰.

E essas dificuldades e diferenças, além de visíveis na sociedade, também são confirmadas em números. O Destatis apontou que dos 17,1 milhões de descendentes e imigrantes de primeira geração que vivem na Alemanha, cerca 41% deles possuem qualificação profissional elevada, contando títulos de aprendizado e diplomas universitários. Em comparação com os cidadãos nativos esse número salta para 70%⁶¹ e entre os imigrantes e descendentes 58% deles têm algum tipo de certificado escolar. Já na população nativa, o número atinge 84%⁶², mostrando que em ambos os casos existe uma grande diferença social entre os cidadãos no país. Na França, estudos recentes do INSEE afirmam que os trabalhadores imigrantes são maioria em postos de trabalho não qualificados e minoria nos cargos de gerência ou chefia quando comparados com os trabalhadores franceses nativos (FAUGÈRE; BOUVET, 2016, p. 1-2). Pesquisadores do instituto ainda descobriram que os estudantes oriundos de famílias imigrantes mais bem estruturadas e integradas socialmente à cultura francesa têm desempenho superior no meio acadêmico em relação a outros jovens imigrantes e descendentes (CAILLE et al., 2016, p. 87).

Na Holanda, um levantamento recente do CBS apontou que a população de moradores de rua nas principais cidades do país está estabilizada, porém, a descrição dos sem-teto vem

⁵⁹ *Migrants integration – Database*. Ver *Employment rate of first generation of immigrants by sex, age, years of residence and reason for migration*. Publicado no site do Eurostats. Disponível em: <http://ec.europa.eu/eurostat/web/migrant-integration/data/database>.

⁶⁰ *Migrants integration – Database*. Ver *Obstacles to getting a suitable job by migration status, labour status and citizenship (%)*. Publicado no site do Eurostats. Disponível em: <http://ec.europa.eu/eurostat/web/migrant-integration/data/database>.

⁶¹ *Population by migrant background and highest vocational qualification attained*. Publicado no site do Destatis. Disponível em: https://www.destatis.de/EN/FactsFigures/SocietyState/Population/MigrationIntegration/Tables_PersonsMigrationBackground/MigrantStatusVocationalQualification.html.

⁶² *Population by migrant background and highest general school certificate*. Publicado no site do Destatis. Disponível em: https://www.destatis.de/EN/FactsFigures/SocietyState/Population/MigrationIntegration/Tables_PersonsMigrationBackground/MigrantStatusHighestGeneralSchoolCertificate.html.

mudando e hoje a maioria é composta por jovem e também imigrados e descendentes de imigrantes de fora da União Europeia. Segundo o relatório, 48% deles se encaixam neste perfil⁶³. No campo da educação, há uma estatística bastante preocupante sobre o desempenho de estudantes do curso primário. Os alunos de primeira e segunda geração imigrante têm desempenho pior comparado aos resultados dos nativos e dos descendentes de terceira geração, que têm os pais nascidos na Holanda e estão mais adaptados à cultura local⁶⁴. Um dos pontos de maior defasagem é justamente o idioma, pois aqueles de primeira e segunda geração costumam, em sua maioria, ter pais e avós que falam outras línguas em casa.

Ao mesmo tempo em que conquistas sociais ainda são verdadeiras batalhas para estas populações, no campo esportivo estão em vigor diversos projetos e programas que buscam ajudar na integração social por meio do esporte, principalmente o futebol.

5.3 Integração por meio da bola: projetos sociais do futebol

As principais federações do futebol europeu desenvolvem projetos e trabalhos sociais visando difundir a modalidade, integrar as minorias e revelar novos talentos. Além delas, os governos nacionais também buscam promover ações semelhantes com o objetivo de principalmente criar uma inclusão e desenvolvimento social pela prática esportiva de forma direta ou apoiando estas atividades. A União Europeia, através do Tratado de Lisboa (2007), incentiva seus Estados membros a integrarem em seus projetos de governo políticas de práticas esportivas e também exalta funções sociais e educativas:

Union action shall be aimed at: [...] developing the European dimension in sport, by promoting fairness and openness in sporting competitions and cooperation between bodies responsible for sports, and by protecting the physical and moral integrity of sportsmen and sportswomen, especially the youngest sportsmen and sportswomen (UNIÃO EUROPEIA, 2007, p.158-159).

Os órgãos nacionais de Estado também enxergam o esporte como um instrumento de integração social e escolar, além de ser importante para a saúde. Na França, a inclusão pelo esporte e o incentivo à prática esportiva é um assunto de governo. O país foi um dos primeiros do mundo a ter criado uma pasta específica para tratar do assunto logo após o fim da Segunda Guerra Mundial, porém, já em 1920 havia sido concebida uma política esportiva para o exterior dentro do Ministério das Relações Exteriores (SUPPO, 2012, p. 400). Ao longo dos

⁶³ *Dakloos: vaker jong en niet-westers*. Estudo publicado no site do CBS. Disponível em: <https://www.cbs.nl/nl-nl/nieuws/2016/51/dakloos-vaker-jong-en-niet-westers>.

⁶⁴ *Grote verschillen in scores op eindtoets groep 8*. Reportagem publicada no site do CBS. Disponível em: <https://www.cbs.nl/nl-nl/nieuws/2016/47/grote-verschillen-in-scores-op-eindtoets-groep-8>.

anos, o esporte esteve vinculado à educação e ao turismo, mas hoje conta com um ministério próprio, das Cidades, Juventude e dos Esportes. O órgão atualmente conta com uma medida específica para facilitar o acesso às práticas esportivas de jovens de minorias étnicas e de bairros periféricos visando justamente uma maior integração por meio do esporte⁶⁵. A Holanda também conta com um órgão específico, o Ministério da Saúde, Segurança Social e Esporte. No país, o esporte é tratado como uma ferramenta de inclusão e de apoio a uma melhor qualidade de vida. Assim como na França, existem programas sociais com atividades lúdicas e esportivas que visam trabalhar nas periferias e regiões mais carentes, buscando levar atividades principalmente para as minorias étnicas.

Embora seja um país com forte tradição esportiva, uma das maiores potências olímpicas e com quatro títulos mundiais de futebol, a Alemanha não tem em seus gabinetes um Ministério dos Esportes. No entanto, isso não significa que o Estado não invista ou apoie as modalidades esportivas. Inclusive, há um projeto internacional promovido pelo Ministério das Relações Exteriores em parceria com o Comitê Olímpico Alemão, a Federação Alemã de Futebol e outras confederações esportivas do país chamado *Die Internationale Sportförderung* (Promoção Internacional dos Esportes) que existe desde 1961 e busca desenvolver o esporte em nações mais pobres ao redor do mundo e diminuir animosidades⁶⁶. Em Portugal também não existe um ministério específico destinado ao esporte. O órgão responsável pelos assuntos esportivos é a Secretaria de Estado da Juventude e do Desporto, ligada ao Ministério da Educação. Sua principal missão é integrar esporte com educação.

Principal autoridade no futebol europeu, a UEFA também se empenha em campanhas que visam um maior desenvolvimento da prática do futebol entre minorias que vivem no continente. A entidade acredita no poder que o futebol pode ter para combater as intolerâncias presentes no cotidiano da Europa. Em parceria com um grande número de ONGs e instituições, a federação europeia apoia diversas causas que vão desde o combate ao racismo e à homofobia no futebol até a implementação de ações educativas, ambientais, inclusivas a deficientes físicos e de saúde por meio do esporte. Um desses projetos apoiados é do *Open Fun Football Schools Cross Culture*, uma organização sem fins lucrativos que promove a

⁶⁵ *Sport facteur d'inclusion sociale*. Reportagem publicada no site do Ministério das Cidades, Juventude e dos Esportes da França. Disponível em: <http://www.sports.gouv.fr/pratiques-sportives/le-sport-pour-tous/Education-insertion-11073/article/Le-sport-facteur-d-inclusion-sociale>.

⁶⁶ *Die Internationale Sportförderung des Auswärtigen Amtes*. Publicado no site do Ministério das Relações Exteriores da Alemanha. Disponível em: <http://www.sport.diplo.de/content/die-internationale-sportf%C3%B6rderung-des-ausw%C3%A4rtigen-amtes>.

coexistência pacífica e a coesão social por intermédio do esporte e da educação entre pessoas de diferentes culturas e origens, atuando em diversos países da Europa e da Ásia.

Inclusive a UEFA conta com sua própria fundação para crianças, criada em 2014, e que busca promover o esporte para as crianças pelas ações sociais e de prática esportiva. Nos últimos anos, uma das atividades da fundação foi tentar melhorar a condição de vida e ajudar no processo de integração social das crianças refugiadas que chegaram ao continente. A entidade procura também utilizar a imagem de grandes ídolos internacionais para causas sociais. O ex-jogador Clarence Seedorf é o “Embaixador Global da UEFA para a Diversidade e a Mudança” e sua escolha para o cargo não é mera coincidência, afinal, ele nasceu no Suriname, imigrou ainda criança para a Holanda, passou pelo processo de integração social, é fluente em seis idiomas e defendeu a seleção do país em diversos campeonatos internacionais.

Quando o assunto é organização e planejamento talvez o melhor exemplo seja o trabalho da Federação Alemã de Futebol (DFB). Após o fraco futebol apresentado pela seleção nacional entre 1998 e 2004, o comando da DFB resolveu que era hora de realizar mudanças drásticas em prol da recuperação do futebol nacional. Foi criado então um programa de promoção de talentos que visava descobrir e investir em jovens atletas promissores⁶⁷. A federação, em parceria com a Liga de Futebol Alemã, associações nacionais e clubes de futebol do país, providenciou a construção de 366 centros de formação em todo o país visando um trabalho regional atendendo cerca de 25 mil crianças por ano e evitando que elas se afastassem de suas famílias. Além disso, abriram-se mais de mil vagas de emprego para técnicos e professores. Com essa medida, talentos precoces foram descobertos chegando às seleções principal e de base, entre eles atletas de origem imigrante como Jérôme Boateng que escreveu uma carta, publicada no site da DFB, contando um pouco da sua trajetória e impressões sobre o programa⁶⁸.

Além desse programa de talentos, a Federação Alemã de Futebol também apoia a diversidade no futebol principalmente na questão da igualdade de gêneros, visto que o futebol feminino ainda é pouco desenvolvido mundialmente, mas vem obtendo sucesso na Alemanha. Medida semelhante do Comitê Olímpico Alemão que busca deixar suas equipes olímpicas cada vez mais equivalentes na questão dos gêneros e ainda tem um projeto chamado *Integration durch sport* (Integração pelo esporte) que nos últimos anos buscou assimilar

⁶⁷ *Talentförderung geht nur hand in hand*. Publicado no site da Federação Alemã de Futebol. Disponível em: <http://www.dfb.de/sportl-strukturen/talentfoerderung/einfuehrung/>.

⁶⁸ *Der weg zum weltmeister: heir schreibt Jérôme Boateng*. Publicado no site da Federação Alemã de Futebol. Disponível em: <http://www.dfb.de/news/detail/der-weg-zum-weltmeister-hier-schreibt-jerome-boateng-148153/>.

refugiados e imigrantes que chegaram ao país por meio das práticas esportivas⁶⁹. Outro programa bastante popular na Alemanha são parcerias entre clubes de futebol e escolas públicas em que a exigência para que crianças e adolescentes continuem jogando é manter boas notas e frequência nas aulas. Além disso, uma lei da DFB e da Liga de Futebol Alemã exige que cada clube custeie os estudos dos jovens até o ensino médio⁷⁰.

Bem antes de a Alemanha iniciar seu projeto de renovação e busca por talentos, a França já tinha um modelo similar. Criado em 1972, pela Federação Francesa de Futebol (FFF), o Instituto Nacional do Futebol da França (INF) funciona como um grande centro para formação de jogadores e jogadoras franceses e é um ícone de modelo de preparação sendo nacionalmente articulado, altamente regrado e orientado por princípios pedagógicos já que os jovens recebem instrução escolar e esportiva (DAMO, 2005, p.19-20). Para ser selecionado pelo INF, é necessário que os aspirantes tenham idade entre 13 e 15 anos, nacionalidade francesa e morem próximos à sede do instituto que fica na cidade de Clairefontaine. A FFF sabe que nem todos terão sucesso na carreira de jogador profissional, por isso se preocupa com o desenvolvimento escolar dos meninos e meninas, além de financiar um programa para que todos frequentem escolas da região.

O projeto do INF já colheu muitos frutos e revelou atletas importantes para o futebol francês, principalmente aqueles com origem imigrante. Casos de Thierry Henry, campeão mundial com a seleção em 1998, Blaise Matuidi, atual membro da equipe nacional masculina, e Louisa Nécib uma das principais atletas da seleção feminina. Curiosamente, o instituto também ajudou outras seleções a se fortalecerem já que alguns atletas nascidos na França e que chegaram a jogar pelas categorias de base dos *Bleus* optaram por defender as seleções de seus pais e avós no futebol profissional, como Medhi Benatia e Yacine Brahimi, que atuam hoje em grandes clubes europeus e pelos selecionados do Marrocos e da Argélia respectivamente.

Além do INF, existem outras ações sociais no futebol francês que ajudam no processo de integração pelo esporte. Um deles é a ONG Fondation du Football que classifica a modalidade como um grande campo de aprendizagem para a vida em comunidade e lugar de diversidade social, cultural, religiosa e de gênero e busca lutar contra a exclusão social e

⁶⁹ *Überblick*. Publicado no site do Comitê Olímpico Alemão. Disponível em: <http://www.integration-durch-sport.de/de/integration-durch-sport/das-programm/ueberblick>.

⁷⁰ *Formação de todos os jogadores da Alemanha começa dentro da escola*. Reportagem exibida pela TV Globo no dia 29/05/2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2014/05/formacao-de-todos-os-jogadores-da-alemanha-comeca-dentro-da-escola.html>.

promover a prática do futebol pelas pessoas com deficiência⁷¹. Outro programa é o Foot à L'école, desenvolvido pela FFF em parceria com órgãos públicos como o Ministério da Educação Nacional e o Ministério das Cidades, Juventude e dos Esportes, que visa difundir a prática do futebol nas escolas do país como ferramenta para abordagem educativa e sucesso acadêmico⁷².

Na Holanda, também existe uma maior preocupação em promover a causa do futebol na sociedade por meio de campanhas e ações sociais visando a modalidade. A Real Associação de Futebol da Holanda (KNVB) tem um departamento específico chamado Responsabilidade Social Corporativa para desenvolver essas campanhas e tem como lema “o futebol ajuda a sociedade e a sociedade enriquece o futebol”⁷³. Essa afirmação está de acordo com os projetos que a instituição desenvolve no país tentando integrar jovens carentes por meio do esporte e promovendo ações no exterior visando ajudar no desenvolvimento esportivo de nações mais pobres. Além disso, a KNVB também lançou recentemente campanhas contra a intolerância no futebol, com o objetivo de combater o racismo, o machismo e a homofobia nos estádios e nos locais de prática esportiva.

Diferentemente dos outros países estudados, a Federação Portuguesa de Futebol não conta com programas oficiais próprios de inclusão pelo esporte, embora já tenha apoiado algumas causas no passado e nas categorias de base do país seja comum observar muitos atletas de origem imigrante. O Comitê Olímpico de Portugal lançou em 2016 um projeto chamado “Viver o Desporto – Abraçar o Futuro”, tendo como meta fomentar o esporte como instrumento relevante nos programas de integração social de imigrantes e refugiados cooperando com organismos governamentais e não governamentais⁷⁴. Como já citado acima, em Portugal não há classificações por etnia ou raça e todos são considerados portugueses sem distinção segundo a Constituição do país. Talvez seja devido a esse sentimento de *portuguesidade* que a Federação Portuguesa de Futebol (FPF) não promova campanhas em prol das minorias étnicas no país.

Gostaria de compartilhar neste fim de capítulo uma experiência pessoal minha. Em agosto de 2016, participei como jornalista da cobertura dos XXXI Jogos Olímpicos para a revista Swim Channel, um veículo especializado em natação em águas abertas. Durante minha

⁷¹ *Présentation et organisation*. Publicado no site da Fondation du Football. Disponível em: <http://www.fondationdufootball.com/presentation/presentation-et-organisation>.

⁷² *À propos*. Publicado no site da Foot à L'école. Disponível em: <http://footalecole.fff.fr/fr/a-propos>.

⁷³ *Maatschappelijke projecten*. Publicado no site da Federação Holandesa de Futebol. Disponível em: <http://www.knvb.nl/over-ons/maatschappelijke-projecten>.

⁷⁴ *Viver o desporto – Abraçar o futuro*. Publicado no site do Comitê Olímpico de Portugal. Disponível em: <http://comiteolimpicoportugal.pt/viver-o-desporto-abracar-o-futuro/>.

estada no Rio de Janeiro, pude acompanhar a diversidade étnica de algumas delegações olímpicas da UE, principalmente dos países estudados nesta dissertação. A questão multicultural no esporte não está presente apenas do futebol, tendo em vista que em outras modalidades coletivas como vôlei, basquete e handebol, e individuais como atletismo e judô era possível ver muitos atletas de origens estrangeiras disputando os Jogos pelos países europeus. E alguns deles como o judoca francês Teddy Riner (nascido em Guadalupe) e o corredor britânico Mo Farah (nascido na Somália) deixaram a competição aclamados como mitos de suas respectivas modalidades.

Como visto nos parágrafos acima, o aumento de imigrantes ao longo dos tempos, nos quatro países estudados por esta dissertação, causou impacto na sociedade e no modo de vida, já que as populações nativas tiveram que aprender a conviver com esses estrangeiros que em alguns casos têm culturas bem diferentes. Os números colhidos de diversos órgãos nacionais e também do Eurostats da UE mostram que os descendentes de segunda e terceira geração conseguem se sair melhor do que seus semelhantes de primeira, pelo fato de já estarem mais adaptados aos costumes locais. No entanto, esse grupo ainda tem muitas desvantagens em comparação com os cidadãos nativos que contam com mais privilégios educacionais e preferências no mercado de trabalho.

Quando o assunto é esporte, e em especial o futebol, pode-se ver que existem diversos projetos de inclusão e integração social utilizando a modalidade como ferramenta. Estes programas se mostram bastante efetivos em criar oportunidades para minorias étnicas e imigrantes, gerando uma possibilidade de sucesso e inclusão para esses cidadãos. Tanto a UEFA quanto as Federações e Comitês Olímpicos nacionais definem o esporte e o futebol como instrumentos poderosos para união e paz social, porém, ao mesmo tempo em que a modalidade traz benefícios positivos para a sociedade europeia ela também pode criar aspectos negativos caso seja mal aplicada ou desenvolvida. Esses dois lados da moeda serão o tema do próximo capítulo.

6. OS EFEITOS NEGATIVOS DO MULTICULTURALISMO NO FUTEBOL EUROPEU

Como citado no tópico anterior, a difusão do futebol e do esporte em geral na sociedade não se resume apenas a elementos positivos como a inclusão social, por exemplo. Há o outro lado dessa moeda com fatores negativos que também estão presentes nas comunidades da Europa. Como apontado ao longo desta dissertação, afirmou-se que o futebol é um reflexo da sociedade, portanto, esses pontos nocivos acabam chegando aos gramados.

O torcedor europeu se acostumou nos últimos tempos a assistir as ligas nacionais cada vez mais internacionalizadas graças às novas regulamentações pós-Lei Bosman e ao intenso mercado de transferência de jogadores. Este indivíduo também vê as seleções agregando um número cada vez maior de atletas com descendência estrangeira, o que mexe com as identidades nacionais, como já mencionado nesta pesquisa. Atualmente, a Europa passa por um momento delicado, com muitas críticas ao sistema político e econômico vigente. Soma-se a isto o crescimento de políticos com viés nacionalista e posições anti-UE.

Esse clima de não saber o que virá pela frente paira por todo o continente e obviamente que os estádios de futebol não passariam incólumes às posições da sociedade. Visto como um local sagrado para o torcedor, segundo Franco Júnior (2007, p. 271), ele também é um espaço onde o público pode além de apoiar seu time, manifestar-se politicamente. Como afirma Mascarenhas (2014, p. 161), o torcedor quer participar ativamente da festa e expressar coletivamente suas opiniões e reivindicações. Os campos de futebol são espaços importantes para ouvir o que torcedores, e antes de tudo cidadãos, tem a dizer. Se durante o regime franquista na Espanha, o Camp Nou deu voz aos catalães para falar abertamente seu idioma e se manifestar contra Franco (FREITAS; TRIGO, 2016a) e o Centenário permitiu que uruguaios pudessem cantar pelo fim da ditadura militar ao término do Mundialito de 1980⁷⁵, hoje, eles continuam sendo palcos para diversos tipos de manifestação.

E em alguns casos essas manifestações acabam sendo em prol de intolerâncias presentes na sociedade atual da União Europeia. Foram listados aqui cinco tipos de intransigências que serão abordadas de forma breve e informativa. São elas: racismo, xenofobia, homofobia, machismo e intolerância religiosa.

⁷⁵ [Por Trás do Gol] "*Se va a acabar, se va a acabar la dictadura militar!*". Reportagem publicada no site Dialética terrestre no dia 09/03/2013. Disponível em: <http://terrainteressados.blogspot.com.br/2013/03/por-tras-do-gol-se-va-acabar-se-va.html>.

6.1. Racismo

Hoje o caso de intolerância com maior repercussão midiática nos gramados europeus é o racismo. Cenas de torcedores entoando cânticos preconceituosos nas arquibancadas ou até de jogadores ofendendo seus colegas são vistas a cada temporada. Devido aos desagradáveis episódios tanto a FIFA, quanto a UEFA, criaram campanhas que visam combater essa prática nos estádios. A entidade europeia intensificou suas ações a partir de 2001 onde busca pela ação *Não ao Racismo* aumentar a consciência pública e desenvolver estratégias para lutar contra atos de discriminação, além de penalizar quem praticá-los⁷⁶.

O racismo nos estádios cometido por parte dos ultras, os torcedores mais fanáticos, não é um fenômeno exclusivo da modalidade. Ele acontece frequentemente no cotidiano da UE com cidadãos comuns e é replicado nos campos de futebol por meio de cânticos, arremesso de objetos como bananas e faixas com mensagens agressivas. Foer (2005, p. 137) acredita que esse comportamento intolerante se tornou uma tradição popular no continente, passando de geração para geração, porém, o mesmo estádio abriga outra parcela de ultras, mais inclinada a posições antidiscriminatórias que buscam romper com estas posições.

Lilian Thuram, um dos grandes jogadores da geração francesa campeã mundial em 1998, também é um atuante militante antirracismo. Após encerrar sua carreira em 2008 ele inaugurou uma fundação que leva seu nome e tem a missão de educar jovens contra o racismo e outras intolerâncias. Em uma entrevista ele afirmou que “ninguém nasce racista e que são as construções políticas que fazem com que o negro seja visto como inferior”. Além disso, defendeu o futebol como “um exemplo positivo para a sociedade por promover maior união racial através do esporte”⁷⁷.

É importante que o combate ao racismo não seja desmerecido. Ações afirmativas em prol de igualdade racial são importantes para conscientizar o torcedor que frequenta os estádios e o cidadão que não tem este hábito. Fanon (2008, p. 14) afirma que uma ideologia que ignora a prática do racismo, acaba apoiando-o e o fortalecendo. A luta contra o racismo no futebol, porém, está bem mais avançada em relação às hostilidades que outras minorias sofrem no universo da modalidade. Embora medidas contra essas intolerâncias também tenham sido tomadas com mais empenho nos últimos anos.

⁷⁶ *Não ao Racismo*. Publicado no site da UEFA. Disponível em: <http://pt.uefa.org/social-responsibility/respect/no-to-racism/index.html>.

⁷⁷ “*No necesitas un color de piel para segregare a las personas*”. Entrevista concedida a revista Panenka, edição nº 12, Outubro de 2012.

6.2 Xenofobia

Assim como o racismo outra intolerância que repercute bastante nos dias atuais é a xenofobia. A aversão aos estrangeiros ou aos indivíduos que possuem outra cultura, como foi visto ao longo da dissertação, é algo antigo e comum no decorrer da história da Europa. No entanto, a ascensão de discursos nacionalistas e os recentes atos de terrorismo no continente fazem com que parte da sociedade adote posições xenófobas ou apoie políticos que utilizam essa ideologia como plataforma de campanha. Hoje, a imigração é vista como um dos grandes dilemas do continente, o que leva pessoas às ruas para se manifestar e conseqüentemente carregam este sentimento para dentro dos estádios.

Atualmente, manifestações xenófobas são vistas com maior frequência em campos do leste europeu onde há uma forte cultura de hostilização dos atletas estrangeiros, principalmente negros, de origem cigana, judia e de outras minorias étnicas. Todavia, elas também ocorrem em praticamente toda Europa incluindo ligas famosas de amplo alcance global como na Espanha e Alemanha⁷⁸, por exemplo. Para Hobsbawm, atos como esses ocorrem devido ao aumento da imigração na UE e a certos grupos nacionalistas que dizem resistir ao que veem como ameaça à identidade nacional coletiva:

A xenofobia também repete a crise de uma identidade nacional culturalmente definida no contexto dos Estados nacionais, nas condições de acesso universal à educação e à informação e em uma época em que a política das identidades coletivas exclusivas, sejam étnicas, religiosas ou de gênero e de estilo de vida, busca expressamente a regeneração de uma *Gemeinschaft* [comunidade] em uma *Gesellschaft* [sociedade] cada vez mais remota (HOBSBAWM, 2007, p. 95).

Assim como na questão do racismo entidades esportivas como a UEFA promovem campanhas contra este tipo de intolerância e impõem sanções àqueles que insistem em cometer atos de xenofobia. Com uma sociedade cada vez mais internacionalizada, assim como o futebol de clubes, esse ideal de pureza que alguns torcedores europeus mais radicais anseiam é praticamente impossível de se concretizar. Portanto, devem aceitar essas mudanças e buscar conviver de forma pacífica e tolerante com os imigrantes.

6.3 Homofobia

⁷⁸ Na partida entre o Barcelona e Villareal, válida pelo Campeonato Espanhol 2014/15, um torcedor do Villareal atirou uma banana na direção do brasileiro Daniel Alves, que descascou e comeu a fruta. O ato ganhou proporções mundiais e desencadeou ações contra o racismo e a xenofobia. Já na Alemanha, o zagueiro campeão mundial com a seleção Jêrome Boateng foi ofendido por políticos de extrema-direita antes da Eurocopa em 2016.

A homofobia no esporte ainda é tratada como grande tabu. Por diferentes motivos são poucos os atletas de elite que assumem publicamente sua orientação homossexual. Alguns carregam o peso de ter que esconder a verdade por longos anos e outros acabam revelando-a apenas ao término da carreira, buscando dessa forma evitar situações constrangedoras. Na edição dos Jogos Olímpicos, no Rio de Janeiro, um jornalista americano fingiu ser homossexual e entrou em uma rede social destinada ao público gay. De forma irresponsável, divulgou publicamente detalhes de atletas que faziam parte do aplicativo. Entre eles estavam alguns oriundos de países onde a homossexualidade é considerada um crime. O caso gerou polêmica e ele foi demitido⁷⁹. A mesma edição olímpica foi também a maior com o número de atletas que se assumiram homossexuais. Se em algumas modalidades a homossexualidade é mais aceita, no futebol a situação ainda é mais crítica.

Existem muitos chavões populares tratando da homossexualidade no futebol e a esmagadora maioria deles são chacotas. Piadas com teor sexual são bastante conhecidas e ouvidas em todas as fases da carreira de um jogador. Atletas homossexuais estão presentes no futebol há muito tempo. O ex-jogador da seleção francesa Olivier Rouyer, que disputou o Mundial em 1978, revelou sua homossexualidade muitos anos depois de pendurar as chuteiras. Justin Fashanu se tornou em 1990 o primeiro jogador em atividade a anunciar publicamente que era gay. Por muito tempo o inglês foi hostilizado e acometido pela depressão, veio a cometer suicídio em 1998⁸⁰. Por isso, muitos escondem sua sexualidade como forma de se proteger das ofensas de torcedores e também da pressão de clubes e patrocinadores que muitas vezes pedem para que o assunto seja censurado.

Em 2013, uma associação britânica em defesa dos direitos homossexuais pediu para que todos os jogadores dos times profissionais da Inglaterra entrassem em campo com cadarços nas cores da bandeira arco-íris. Inicialmente, a ideia acabou sendo vetada pelos clubes por diversos motivos, mas os atletas adotaram a ação e alguns utilizaram o artefato⁸¹. O

⁷⁹ *Site americano expõe atletas gays nos Jogos e recebe críticas nas redes sociais*. Reportagem publicada no site da Folha de S. Paulo no dia 13/08/2016. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/olimpiada-norio/2016/08/1802517-site-americano-expoe-atletas-gays-e-recebe-criticas-de-jornais-e-das-redes-sociais.shtml>.

⁸⁰ *O jogador que pagou caro por sair do armário*. Reportagem publicada na Trivela no dia 30/04/2013. Disponível em: <http://trivela.uol.com.br/arquivo-o-jogador-que-pagou-caropor-sair-do-armario/>.

⁸¹ *Clubes ingleses se recusam a participar de campanha contra a homofobia*. Reportagem publicada no site da Folha de S. Paulo no dia 20/09/2013. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/2013/09/1344967-clubes-ingleses-se-recusam-a-participar-de-campanha-contra-a-homofobia.shtml>.

Manchester United, em 2017, tornou-se o primeiro clube de futebol profissional em parceria com empresas a integrar campanhas contra a homofobia⁸².

O combate à homofobia nos estádios também vem sendo feito por entidades como a FIFA, que nos últimos anos aplicou multas em diversas federações nacionais, entre elas a Confederação Brasileira de Futebol, pelo comportamento homofóbico de torcedores⁸³. Atualmente, atletas também estão se posicionando mais. Uma das mais atuantes é a jogadora americana Megan Rapinoe. Homossexual assumida e incansável ativista na luta contra a intolerância sexual e o machismo, ela chegou a se ajoelhar durante a execução do hino nacional dos EUA em protesto.

6.4 Machismo

No senso comum, é frequente ouvir que o futebol é um jogo para homens. Assim como acontece com atletas homens homossexuais, esse bordão de teor preconceituoso também é utilizado contra mulheres que praticam o esporte. Todavia, nos primórdios da modalidade na Inglaterra, era comum existirem equipes femininas que com o processo de profissionalização acabaram perdendo espaço e foram deixadas de lado pela FA (GIULIANOTTI, 2010, p. 195).

A luta das mulheres contra o machismo no futebol é árdua e vem sendo travada praticamente desde a implementação da modalidade no século XIX. Apenas para efeito de comparação, a Copa do Mundo masculina existe desde 1930 e a feminina desde 1991. Em Jogos Olímpicos, os homens disputam medalhas desde a primeira edição em 1896 e as mulheres somente a partir de 1996, exatos cem anos depois. E o prêmio de melhor jogador do mundo da FIFA para os homens foi criado em 1990 e para as mulheres em 2001.

Atualmente, o futebol feminino tem muito menos visibilidade em comparação ao masculino. Ao vencer a Copa do Mundo masculina em 2014, a Alemanha recebeu da FIFA US\$ 35 milhões de premiação. No ano seguinte, a seleção dos Estados Unidos conquistou o título da versão feminina do torneio e ganhou apenas US\$ 2 milhões. Essa larga diferença mostra como receitas de patrocinadores, direitos de TV e premiação por conquistas são

⁸² *Manchester United é primeiro clube em coalizão de empresas contra a homofobia*. Reportagem publicada na Trivela no dia 09/03/2017. Disponível em: <http://trivela.uol.com.br/manchester-united-e-primeiro-clube-em-coalizao-de-empresas-contr-a-homofobia/>.

⁸³ *Fifa multa Chile e Argentina por homofobia nos estádios*. Reportagem publicada na Gazeta Esportiva no dia 19/12/2016. Disponível em: <http://www.gazetaesportiva.com/irlanda/fifa-multa-chile-e-argentina-por-homofobia-nos-estadios/>.

infinitamente menores para as mulheres. Isso não ocorre apenas no futebol, já que outras modalidades como tênis e vôlei também costumam adotar essa diferença de gênero.

As diferenças entre homens e mulheres não se resume apenas aos atletas. A função de treinador ainda é em sua maioria ocupada por homens. No último Mundial feminino, disputado em 2015 no Canadá, das 24 seleções participantes apenas seis tinham mulheres como técnicas, entre elas a equipe dos Estados Unidos que se sagrou campeã. Na arbitragem, são poucas as mulheres que ocupam a função de árbitra principal nas partidas masculinas. Normalmente, elas são escaladas para função de bandeirinha, que tem menos protagonismo durante o jogo, mas que precisa estar sempre atenta em lances críticos como em impedimentos. Se em cargos técnicos e de arbitragem o espaço é pequeno, no posto de dirigente é ainda menor. Entre todos os 211 países membros filiados à FIFA apenas três tem alguma mulher como presidente. Em 2016, a entidade máxima do futebol nomeou para o cargo de secretária-geral a senegalesa Fatma Samour, que trabalhou durante duas décadas para Organização das Nações Unidas (ONU).

Nos últimos anos, o futebol feminino e as mulheres vêm batalhando por mais justiça em relação aos homens. Inclusive, as jogadoras americanas chegaram a protestar publicamente contra a Federação Americana de Futebol por receberem quase seis vezes menos dinheiro de premiação em relação à campanha dos homens na Copa de 2014⁸⁴. Enquanto elas foram campeãs, eles foram eliminados nas oitavas de final. Também vem sendo registrado um número maior de mulheres indo aos estádios assistir partidas e praticando o esporte em vários países (GIULIANOTTI, 2010, p. 200-202). Uma mostra de que a modalidade pode crescer com o decorrer dos anos.

6.5 Intolerância religiosa

Como já explorado anteriormente, os recentes atentados terroristas a países da UE fizeram com que o sentimento xenófobo e anti-islâmico ganhasse espaço no continente. Somada as novas identidades nacionais que começam a se formar na Europa durante o século XX e a recente onda de imigração de refugiados, o islamismo e os muçulmanos foram alçados ao patamar de grandes inimigos da civilização europeia e ocidental. Países com uma população islâmica numerosa como Bélgica e França foram vítimas de terríveis atentados e

⁸⁴ *Por que a seleção feminina dos EUA recebe menos que a masculina se gera mais dinheiro?* Reportagem publicada na Trivela no dia 31/03/2016. Disponível em: <http://trivela.uol.com.br/por-que-selecao-feminina-dos-eua-recebe-menos-que-masculina-se-gera-mais-dinheiro/>.

assistem ao crescimento da retórica xenófoba promovida por políticos nacionalistas que enxergam esses indivíduos como perigosos e que não deveriam estar em seus países.

Para Said, autor da teoria do orientalismo, existe certo dogma neste pensamento eurocêntrico de sempre enxergar os orientais como inferiores em relação aos ocidentais, além disso, julgam que, principalmente, os árabes devem sempre ser temidos pelo seu barbarismo:

Nos documentários e nos noticiários, o árabe é sempre mostrado em grandes números. Nada de individualidade, nem de características ou experiências pessoais. A maioria das imagens representa fúria e desgraças de massas, ou gestos irracionais (por isso, irremediavelmente excêntricos). Espreitando por trás de todas essas imagens está a ameaça da *jihad*. Consequência: o medo e que os muçulmanos (ou árabes) tomem conta do mundo (SAID, 2007, p. 383).

Este personagem ameaçador é visto por alguns europeus atualmente na figura do imigrante ou do descendente de muçulmanos que vive na Europa. Se no passado, mesmo com a migração de indivíduos oriundos destes países, a preocupação era apenas com a mão de obra para reconstrução econômica, agora ela se tornou um dilema sobre a identidade nacional. O imaginário nativo mudou e a inquietação não é tão grande com aquele trabalhador que chega para “tomar o emprego do cidadão local”, mas sim com aquele imigrante que quer impor sua cultura e mudar o estilo ocidental de viver (POUTIGNAT; STREIFF-FERNART, 2011, p. 15). Esse sentimento anti-islâmico que aparece na sociedade é replicado nos gramados do velho continente. Na França, o atacante Benzema, muçulmano e filho de imigrantes argelinos, é alvo frequente da fúria da extrema-direita que o acusa de não ser digno de representar a seleção francesa principalmente por se negar a cantar o hino nacional⁸⁵.

No entanto, torcedores que apoiam esses preconceitos enfrentam uma situação de conflito já que alguns clubes do continente foram adquiridos por magnatas do Oriente Médio como o Manchester City e o Paris St. Germain ou do extremo oriente como a Internazionale de Milão e o Leicester City. Outros gigantes como Real Madrid e Barcelona ostentam em seus uniformes marcas de empresas do mundo árabe e contam com versões em árabe e chinês em seus sites. Enquanto esse tipo de torcedor protesta contra a presença de atletas de outras religiões em seu clube ou seleção, ele ao mesmo tempo comemora o dinheiro investido. Um grande exemplo dessa via de mão dupla que a globalização é capaz de gerar.

⁸⁵ *Extrema-direita pede que Benzema saia da Seleção por não cantar hino*. Reportagem publicada no Portal Terra no dia 19/03/2013. Disponível em: <https://esportes.terra.com.br/futebol/extrema-direita-pede-que-benzema-saia-da-selecao-por-nao-cantar-hino,1a09ef76b148d310VgnCLD2000000ec6eb0aRCRD.html>

7. CONCLUSÃO

Foi mostrado nas páginas anteriores, por meio de cinco capítulos como é possível relacionar o futebol com pensadores das Ciências Humanas. Buscou-se apresentar e analisar as mudanças sociais, políticas, econômicas e identitárias pelas quais a União Europeia passou ao longo das últimas décadas; a evolução histórica do crescimento das seleções multiculturais de futebol ao longo das Copas do Mundo; as comparações entre a modalidade esportiva e estatísticas sociais, educacionais e trabalhistas, além das políticas inclusivas pelo esporte; e os efeitos negativos que o multiculturalismo pode causar no futebol e, por tabela, na sociedade do continente.

Como já citado ao longo da dissertação, o futebol não é apenas uma modalidade esportiva. Ele é expressão social e cultural, que reflete no âmbito esportivo as opiniões da sociedade. As mudanças de identidades nacionais pelas quais passaram diversos países da UE durante as últimas décadas se reproduziram nas seleções que disputaram as Copas do Mundo com vários jogadores multiculturais mostrando toda a diversidade das sociedades do continente, assim como manifestações de intolerância ou de causas progressistas que são vistas nas ruas da Europa e se repetem nas arquibancadas dos estádios onde torcedores encontram um espaço para expressar suas pautas.

O futebol pode ser uma importante válvula de escape para torcedores em todos os sentidos. Se nos estádios alguns levam faixas apoiando causas humanitárias e progressistas, como recepcionando refugiados que chegam ao continente, lutando pela igualdade de gênero e contra a homofobia, também assistimos aos adeptos mais extremistas ou ligados a torcidas organizadas que se escoram no discurso da violência contra adversários e adotam retóricas xenófobas e racistas contra atletas e cidadãos imigrantes, muitas vezes reproduzidos por políticos nacionalistas que estão em alta na Europa. Essas manifestações violentas e de ódio podem ser entendidas como um espelho da sociedade atual que enfrenta dilemas complexos acerca do multiculturalismo, da imigração, das mudanças de identidades e ainda não sabe como encará-los e resolvê-los.

O esporte, e principalmente o futebol, é uma importante ferramenta de inclusão e integração social. Por meio dos dados mostrados no capítulo 5 da pesquisa, foi observado como as parcelas minoritárias da população dos países estudados podem encontrar melhores oportunidades de ascensão social pelo esporte em comparação a outros campos. Enquanto

ainda persistem abismos educacionais e no mercado de trabalho entre nativos e descendentes de imigrantes, no esporte as chances de obter bons resultados são mais semelhantes. Foi mostrado que o futebol é importante para ajudar na adaptação de minorias étnicas e imigrantes, como na França e Alemanha, que realizam estudos periodicamente, mantêm centros de treinamento e exigem formação escolar para os jovens. Um resultado que gera retorno dentro e fora de campo.

A dissertação também revelou como a evolução dos jogadores multiculturais em seleções nacionais ao longo dos anos caminhou de forma similar ao crescimento e às conquistas sociais que as populações migrantes nos países europeus alcançaram. É interessante notar que, nos quatro países estudados, o futebol e os progressos atingidos pelos imigrantes e seus descendentes caminharam lado a lado e este pode ser sim um motivo para o fato de essas equipes miscigenadas existirem. Na França, que sempre se destacou pela população estrangeira no decorrer de sua história, negros e magrebinos já faziam parte da seleção nacional desde a década de 1930. Em comparação à Alemanha, a presença dos descendentes só se tornou maior nas convocações da *Mannschaft* depois do afrouxo das leis sobre dupla cidadania que permitiu mais autonomia aos atletas desse perfil. A Holanda que revolucionou taticamente o futebol na Copa do Mundo de 1974 com o carrossel holandês, composto apenas por futebolistas brancos, viu sua população se tornar cada vez mais multicultural assim como sua seleção que continuou praticando um futebol vistoso desta vez com jogadores de origem imigrante, principalmente do Suriname. E em Portugal, que não diferencia oficialmente seus cidadãos por raça e etnia, o protagonismo no futebol é do negro Eusébio, principal símbolo da política de “harmonia multirracial” do regime salazarista.

Esse reconhecimento de espaço aos atletas de origem estrangeira é positivo considerando o ponto de vista das minorias étnicas porque os mesmos acabam se tornando vitrine e espelho para jovens destes grupos buscarem inspiração e melhores oportunidades de vida. O triunfo desses jogadores e o auxílio de políticas de integração social por meio do esporte ajudam garotos e garotas a se empenhar na busca por uma chance pelo futebol. Todavia, ao mesmo tempo, também há o lado negativo da situação em que os atletas acabam sendo alvo de manifestações de intolerância por parte de parcelas reacionárias da população que não aceita seu sucesso.

Citado no capítulo 3 desta pesquisa, a implantação da Lei Bosman também tem parte da responsabilidade pela formação dessas novas identidades nacionais. A ratificação da regra, que ajudou os jogadores a ter maior independência em relação aos clubes, também permitiu

uma maior circulação de atletas pelo continente. Isso fez com que times tivessem cada vez mais elencos multiculturais, promovessem um intercâmbio maior de cultura e criassem a sensação de um futebol global, com centenas de nacionalidades disputando uma mesma liga nacional.

A grande concentração de jogadores estrangeiros nas principais ligas da Europa gera mais receita comercial aos clubes, mas este maciço intercâmbio futebolístico também é motivo de reclamação. Os críticos alegam que o alto número de estrangeiros reduz o espaço dos mais jovens e das futuras promessas da base que enfrentarão mais dificuldades para se firmar profissionalmente, embora existam leis protegendo esses atletas. Esse tipo de discurso também é reproduzido no cotidiano da sociedade quando cidadãos alegam que os estrangeiros “tomam o emprego dos trabalhadores locais”.

Essa retórica foi bastante explorada no decorrer desta década por partidos e políticos nacionalistas que adotaram o discurso do medo, do racismo e da xenofobia para marcar posição perante alas mais liberais e progressistas como foi exposto nos capítulos 2 e 5. Este tipo de pregação comumente ganha adeptos no interior e em cidades menores da Europa, áreas que não tiveram tanto contato com indivíduos de outra cultura. As grandes metrópoles, cosmopolitas e com população multicultural, dificilmente endossam este pensamento.

Para Hall, este tipo de raciocínio que busca um isolamento e certa pureza cultural é um perigo bastante real em um mundo cada vez mais diverso e globalizado:

Já que a diversidade cultural é, cada vez mais, o destino do mundo moderno, e o absolutismo étnico, uma característica regressiva da modernidade tardia, o maior perigo agora se origina das formas de identidade nacional e cultural – novas e antigas – que tentam assegurar a sua identidade adotando versões fechadas da cultura e da comunidade e recusando o engajamento. [...] nos difíceis problemas que surgem quando se tenta viver com a diferença (BAUMAN, 2005, p. 105).

No futebol, às vezes é possível ver um conflito interno em alguns torcedores que ao mesmo tempo em que apoiam seu clube cada vez mais internacionalizado, criticam o aumento de imigrantes na sociedade que serão seus concorrentes no mercado de trabalho. Também há o caso dos adeptos que lamentam a perda do que Giulianotti (2010, p. 55-56) chama de “estrutura de sentimento”, que é quando um clube passa a se tornar global e perde parte seu vínculo com torcedores locais, mirando cada vez mais mercados externos que podem lhe render mais dinheiro.

Esse sentimento também pode acontecer com seleções nacionais. Um exemplo é o Brasil que, com exceção da época das Copas do Mundo, tem uma relação fria entre torcedor e seleção, mas que durante o Mundial literalmente interrompe suas atividades para torcer e acompanhar os jogos da equipe brasileira (FREITAS; TRIGO, 2016b, p. 384). Os principais

motivos para este afastamento são as negociações precoces de seus principais atletas que deixam o país muito cedo e não criam vínculos afetivos com o público local e os diversos amistosos realizados distante de seus fãs normalmente nos Estados Unidos ou Europa, sem falar nos escândalos de corrupção envolvendo confederações e dirigentes.

No futebol, um dos efeitos dessa perda de “estrutura de sentimento” é o fato de alguns indivíduos passarem a se identificar com clubes distantes de seus países. E não há nada de errado com isso, afinal com o esporte se tornando algo cada vez mais gigantesco e transnacional é normal que principalmente as novas gerações se interessem por equipes que acompanham apenas pela TV ou internet. E como já citado ao longo da dissertação e por vários autores a identidade é algo único e híbrido, estando sempre em constante mudança e se adaptando conforme as circunstâncias. Esse hibridismo da identidade também acontece com jogadores das seleções multiculturais estudadas, principalmente com os de segunda geração que também acabam absorvendo afinidades com a pátria dos pais.

Por fim, é possível concluir que o aumento do número de atletas multiculturais nas seleções de futebol da União Europeia se deu por diferentes fatores como o crescimento da população imigrante nos países do continente ao longo do século XX, a contínua internacionalização do futebol europeu, apoiado em legislações da FIFA e da UEFA (além de intensificada pelo mercado econômico que impulsionou o intercâmbio entre atletas, países e culturas gerando uma maior aproximação entre as partes) e principalmente pelas conquistas sociais que essas minorias conseguiram com o passar do tempo por meio de programas de inclusão social, racial, étnica e educacional pelo esporte e da promulgação de leis sobre cidadania que visaram integrar essa população à sociedade da Europa apesar das diferenças culturais.

Mais uma vez, reforça-se a afirmação de que o futebol, além de instrumento social e cultural, é um espelho da sociedade e que seus efeitos sempre irão se refletir nela como esta dissertação sustentou ao longo destas páginas. Segundo Toledo:

Seguramente, o futebol reúne muitos níveis, temas e dimensões das sociedades contemporâneas: o cosmopolitismo de sua prática, a política, as formas de organização, os interesses econômicos, discriminações raciais, a expansão do fenômeno da violência urbana (TOLEDO, 2000, p. 30).

Concordo integralmente com Carvalho quando afirma que a universalidade e a capacidade de mobilização do futebol desmontam argumentos preconceituosos de que a modalidade anestesia e afasta o cidadão da realidade. Trata-se de uma visão que subestima o poder que o esporte tem. Afinal, o futebol é a vida real (CARVALHO, 2012b, p. 76).

Dessa forma, defendo que o esporte pode ser um importante campo de estudo para as questões das Ciências Humanas, Sociais e dos Estudos Culturais. É possível interpretá-lo por meio de seu fascínio cultural, poder de integração, responsabilidades sociais e de suas diferentes modalidades que muitas vezes estão associadas à história e presentes na cultura e no imaginário popular de diversos países. Durante os Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro, pude presenciar pessoalmente um momento especial que jamais irei esquecer. Aconteceu na cerimônia de abertura quando a pequena delegação dos refugiados entrou no estádio do Maracanã empunhando a bandeira do Comitê Olímpico Internacional. Ver o público todo em pé, inclusive eu, para aplaudir esses bravos atletas que passaram por desafios inimagináveis para chegar até aquele momento mostra como o esporte não deve jamais ser relegado a algo sem importância.

O esporte pode ser utilizado como uma espécie de laboratório natural para a exploração de propriedades das relações sociais (ELIAS, DUNNING, 1992, p. 17-18) e, como afirma o sociólogo do esporte Barrie Houlihan (1994), trata-se do fenômeno cultural mais importante do século XX e um elemento vital no processo de globalização da cultura. Há algumas décadas, Bourdieu (2004, p. 207) afirmou que existem pessoas que conhecem muito bem o esporte na forma prática, mas não sabem falar dele e que existem pessoas que o conhecem mal na forma prática e que poderiam falar dele, mas que não se dignam a fazer ou quando a fazem é de forma indiscriminadamente. Eram outros tempos com pouca produção acadêmica sobre o assunto no âmbito das Ciências Humanas e Sociais. Hoje, há mais trabalho e mais pessoas dispostas a falar de futebol e de esporte o que é algo bastante positivo.

Essa dissertação mostrou por meio do estudo sobre o crescimento das seleções multiculturais de futebol da União Europeia que é possível relacionar o esporte com os Estudos Culturais, que tem um caráter interdisciplinar, diversificado e busca investigar as constantes variações da sociedade. Como legado, espero que essa dissertação de mestrado ao trazer o futebol e o esporte para o campo de pesquisa dos Estudos Culturais possa colaborar para futuros estudos sobre esse tema fascinante que, assim como o mundo, continua em permanente transformação.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, B. *Comunidades imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BAUMAN, Z. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- _____. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- _____. *Europa: uma aventura inacabada*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- BETING, M. *As melhores seleções estrangeiras de todos os tempos*. São Paulo: Contexto, 2010.
- BONIFACE, P. (Org.). *Géopolitique Du Football*. Bruxelles: Editions Compelxe, 1998.
- BOURDIEU, P. Como é possível ser esportivo? In: _____. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p. 136-163.
- _____. Programa para uma sociologia do esporte. In: _____. *Coisas Ditas*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004, p. 207-220.
- BREUIL-GENIER, P.; BORREL, C.; LHOMMEAU, B. Les immigrés, les descendants d'immigrés et leurs enfants. Insee: Vue d'ensemble - Portrait de la population. *France, Portrait Social* - édition 2011, p. 33-39, 2011.
- BROCHAND, P. Économie, diplomatie et football. In: _____. *Géopolitique Du Football*. Bruxelles: Editions Compelxe, 1998, p. 73-80.
- CAILLE J. P.; COSQUÉRIC A.; MIRANDA É.; VIARD-GUILLOT, L. La réussite scolaire des enfants d'immigrés au collège est plus liée au capital culturel de leur famille qu'à leur passé migratoire. Insee Références Dossier édition 2016. *France, Portrait Social*, p. 87-106, 2016.
- CANCLINI, N. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 2008.
- CARDÃO, M. Um significante instrumental. Eusébio e banalização do lusotropicalismo na década de 1960. In: DRUMOND, M. et al. (Orgs.). In: *Esporte, Cultura, Nação, Estado: Brasil e Portugal*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014, p. 172-188.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, R. *Caminhos da identidade: ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- CARVALHO, J. E. de. *Geopolítica: 150 anos de futebol*. São Paulo: Sesi-SP Editora, 2012a.
- _____. *O Jogo: 150 anos de futebol*. São Paulo: Sesi-SP Editora, 2012b.
- _____. *Dinheiro: 150 anos de futebol*. São Paulo: Sesi-SP Editora, 2013.

COELHO, R. C. *Os franceses*. São Paulo: Contexto, 2010.

CONN, D. *The Beautiful Game? Searching for the Soul of Football*. London: Yellow Jersey Press, 2005.

DA MATTA, R. *Universidade do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira* Rio de Janeiro, Pinakotheke, 1982.

DAMO, A. S. *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. Tese de doutorado apresentada para obtenção do título de doutor junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

DOMINGOS, N. O lugar de Eusébio na “grande sociedade portuguesa”. In: DRUMOND, M. et al. (Orgs.). *Esporte, Cultura, Nação, Estado: Brasil e Portugal*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014, p. 156-171.

ELIAS, N. *Os Alemães: a Luta Pelo Poder e a Evolução do Habitus nos Séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1997.

ELIAS, N.; DUNNING, E. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2000.

EUROSTATS. *Migrants in Europe: A statistical portrait of the first and second generation*. Luxembourg: Publications Office of the European Union, 2011.

FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: Editora EDUFBA, 2008.

FAUGÈRE, A.; BOUVET B. L'accès à un travail et des conditions d'emploi plus difficiles pour les immigrés. Insee *Analyses Auvergne-Rhône-Alpes*, n. 22, p.1-4, septembre 2016.

FOER, F. *Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

FRANCO JÚNIOR, H. *A dança dos deuses: futebol, cultura e sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FREIXO, A. *Futebol: O outro lado do jogo*. São Paulo: Desatino, 2014.

GALEANO, E. *Futebol ao sol e a sombra*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2013.

GARCIA, B. UEFA and the European Union: from confrontation to co-operation? Loughborough university: *Journal of Contemporary European Research*, vol. 3, n. 3, p. 202-223, 2007.

GASTAUT, Y. *Le métissage par le foot: L'integration, mais jusqu'où?* Paris: Éditions Autrement, 2008.

GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

_____. *Mundo em descontrole*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

_____. *Continente turbulento e poderoso: qual o futuro da Europa?* São Paulo: Editora Unesp, 2014.

GIULIANOTTI, R. *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

HABERMAS, J. Lutas pelo reconhecimento no estado democrático constitucional. In: TAYLOR, Charles; et al. *Multiculturalismo: examinando a política de reconhecimento*. Lisboa: Instituto Piaget, 1998, p. 125-164.

_____. *Sobre a constituição da Europa: um ensaio*. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

HALL, S. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Brasília: Editora UFMG, 2003.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

HOBSBAWM, E. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *Globalização, democracia e terrorismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

HOBSBAWM, E; RANGER, T. (Orgs.). *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

HOULIHAN, B. *Sport and International Politics*. New York: Harvester Wheatsheaf, 1994.

HUNTINGTON, S. *O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. *A População Estrangeira em Portugal – 2011*. Serviço de Comunicação e Imagem, 2012.

LIMA, S. D. L. M. União Europeia e Multiculturalismo: a construção de uma nova realidade mundial. *XIX Encontro Nacional do CONPEDI*, Fortaleza, 2010. Anais do XIX Encontro Nacional do CONPEDI. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2010, p. 3564-3571.

MACHADO, F. A. *Futebol e nacionalismo no pós-Guerra Fria: uma abordagem das relações internacionais*. Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Relações Internacionais. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

MASCARENHAS, G. *Entradas e bandeira: a conquista do Brasil pelo futebol*. Rio de Janeiro. EdUERJ, 2014.

NICOLAAS, H; OOJEVAAR, J. European foreigners in the Netherlands and Dutch foreigners in Europe. *Dutch Census 2011 - Analysis and Methodology*. Statistics Netherlands, The Hague/Heerlen, 2014, p. 49-60.

PANENKA. No necesitas um color de piel para segregar a las personas. *Revista Panenka*, Barcelona, n. 12, p. 32-35, outubro 2012.

PECEQUILO, C. S. *A União Europeia: os desafios, a crise e o futuro da integração*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.

PFEIL, U. *Football et identité: en France et en Allemagne*. Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires du Septentrion, 2010.

POINSOT, M. Pour le Mondial 2010. La fin de la génération “Black-blanc-beur”? Entretien avec Yvan Gastaut, réalisé par Marie Poinot. *Hommes et migrations* [En ligne], n. 1285, p. 6-11, 2010.

POUTIGNAT, P.; STREIFF-FERNART, J. *Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Frederik Barth*. São Paulo: Ed. UNESP, 2011.

SAID, E. W. *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SAYAD, A. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: EdUSP, 1998.

STASI, B. Le football: aventure personnelle et phénomène de société. *Géopolitique Du Football*. Bruxelles: Editions Compelxe, 1998, p. 127-132.

SUPPO, H. Reflexões sobre o Lugar do Esporte nas Relações Internacionais. *Contexto Internacional*, Rio de Janeiro, vol. 34, n. 2, p. 397-433, julho/dezembro 2012.

TAYLOR, C. *Multiculturalismo: examinando a política de reconhecimento*. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TOLEDO, L. H. de. *Lógicas no Futebol: Dimensões simbólicas de um esporte nacional*. Tese apresentada como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Antropologia. São Paulo: USP, 2000.

VERMEULEN, H. *Imigração, integração e a dimensão política da cultura*. Edições Colibri, Lisboa, 2001.

WALLRAFF, G. *Cabeça de turco: uma viagem aos porões da sociedade alemã*. Rio de Janeiro: Globo, 1989.

WILLIAMS, R. *Cultura e Materialismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

WINNER, D. *Brilliant Orange: The Neurotic Genius of Dutch Football*. London: Bloomsbury, 2010.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: DA SILVA, T. T. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 7-72.

Website

ALMEIDA, M. A. B. de; GUTIERREZ, G. Esporte e Sociedade. *Lecturas Educación Física y Deportes*, Buenos Aires, v. 14, n. 133, p. 1, junho 2009. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd133/esporte-e-sociedade.htm>>.

FREITAS, G. S. P. de; TRIGO, L. G. G. FC Barcelona e Athletic Club: o futebol como orgulho nacionalista. *Lecturas, Educación Física y Deportes, Buenos Aires*, v. 20, n. 213, p. 1, 2016a. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd213/fc-barcelona-e-athletic-club-orgulho-nacionalista.htm>>.

_____. O futebol como elemento da identidade nacional brasileira. *Estudos Interdisciplinares em Sociologia do Esporte - III EPSE - Aspectos Filosóficos, Sociais, Políticos e Econômicos*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2016b, p. 369-384. Disponível em: <<http://200.144.182.130/ludens/index.php/pt/acervo/biblioteca-ludens/375-edicoes-disponiveis-em-formato-e-book>>.

Documentos e órgãos oficiais

CBS. *Bevolking; generatie, geslacht, leeftijd en herkomstgroepering, 1 januari*. Disponível em <<http://statline.cbs.nl/StatWeb/publication/?DM=SLNL&PA=37325&D1=0&D2=a&D3=0&D4=0&D5=a&D6=l&HDR=G2,G3&STB=G1,G5,T,G4&VW=T>>.

_____. *Dakloos: vaker jong en niet-westers*. Disponível em: <<https://www.cbs.nl/nl-nl/nieuws/2016/51/dakloos-vaker-jong-en-niet-westers>>.

_____. *Grote verschillen in scores op eindtoets groep 8*. Disponível em: <<https://www.cbs.nl/nl-nl/nieuws/2016/47/grote-verschillen-in-scores-op-eindtoets-groep-8>>.

_____. *Population, households and population dynamics; from 1899*. Disponível em: <<http://statline.cbs.nl/StatWeb/publication/?DM=SLNL&PA=37556ENG&D1=0-44,53-60&D2=1,11,21,31,41,51,61,71,81,91,101&LA=EN&VW=T>>.

DESTATIS. *2015: Höchststände bei Zuwanderung und Wanderungsüberschuss in Deutschland*. Disponível em: <https://www.destatis.de/DE/PresseService/Presse/Pressemitteilungen/2016/07/PD16_246_12421.html>.

_____. *Ausländische Bevölkerung*. Disponível em: <<https://www.destatis.de/DE/ZahlenFakten/GesellschaftStaat/Bevoelkerung/MigrationIntegration/AuslaendischeBevolkerung/Tabellen/Geschlecht.html>>.

_____. *Population based on the 2011 Census.* Disponível em: <https://www.destatis.de/EN/FactsFigures/SocietyState/Population/CurrentPopulation/Tables/Census_SexAndCitizenship.html>.

_____. *Population by migrant background and highest general school certificate.* Disponível em: <https://www.destatis.de/EN/FactsFigures/SocietyState/Population/MigrationIntegration/Tables_PersonsMigrationBackground/MigrantStatusHighestGeneralSchoolCertificate.html> .

_____. *Population by migrant background and highest vocational qualification attained.* Disponível em: <https://www.destatis.de/EN/FactsFigures/SocietyState/Population/MigrationIntegration/Tables_PersonsMigrationBackground/MigrantStatusVocationalQualification.html>.

_____. *Population by migrant background and sex 2005-2015.* Disponível em: <https://www.destatis.de/EN/FactsFigures/SocietyState/Population/MigrationIntegration/Tables_PersonsMigrationBackground/TablesMigrationStatusSex.html>.

_____. *Zensus 2011: 80,2 Millionen Einwohner lebten am 9. Mai 2011 in Deutschland.* Disponível em: <https://www.destatis.de/DE/PresseService/Presse/Pressemitteilungen/2013/05/PD13_188_121.html>.

EUROPEAN COURT JUDGMENT, *Jean-Marc Bosman v. Union Royale Belge des Sociétés de Football Association*, 15 December 1995, Case 415/93, ECR, [1995] P. I-4921. Disponível em: <<http://eur-lex.europa.eu/legal-content/EN/TXT/PDF/?uri=CELEX:61993CJ0415&from=EN>>.

EUROSTATS. *Migration and migrant population statistics.* Disponível em: <http://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php/Migration_and_migrant_population_statistics>.

_____. *Migrants integration – Database. Ver Employment rate of first generation of immigrants by sex, age, years of residence and reason for migration.* Disponível em: <<http://ec.europa.eu/eurostat/web/migrant-integration/data/database>>.

_____. *Migrants integration – Database. Ver Obstacles to getting a suitable job by migration status, labour status and citizenship (%).* Disponível em: <<http://ec.europa.eu/eurostat/web/migrant-integration/data/database>>.

_____. *People in the EU - statistics on origin of residents.* Disponível em: <http://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php/People_in_the_EU_%E2%80%93_statistics_on_origin_of_residents>.

_____. *Population on 1 January.* Disponível em: <<http://ec.europa.eu/eurostat/tgm/table.do?tab=table&plugin=1&language=en&pcode=tps00001>>.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE FUTEBOL. *FIFA Statutes: Regulations Governing the Application of the Statutes Standing Orders of the Congress.* August 2014 edition. Disponível em:

<http://www.fifa.com/mm/document/affederation/generic/02/41/81/55/fifastatuten2014_e_neutral.pdf>.

_____. *World Cup Archive*. Disponível em: <<http://www.fifa.com/worldcup/index.html>>.

INSEE. *Étrangers - Immigrés*. Disponível em: <<http://www.insee.fr/fr/statistiques/1906669?sommaire=1906743>>.

_____. *Être né en France d'un parent immigré*. Disponível em: <<http://www.insee.fr/fr/statistiques/1283065>>.

THE GEORGE C. MARSHALL FOUNDATION. *History of the Marshall Plan*. Disponível em: <<http://marshallfoundation.org/marshall/the-marshall-plan/history-marshall-plan/>>.

UNIÃO EUROPEIA. *Consolidated versions of the Treaty on European Union*. Lisbon: 2007. Disponível em: <<http://register.consilium.europa.eu/doc/srv?l=EN&f=ST%206655%202008%20INIT>>.

_____. *Multilinguismo*. Disponível em: <http://europa.eu/pol/mult/index_pt.htm>.

_____. *Países*. Disponível em: <http://europa.eu/about-eu/countries/index_pt.htm>.

_____. *Traité Instituant la Communauté Economique Européenne*. Rome: 1957. Disponível em: <<http://eur-lex.europa.eu/legal-content/FR/TXT/PDF/?uri=CELEX:11957E/TXT&from=PT>>.

Reportagens e sites

AUSWÄRTIGES AMT. *Die Internationale Sportförderung des Auswärtigen Amtes*. Disponível em: <<http://www.sport.diplo.de/content/die-internationale-sportf%C3%B6rderung-des-ausw%C3%A4rtigen-amtes>>.

BBC. *England's first black international footballer*. Disponível em: <http://news.bbc.co.uk/local/nottingham/hi/people_and_places/history/newsid_8649000/8649243.stm>.

BBC BRASIL. *Como bairro em Bruxelas virou 'celeiro de terrorismo' na Europa*. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/11/151116_belgica_atentado_lab>.

CNN. *Dutch Euro 2012 squad face 'monkey chants' in Poland*. Disponível em: <<http://edition.cnn.com/2012/06/08/sport/football/poland-racism-football-netherlands/>>.

COMITÊ OLÍMPICO DE PORTUGAL. *Viver o desporto – Abraçar o futuro*. Disponível em: <<http://comiteolimpicoportugal.pt/viver-o-desporto-abracar-o-futuro/>>.

COMISSÃO EUROPEIA. *Fronteiras inteligentes para reforçar a mobilidade e a segurança*. Disponível em: <http://europa.eu/rapid/press-release_IP-13-162_pt.htm>.

_____. *Portal de Imigração da UE*. Disponível em: <<http://ec.europa.eu/immigration/showContent.do?id=17065>>.

DEUTSCHE WELLE. *Bundestag afrouxa regras para dupla cidadania na Alemanha*. Disponível em: <<http://www.dw.com/pt/bundestag-afrouxa-regras-para-dupla-cidadania-na-alemanha/a-17757592>>.

_____. *Seleção redefine o conceito de "ser alemão"*. Disponível em: <<http://www.dw.com/pt-br/sele%C3%A7%C3%A3o-redefine-o-conceito-de-ser-alem%C3%A3o/a-2062312>>.

DEUTSCHER FUSSBALL-BUND. *Der weg zum weltmeister: heir schreibt Jérôme Boateng*. Disponível em: <<http://www.dfb.de/news/detail/der-weg-zum-weltmeister-hier-schreibt-jerome-boateng-148153/>>.

_____. *Erwin Kostedde: the first black player for Germany*. Disponível em: <<http://www.dfb.de/news/detail/erwin-kostedde-the-first-black-player-for-germany-113645/>>.

_____. *Talentförderung geht nur hand in hand*. Disponível em: <<http://www.dfb.de/sportl-strukturen/talentfoerderung/einfuehrung/>>.

DEUTSCHER OLYMPISCHER SPORTBUND. *Überblick*. Disponível em: <<http://www.integration-durch-sport.de/de/integration-durch-sport/das-programm/ueberblick/>>.

DIALÉTICA TERRESTRE. *[Por Trás do Gol] "Se va a acabar, se va a acabar la dictadura militar!"*. Disponível em: <<http://terrainteressados.blogspot.com.br/2013/03/por-tras-do-gol-se-va-acabar-se-va.html>>.

EL PAÍS BRASIL. *Alemanha vive uma crise de identidade pela chegada dos refugiados*. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2016/03/04/internacional/1457094397_531041.html>.

ESPN BRASIL. *Lado B da Copa: O soldado do futebol que libertou a Argélia e fez um general se render a ele*. Disponível em: <http://espn.uol.com.br/noticia/415144_lado-b-da-copa-o-soldado-do-futebol-que-libertou-a-argelia-e-fez-um-general-se-render-a-ele>.

EXTRA. *Thiago Motta afirma que nunca pensou em jogar pela Seleção Brasileira*. Disponível em: ><http://extra.globo.com/esporte/thiago-motta-afirma-que-nunca-pensou-em-jogar-pela-selecao-brasileira-12919970.html>>.

FOLHA DE S. PAULO. *Clubes ingleses se recusam a participar de campanha contra a homofobia*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/2013/09/1344967-clubes-ingleses-se-recusam-a-participar-de-campanha-contra-a-homofobia.shtml>>.

_____. *Site americano expõe atletas gays nos Jogos e recebe críticas nas redes sociais*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/olimpiada-no-rio/2016/08/1802517-site-americano-expoe-atletas-gays-e-recebe-criticas-de-jornais-e-das-redes-sociais.shtml>>.

_____. *Sucesso da seleção amplia identidade nacional belga*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/folhanacopa/2014/07/1481539-sucesso-da-selecao-amplia-identidade-nacional-belga.shtml>>.

FONDACTION DU FOOTBALL. *Présentation et organisation*. Disponível em: <<http://www.fondactiondufootball.com/presentation/presentation-et-organisation>>.

FOOT À L'ÉCOLE. *À propos*. Disponível em: <<http://footalecole.fff.fr/fr/a-propos>>.

FOUR FOUR TWO. *Why it took so long for Germany's team to become multi-cultural*. Disponível em: <<http://www.fourfourtwo.com/features/why-it-took-so-long-germanys-team-become-multi-cultural>>.

GAZETA ESPORTIVA. *Fifa multa Chile e Argentina por homofobia nos estádios*. Disponível em: <<http://www.gazetaesportiva.com/irlanda/fifa-multa-chile-e-argentina-por-homofobia-nos-estadios/>>.

HUFFINGTON POST. *Le racisme en France étudié à la loupe: se sentir Français mais ne pas l'être pour les autres*. Disponível em: <http://www.huffingtonpost.fr/2016/01/08/se-sentir-francais-racisme-france_n_8928736.html>.

KONINKLIJKE NEDERLANDSE VOETBALBOND. *Maatschappelijke projecten*. Disponível em: <<http://www.knvb.nl/over-ons/maatschappelijke-projecten>>.

MINISTÈRE DE LA VILLE, DE LA JEUNESSE ET DES SPORTS. *Sport facteur d'inclusion sociale*. Disponível em: <<http://www.sports.gouv.fr/pratiques-sportives/le-sport-pour-tous/Education-insertion-11073/article/Le-sport-facteur-d-inclusion-sociale>>.

MUSÉE NATIONAL DE L'HISTOIRE DE L'IMMIGRATION. *L'immigration algérienne en France*. Disponível em: <<http://www.histoire-immigration.fr/dossiers-thematiques/caracteristiques-migratoires-selon-les-pays-d-origine/l-immigration-algerienne>>.

O ESTADO DE S. PAULO. *Trabalhadores em greve ameaçaram parar a França a dias da Copa de 1998*. Disponível em: <<http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,trabalhadores-em-greve-ameacaram-parar-a-franca-a-dias-da-copa-de-1998,1174035>>.

OZAP. *Coupe du monde : Les 30 meilleures audiences du football à la télévision française*. Disponível em: <<http://www.ozap.com/actu/les-30-meilleures-audiences-du-football-a-la-television-francaise/453815>>.

PLANET WORLD CUP. *Squads*. Disponível em: <<http://www.planetworldcup.com/index.html>>.

REVISTA ÉPOCA. *“Sou 100% brasileiro e 100% alemão”*, diz Cacau. Disponível em: <<http://colunas.revistaepoca.globo.com/epocadecopa/2010/06/14/sou-100-brasileiro-e-100-alemao-diz-cacau/>>.

SCIOPERO SPORT. *Immigration and French football: A bittersweet relationship*. Disponível em: <<http://scioperosport.com/immigration-french-football-relationship/>>.

SCORESHELF. *World Cup Squads*. Disponível em: <<https://scoreshelf.com>>.

SO FOOT. *Benzema et la Marseillaise, le fantasme du mauvais français*. Disponível em: <<http://www.sofoot.com/benzema-et-la-marseillaise-le-fantasme-du-mauvais-francais-167868.html>>.

SPORTSKEEDA. *Paolo Maldini - The greatest defender of all time*. Disponível em: <<http://www.sportskeeda.com/football/paolo-maldini-ac-milan-greatest-defender-all-time>>.

SPORTV. *Aos 80, maior artilheiro de uma Copa revela: 'Quase joguei no Botafogo'*. Disponível em: <<http://sportv.globo.com/site/programas/sportv-news/noticia/2013/08/aos-80-maior-artilheiro-de-uma-copa-revela-quase-joguei-no-botafogo.html>>.

TERRA. *Extrema-direita pede que Benzema saia da Seleção por não cantar hino*. Disponível em: <<https://esportes.terra.com.br/futebol/extrema-direita-pede-que-benzema-saia-da-selecao-por-nao-cantar-hino,1a09ef76b148d310VgnCLD2000000ec6eb0aRCRD.html>>.

_____. *Português de coração, Pepe é caso raro entre naturalizados*. Disponível em: <<http://esportes.terra.com.br/portugal/portugues-de-coracao-pepe-e-caso-raro-entre-naturalizados,21b7d98c7f7d6410VgnVCM4000009bcceb0aRCRD.html>>.

THE GARDIAN. *Euro 2012: Racist chants at Theodor Gebre Selassie reported*. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/football/2012/jun/09/euro-2012-racist-chants-reported>>.

_____. *Rijkaard finally gets frank*. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/football/2000/jun/25/euro2000.sport5>>.

_____. *The forgotten story of ... the France football captain who murdered for Hitler*. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/sport/blog/2009/nov/16/france>>.

THE TELEGRAPH. *Brexit deal could be reached by October 2018, says lead EU negotiator Michel Barnier*. Disponível em: <<http://www.telegraph.co.uk/news/2016/12/06/eu-brexit-negotiator-michel-barnier-reiterate-no-cherry-picking/>>.

_____. *Euro 2012: Leonardo Bonucci was protecting Mario Balotelli from potential censure by silencing his post-goal rant*. Disponível em: <<http://www.telegraph.co.uk/sport/football/teams/italy/9341680/Euro-2012-Leonardo-Bonucci-was-protecting-Mario-Balotelli-from-potential-censure-by-silencing-his-post-goal-rant.html>>.

TRIVELA. *Manchester United é primeiro clube em coalizão de empresas contra a homofobia*. Disponível em: <<http://trivela.uol.com.br/manchester-united-e-primeiro-clube-em-coalizao-de-empresas-contra-a-homofobia/>>.

_____. *O jogador que pagou caro por sair do armário*. Disponível em: <<http://trivela.uol.com.br/arquivo-o-jogador-que-pagou-carro-por-sair-do-armario/>>.

_____. *Por que a seleção feminina dos EUA recebe menos que a masculina se gera mais dinheiro?* Disponível em: <<http://trivela.uol.com.br/por-que-selecao-feminina-dos-eua-recebe-menos-que-masculina-se-gera-mais-dinheiro/>>.

_____. *Torcida do Lech Poznan boicota jogo na Liga Europa para não ajudar refugiados.* Disponível em: <<http://trivela.uol.com.br/torcida-do-lech-poznan-boicota-jogo-na-liga-europa-para-nao-ajudar-refugiados/>>.

TV GLOBO. *Formação de todos os jogadores da Alemanha começa dentro da escola.* Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2014/05/formacao-de-todos-os-jogadores-da-alemanha-comeca-dentro-da-escola.html>>.

_____. *Jogadores da Eurocopa representam países diferentes dos quais nasceram.* Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5103474/>>.

TV NEWS. *Fête sur les Champs-Élysées après la victoire de la France en Coupe du monde de football.* Disponível em: <<http://fresques.ina.fr/jalons/fiche-media/InaEdu01144/fete-sur-les-champs-elysees-apres-la-victoire-de-la-france-en-coupe-du-monde-de-football.html>>.

UEFA. *Não ao Racismo.* Disponível em: <<http://pt.uefa.org/social-responsibility/respect/no-to-racism/index.html>>.

ANEXO

Tabela com a evolução dos atletas multiculturais nas seleções que compõe hoje a União Europeia entre as Copas do Mundo de 1990 e 2014.

SELEÇÃO	1990	1994	1998	2002	2006	2010	2014
Alemanha	0	1	0	3	5	11	7
Áustria	nm	nm	1	nd	nd	nd	nd
Bélgica	0	1	4	3	nd	nd	12
Bulgária	nm	nm	nm	nm	nm	nd	nd
Chipre	nm	nm	nm	nm	nd	nd	nd
Croácia *	nm	nm	nm	nm	nm	nm	5
Dinamarca	nd	nd	0	1	nd	3	nd
Eslováquia	nm	nm	nm	nm	nd	1	nd
Eslovênia **	nm	nm	nm	nm	nd	0	nd
Espanha	0	0	0	0	3	2	2
Estônia	nm	nm	nm	nm	nd	nd	nd
Finlândia	nm	nm	nd	nd	nd	nd	nd
França	nd	nd	14	15	17	15	17
Grécia	nd	2	nd	nd	nd	3	5
Holanda	9	5	9	nd	9	12	10
Hungria	nm	nm	nm	nm	nd	nd	nd
Irlanda ***	2	1	nd	1	nd	nd	nd
Irlanda do Norte ¹	nd	nd	nd	nd	nd	nd	nd
Itália	1	0	1	0	2	2	4
Letônia	nm	nm	nm	nm	nd	nd	nd
Lituânia	nm	nm	nm	nm	nd	nd	nd
Luxemburgo	nd	nd	nd	nd	nd	nd	nd
Malta	nm	nm	nm	nm	nd	nd	nd
País de Gales ¹	nd	nd	nd	nd	nd	nd	nd
Polônia	nm	nm	nm	nm	0	nd	nd

Portugal	nd	nd	nd	3	5	7	6
Inglaterra **** 1	4	nd	5	10	8	8	9
Escócia ***** 1	3	nd	3	nd	nd	nd	nd
República Tcheca	nm	nm	nm	nm	3	nd	nd
Romênia	nm	nm	nm	nm	nm	nd	nd
Suécia	nm	nm	nd	3	4	nd	nd
TOTAL DE ATLETAS	19	10	37	39	56	64	77

Fonte: Estruturada pelo autor com consultas aos sites da FIFA, Planet World Cup e ScoreShelf

Legendas

nd: não disputou esta edição da Copa do Mundo / **nm:** país até então não membro da União Europeia durante esta Copa do Mundo

* A seleção da Croácia tem diversos atletas que nasceram na época da antiga Iugoslávia e em territórios que hoje são da Bósnia e Herzegovina. Nesta pesquisa de jogadores multiétnicos foram considerados apenas aqueles que não nasceram nesta região, mas tem descendência croata e ou que se naturalizaram.

** Os jogadores da Eslovênia nasceram quando o país ainda integrava a Iugoslávia. Por isso, alguns deles nasceram em outros países que também compunham o antigo país. Esta pesquisa não os considerou como atletas de origem estrangeira.

*** Segundo as leis de cidadania da Irlanda, não importa onde uma pessoa tenha nascido, contanto que o pai ou avô seja um cidadão irlandês. Automaticamente ele também tem direito à cidadania irlandesa. Por isso, muitos jogadores que representaram a Irlanda em Copas do Mundo nasceram no Reino Unido. Esta pesquisa considerou apenas aqueles que têm descendência irlandesa e são de fora do Reino Unido.

**** Alguns jogadores ingleses tem antepassados irlandeses que os possibilitam defender a seleção da Irlanda. Assim como fizemos com a seleção irlandesa esta pesquisa lista apenas os jogadores com origens estrangeiras fora do Reino Unido e também da Irlanda.

***** A maioria dos jogadores com origem estrangeira da Escócia é nascida em outro país do Reino Unido e descendente de escoceses.

¹ Países que compõem o Reino Unido, mas em Copas do Mundo atuam separadamente.